

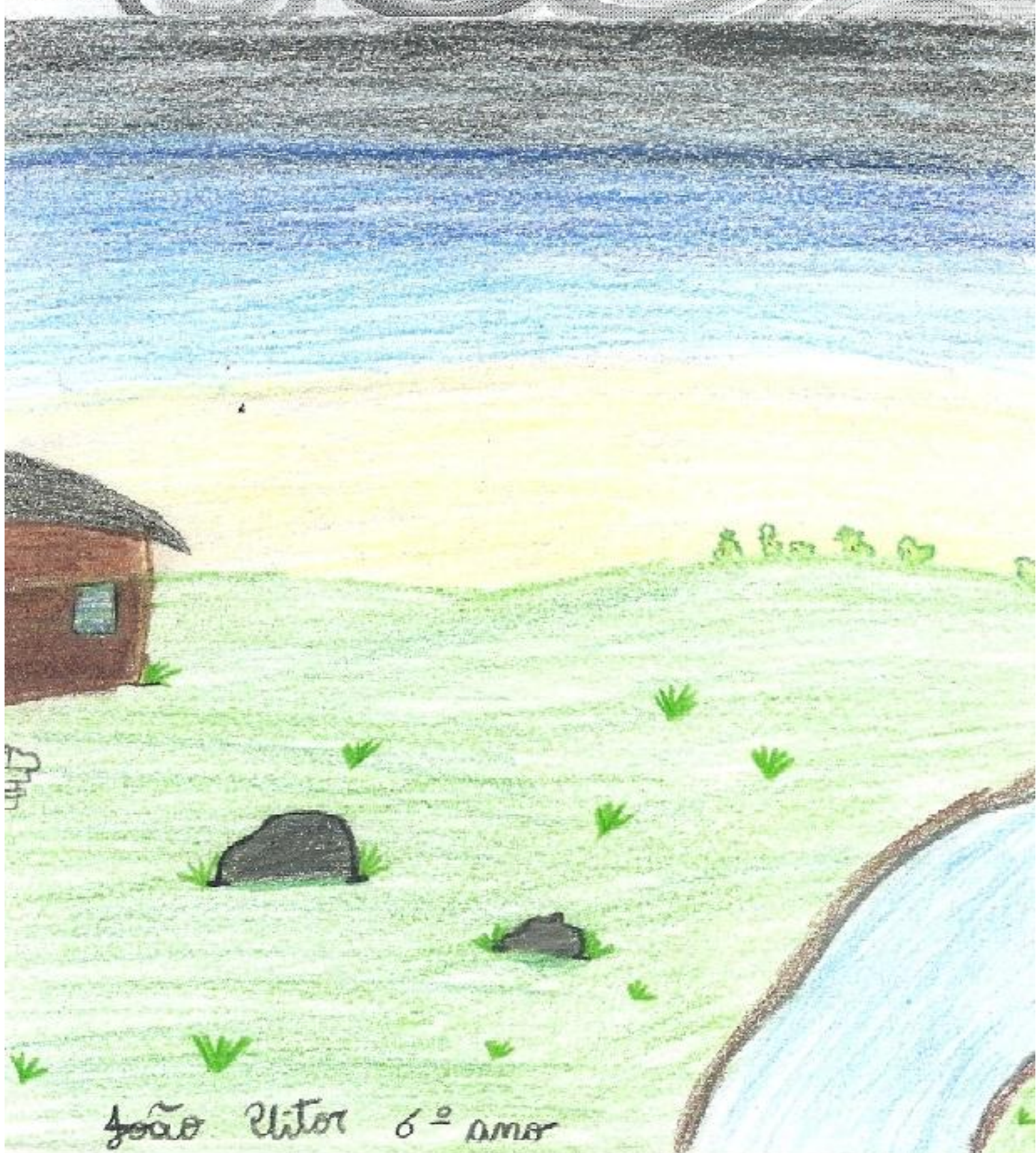
SUMINÁRIO REGIONAL de Educação Básica
ENSINO - pesquisa - políticas públicas

25 A 28

Outubro de 2017



CADERNO de RESUMOS



Apresentação do projeto “Capa, cores e formas”

O projeto “Capa, cores e formas” foi realizado por alunos e alunas do CAP Eseba/UFU, com o objetivo de ilustrar a capa dos cadernos de resumos. Por meio do tema livre, os discentes foram instigados a usar as próprias experiências como referência. A proposta representa o processo de criação de uma composição visual com lápis de cor através do desenho imaginativo, de memória e de criação com o intuito de valorizar a diversidade de ideias e expressões humanas.

No ano em que comemoramos o aniversário de 40 anos da Escola, refletimos sobre os percursos gravados na sua memória, as escolhas, as lutas, a resistência, e as conquistas que tanto nos enche de orgulho, que emergem no cotidiano escolar vivenciado por cada participante, trazendo vida e configurando esta história.

Desejamos continuar a muitas mãos traçando as trajetórias e desenhando novas perspectivas, inspirados naqueles e naquelas que tanto se dedicaram na constituição desta história. Sabemos dos desafios que o contexto atual nos impõe, mas fortalecidos pela convicção na educação pública e de qualidade, seguiremos vislumbrando novas conquistas.

As capas dos cadernos de resumos são exclusivas, são fragmentos desse processo, pois representam, para além da ilustração, a ação expressiva de cada sujeito, ser único, cultural e social que marca este momento por sua inserção criativa e ativa na história do CAP Eseba/UFU.

Comissão Organizadora

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Reitor: Prof. Dr. Valder Steffen Júnior

Vice-Reitor: Prof. Dr. Orlando César Mantese

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG

Presidente: Prof. Dr. Evaldo Ferreira Vilela

Colégio de Aplicação da Escola de Educação Básica da UFU – Cap Eseba/UFU

Diretor: Prof. Dr. André Luiz Sabino

Assessoria: Profa. Titular Analúcia de Moraes Vieira e Profa. Dra. Selma Sueli Santos Guimarães

Coordenação Geral Prof. Dr. André Luis Bertelli Duarte (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Clarice Carolina Ortiz Camargo (CAp Eseba/UFU)	Comissão Científica Profa. Me. Aline Carrijo de Oliveira (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Ana Cláudia Cunha Salum (CAp Eseba/UFU) Prof. Dr. André Luis Bertelli Duarte (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Beloní Cacique Braga (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Carolina N. Dias Nascimento (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Celine Cristina Silva Borges (CAp Eseba/UFU) Prof. Dr. Christian Alves Martins (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Clarice Carolina Ortiz Camargo (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Cláudia Goulart Moraes (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Cláudia Silva Souza (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Daniel dos Santos Costa (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Eliana Aparecida Carleto (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Fátima Aparecida da Silveira Greco (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Flávia Pimenta de S. Carcanholo (CAp Eseba/UFU) Prof. Dr. Getúlio Góis de Araújo (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Giuliana Ribeiro Carvalho (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Janine Cecília Gonçalves Peixoto (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Joice Ribeiro Machado da Silva (CAp Eseba/UFU) Prof. Esp. Jonathan Augusto da Costa (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Juliene Madureira Ferreira (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Kellen Cristina C. Alves Bernardelli (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Klênio Antônio Sousa (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Lavine Rocha Cardoso Ferreira (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Lea Aureliano de Sousa Machado (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Leila Floresta (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Leticia Borges de Oliveira (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Liliane dos Guimarães N. Araújo (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Luciana Soares Muniz (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Luciana Xavier de Castro (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Lucianna Ribeiro de Lima (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Mara Rúbia de Almeida Colli (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Márcia Martins de Oliveira Abreu (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Maria Auxiliadora Cunha Grossi (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Mariza Barbosa de Oliveira (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Núbia Sílvia Guimarães Paiva (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Pâmela Faria Oliveira (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Paula Amaral Faria (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Priscila Gervásio Teixeira (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Priscila Moreira Corrêa Telles (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Raquel Fernandes G. Machado (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Roberta Paula Gomes da Silva (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Rochele Karine Marques Garibaldi (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Rones Aureliano de Sousa (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Vaneide Corrêa Dornelas (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Vanessa de Souza F. Dangelo (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Vanessa Fonseca Gonçalves (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Vilma Aparecida Gomes (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Zaida Barros (CAp Eseba/UFU)
Comissão Organizadora Prof. Dr. André Luis Bertelli Duarte (CAp Eseba/UFU) Prof. Dr. André Luiz Sabino (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Clarice Carolina Ortiz Camargo (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Cláudia Silva Souza (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Daniel Santos Costa (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Joice Ribeiro Machado da Silva (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Leandro Rezende (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Mara Rúbia de Almeida Colli (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Mariane Ellen da Silva (CAp Eseba/UFU)	Comissão de Secretaria, Comunicação e Divulgação Prof. Dr. André Luis Bertelli Duarte (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Ariane de Souza Siqueira (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Beloní Cacique Braga (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Clarice Carolina Ortiz Camargo (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Ínia Franco de Novaes (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Janine Cecília Gonçalves Peixoto (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Kássia Gonçalves Arantes (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Lea Aureliano de Sousa Machado (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Leticia Borges de Oliveira (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Roberta Paula Gomes da Silva (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Vaneide Corrêa Dornelas (CAp Eseba/UFU) Profa. Patrícia Duarte Claudino Alarcon (CAp Eseba/UFU) Profa. Esp. Sumaia Barbosa Franco Marra (CAp Eseba/UFU) TAE Larissa Naves Lourenço Santos (CAp Eseba/UFU) Alba Valeria de Freitas Ramalho da Silva Minisa Nogueira Napolitano Simone Nunes Moraes Dantas Daniella Silvério Faria Kaique Aparecido Gonçalves e Silva
Comissão Produção de Material e Atividades Culturais Profa. Dra. Cláudia Silva Souza (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Daniel Santos Costa (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Leandro Rezende (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Mara Rúbia de Almeida Colli (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Mariza Barbosa de Oliveira (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Tiago Soares Alves (CAp Eseba/UFU)	Comissão Monitoria Profa. Dra. Ana Cláudia Cunha Salum (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Cláudia Goulart Moraes (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Klênio Antônio Sousa (CAp Eseba/UFU) Prof. Ms. Rones Aureliano de Sousa (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Vanessa Fonseca Gonçalves (CAp Eseba/UFU) Profa. Dra. Vilma Aparecida Gomes (CAp Eseba/UFU) TAE Izabel Rozetti Alba Valeria de Freitas Ramalho da Silva Minisa Nogueira Napolitano Simone Nunes Moraes Dantas Bruno Pereira Rodrigues Paola Moreira Soares Mais Carolina Vieira Duarte
	Comissão Finanças Prof. Dr. André Luis Bertelli Duarte (CAp Eseba/UFU) Prof. Dr. André Luiz Sabino (CAp Eseba/UFU) Profa. Me. Clarice Carolina Ortiz Camargo (CAp Eseba/UFU)

PROGRAMAÇÃO

Exposição Fotográfica: Eseba 40 Anos - A história continua
Período para visitação: 25 a 28/10 **Local:** CAP Eseba/UFU

Data: 25 de Outubro de 2017 – Quarta-feira

Local: Anfiteatro Bloco 3Q – Campus Santa Mônica

18h Credenciamento – Saguão do Bloco 3Q

19h Apresentação Cultural: Orquestra Popular do Cerrado (Dicult/UFU)
 Maestro Alexandre Teixeira

Conferência de Abertura: Políticas Públicas para Educação Básica: ensino e pesquisa

Conferencista: Profa. Dra. Maria Valéria Barbosa UNESP/Marília

Data: 26 de Outubro de 2017 – Quinta-feira

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU – Salas e Anfiteatro

8h Oficinas Pedagógicas com Discentes do CAP Eseba/UFU

 Docentes CAP Eseba/UFU, Docentes Convidados/as, Familiares,
 Bolsistas PROGRAD e PIBID, Estagiários/as e Técnicos/as

9h30 Intervalo Cultural com Discentes do 1º Ciclo do CAP Eseba/UFU

 Apresentação Musical: Drikko Ribeiro e Banda Capitão Jones

10h Retorno das Oficinas Pedagógicas com Discentes do 1º Ciclo do CAP Eseba/UFU

10h Intervalo Cultural com Discentes dos 2º, 3º e 4º Ciclos do CAP Eseba/UFU

 Apresentação Musical: Drikko Ribeiro e Banda Capitão Jones

10h30 Retorno das Oficinas Pedagógicas com Discentes dos 2º, 3º e 4º Ciclos do CAP Eseba/UFU

11h30 Encerramento das Oficinas Pedagógicas com Discentes do CAP Eseba/UFU

14h Grupos de Trabalhos (GT's) e Oficinas Pedagógicas com Profissionais da Educação

 Docentes CAP Eseba/UFU, Docentes Convidados/as, Bolsistas
 PROGRAD e PIBID, participantes inscritos/as

18h Encerramento dos GT's e Oficinas Pedagógicas com Profissionais da Educação

19h Intervenção Cultural

 Reperformando "Empty Gestures" - Getúlio Góis (CAP Eseba/UFU)

19h30 Mesa Redonda: Políticas Públicas para a Educação Básica

 Profa. Dra. Gislene Alves do Amaral (FAEFI/UFU)

 Profa. Dra. Ínia Franco de Novaes (CAP Eseba/UFU)

 Prof. Dr. Vandeí Pinto da Silva (UNESP/Marília)

Data: 27 de Outubro de 2017 – Sexta-feira

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU – Salas e Anfiteatro

- 8h Oficinas Pedagógicas com Discentes do CAP Eseba/UFU
 Docentes CAP Eseba/UFU, Docentes Convidados/as, Familiares,
 Bolsistas PROGRAD e PIBID, Estagiários/as e Técnicos/as
- 9h30 Intervalo Cultural com Discentes do 1º Ciclo do CAP Eseba/UFU
 Apresentação Musical: Violeira - Amanda Nunes Teixeira
 Apresentação de Dança: Anjos da Dança - Fábio Vladimir
 Roda de capoeira: Grupo Abadá Capoeira - Instrutor Sardinha
- 10h Retorno das Oficinas Pedagógicas com Discentes do 1º Ciclo do CAP
 Eseba/UFU
- 10h Intervalo Cultural com Discentes dos 2º, 3º e 4º Ciclos do CAP Eseba/UFU
 Apresentação Musical: Violeira - Amanda Nunes Teixeira
 Apresentação de Dança: Anjos da Dança - Fábio Vladimir
 Roda de capoeira: Grupo Abadá Capoeira - Instrutor Sardinha
- 10h30 Retorno das Oficinas Pedagógicas com Discentes dos 2º, 3º e 4º Ciclos
- 11h30 Encerramento das Oficinas Pedagógicas com Discentes do CAP Eseba/UFU
- 14h Grupos de Trabalhos (GT's) e Oficinas Pedagógicas com Profissionais da
 Educação
 Docentes CAP Eseba/UFU, Docentes Convidados/as, Bolsistas
 PROGRAD e PIBID, participantes inscritos/as
- 18h Encerramento dos GT's e Oficinas Pedagógicas com Profissionais da Educação
- 19h Intervenção Cultural – Saguão Interno da Biblioteca Central – Campus Santa
 Mônica/UFU
 Sarau "Sons Poéticos"

Data: 28 de Outubro de 2017 – Sábado

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU – Anfiteatro

- 8h20 Intervenção Cultural
 Apresentação musical: Dorinha Grossi
- 8h30 Mesa Redonda: "Ensino e Pesquisa na Educação Básica"
 Profa. M^a. Claudia Gumerato (CAP Eseba/UFU)
 Profa. Dra. Gercina Santana Novais (PPGED/UFU)
 Profa. M^a. Maísa Gonçalves da Silva (CAP ESEBA/UFU)
- 11h Intervenção Cultural
 Apresentação de Dança Inclusiva - Coreografia: Karolina Cordeiro
- 11h15 Encerramento I Seminário Regional da Educação Básica

OFICINAS PEDAGÓGICAS COM DISCENTES DO CAP ESEBA/UFU

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 8h as 11h30

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

OFICINAS DISCENTES CAP ESEBA/UFU	PROponentes	PÚBLICO ALVO	SALA	DATA	Nº DE VAGAS
Relações sustentáveis entre pais e filhos	Ana Cláudia Fagundes 2 palestras 8h-9h30 e 10h-11h30	Pais e Mães alunos	242	27/10	20
Construção de brinquedos com sucatas	Priscila Gervásio Teixeira e Núbia Silva Guimarães Paiva	Educação Infantil	104/102	26/10	15
				27/10	15
Construção de massinhas e pinturas	Pâmela Faria Oliveira e Flávia Pimenta de Souza Carcanholo	Educação Infantil	105/103	26/10	15
				27/10	15
Jogos de Tabuleiro	Vanessa de Souza Ferreira D'Angelo e Celine Cristina Silva Borges	Educação Infantil	115/111	26/10	15
				27/10	15
Contação de Histórias: fantoques e dedoches	Rochelle Karine Marques Garibaldi, Aline Pires de Moraes e Fabiana de Oliveira Gomide	Educação Infantil	116/114	26/10	15
				27/10	15
Vivências musicais: experimentações sonoras a partir da construção de instrumentos	Johnatan Augusto da Costa Alves	Educação Infantil e 1º Ano	119 Espaço Cultural	26/10	20
				27/10	20
Contação de História: uma experiência literária	Joice Ribeiro Machado da Silva, Vaneide Correa Dornellas, Letícia Borges de Oliveira e Patrícia Duarte Claudino Alarcon	Educação Infantil 1º ao 5º Ano	214/215	26/10	20
				27/10	20
Criação de jogos, música e dobradura: lembrar e criar	Luciana Soares Muniz, Eliana Aparecida Carleto, Mariane Ellén da Silva	1º ao 5º Ano	218/217	26/10	20
				27/10	20
Jogos Pedagógicos: aprender brincando.	Clarice Carolina Ortiz de Camargo, Lea Aureliano e Janine Cecília Gonçalves Peixoto	1º ao 5º Ano	222/223	26/10	20
				27/10	20
O circo da Eseba chegou: vamos fazer malabares e acrobacias?	Leandro Rezende, Ana Carolina M. Meireles, Lorraine Gomes Rezende e Paulo César de Oliveira Jr.	2º Ano	Sala de Ginástica	26/10	20

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

OFICINAS DISCENTES CAP ESEBA/UFU	PROPONENTES	PÚBLICO ALVO	SALA	DATA	Nº DE VAGAS
O circo da Eseba chegou: vamos fazer equilibrar e contorcer?	Leandro Rezende, Ana Carolina Martins Meireles, Lorraine Gomes Rezende e Paulo César de Oliveira Júnior	2º Ano	Sala de Ginástica	27/10	20
Oficina de Judô	Tiago Soares e Vagner Matias do Prado	3º Ano	Refeitório Eseba/UFU FAEFI	26/10	15
As bibliotecas e a valorização da diversidade da cultura negra	Valdenice de Fátima Faria e equipe biblioteca Cap Eseba/UFU	3º Ano	Sala da Biblioteca 207	27/10	20
Canto do povo de um lugar	Gaspar Rodrigues	3º, 4º e 5º Ano	146	26/10 27/10	20 20
Oficina de Teatro – Jogos e Expressão Corporal	Ana Vitória Nogueira, Daniel Santos Costa	3º, 4º e 5º Ano	242	27/10 8h-9h	18
O infinito particular no coletivo	Ana Cristina Xavier	4º e 5º Ano	242	27/10 10h- 11h30	18
Aprendizagens musicais na Eseba	Lucielle Arantes	4º Ano	138	26/10 27/10	12 12
Camadas da Terra e atividade vulcânica	Ariane Siqueira	4º e 5º Ano	322 - Lab. Ciências	26/10 27/10	18 18
Rádio Eseba	Rones Aureliano e Getúlio Ribeiro	4º e 5º Ano	304 - Lab. História	26/10 27/10	20 20
O mistério do coelho pensante: literatura e existencialismo mediados pelo gênero história em quadrinhos	Marília Simari Crozara e Pollyanna Honorata Silva	4º e 5º Ano	331 - Lab. Língua Portuguesa	26/10 27/10	15 15
Potencial cognitivo e jogos africanos	Klênio Antônio Souza e Sumaia Barbosa Franco Marra	4º e 5º Ano	234	26/10 27/10	20 20
Oficina de Cross Country	Tiago Soares e Vagner Limiro Coelho	4º e 5º Ano	Refeitório Eseba/UFU FAEFI	27/10	20
Saúde Bucal na Adolescência - Noções básicas, preservação e estética	Tatiane Cunha	4º e 5º Ano	319	26/10 10h- 11h30	16
Atividades investigativas sobre o processo de digestão	Vanessa Fonseca Gonçalves	5º Ano	318 - Lab. Ciências	26/10 27/10	20 20

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

OFICINAS DISCENTES CAP ESEBA/UFU	PROPONENTES	PÚBLICO ALVO	SALA	DATA	Nº DE VAGAS
Literatura e outras artes -Adaptação, tradução e transposição artística	Aline Carrijo de Oliveira	5º, 7º, 8º e 9º Ano	245	26/10	20
				27/10	20
Cores da terra	Mara Rúbia de Almeida Colli, Vanessa de Oliveira Batista, Paula Magna R. Pereira, Larissa Ribeiro Pereira	6º Ano	144	26/10	20
				27/10	20
Criação de máscaras performativas	Getúlio Góis de Araújo e Daniel Santos Costa	6º Ano	Anfiteatro	26/10	38
				27/10	38
Isogravura	Mariza B. Oliveira, Cleiton C. Ferreira, Cléo C. Ferreira, Felipe H. da Silva Sant'Anna, Paula Magna R. Pereira, Laís Martins	6º Ano	140	26/10	20
				27/10	20
Seminário Temático – Séries, Cinema e Animes	Docentes e Discentes dos 7º anos (8 alunos + 4 convidados)	7º Ano	147	26/10	12
Seminário Temático – Games e Informática	Docentes e Discentes dos 7º anos (6 alunos + 4 convidados)	7º Ano	145	26/10	10
Seminário Temático – Saúde, Corpo Humano e Meio Ambiente	Docentes e Discentes dos 7º anos (5 alunos + 4 convidados)	7º Ano	139	26/10	09
Seminário Temático – Animais	Docentes e Discentes dos 7º anos (4 alunos + 4 convidados)	7º Ano	137	26/10	08
Seminário Temático – Esporte e Jogos	Docentes e Discentes dos 7º anos (4 alunos + 4 convidados)	7º Ano	127	26/10	08
Seminário Temático – Curiosidades	Docentes e Discentes dos 7º anos (6 alunos + 4 convidados)	7º Ano	123	26/10	10
Seminário Temático – Séries, Cinema e Animes	Docentes e Discentes dos 7º anos (8 alunos+4 convidados)	7º Ano	147	27/10	12
Seminário Temático – Saúde, Corpo Humano e Meio Ambiente	Docentes e Discentes dos 7º anos (5 alunos + 4 convidados)	7º Ano	145	27/10	09
Seminário Temático – Viagens	Docentes e Discentes dos 7º anos (7 alunos + 4 convidados)	7º Ano	139	27/10	11
Seminário Temático – Esporte e Jogos	Docentes e Discentes dos 7º anos (5 alunos + 4 convidados)	7º Ano	137	27/10	09

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

OFICINAS DISCENTES CAP ESEBA/UFU	PROPONENTES	PÚBLICO ALVO	SALA	DATA	Nº DE VAGAS
Seminário Temático – Relações Humanas, Sociedade e Política	Docentes e Discentes dos 7º anos (8 alunos + 4 convidados)	7º Ano	127	27/10	12
Seminário Temático – Curiosidades	Docentes e Discentes dos 7º anos (6 alunos + 4 convidados)	7º Ano	123	27/10	10
As bibliotecas e a valorização da diversidade da cultura negra	Valdenice e equipe da biblioteca	7º Ano	Sala da Biblioteca 209	26/10	20
Oficina de Cubo Mágico	Pedro Santos Guimarães	7º Ano	317	27/10	15
Palestra NEAB – Núcleo de Estudos Afro- brasileiros	Cíntia Camargo Vianna e Lorena Oliveira	7º Ano	319 – L. Estrangeira	27/10 8h- 9h30	16
Saúde Bucal na Adolescência - Noções básicas, preservação e estética	Tatiane Cunha	7º Ano	319 – L. Estrangeira	27/10 10h- 11h30	16
Pintura com as cores do solo do Cerrado	Suely A. Gomes Moreira	7º, 8º e 9º Ano	130 – Lab. Geografia	26/10	18
				27/10	18
Aprendendo Inglês por meio da música	Kássia Arantes	7º, 8º e 9º Ano	321	26/10	16
				27/10	16
Trakinagem – oficina de cinema	Cristiano Barbosa	7º, 8º e 9º Ano	237	26/10	18
				27/10	18
Primeiros Socorros	Denis William e Yago Hipólito	7º, 8º e 9º Ano	241	26/10	18
				27/10	18
As paisagens da Índia - um convite para vivenciar o diferente o mistério	Hudson Rodrigues Lima	8º e 9º Ano	Sala Biblioteca 209	26/10	18
				27/10	18
Diversidade sexual e inclusão: conhecendo conceitos e direitos, reconhecendo o respeito	Karol Pádua, Ghabriel Honório, Tawane Machado, Jhennyfer Silva, Rafaella Denezine e Paulo Freitag, Douglas Riff (PET Biologia)	8º e 9º Ano	238	26/10	18
				27/10	18
Oficina Wix: criando seu site <small>*Obs.: Os discentes inscritos deverão ter conta de e-mail pessoal</small>	Fernanda Quaresma da Silva, Olávio Bento, Patrícia Riskoski	8º e 9º Ano	326 – Lab. Informática	26/10	10
				27/10	10
Frações: seus sentidos e significados	Ederson Passos e Ângela Cristina dos Santos	8º e 9º Ano	303 - Lab. Matemática	26/10	18
				27/10	18
Adolescência e relacionamentos: “e eu com isso?”	Ana Flávia N. Manfrim Carolina Nascimento Dias e Cláudia Silva de Souza	8º e 9º Ano	224 – Lab. Psicologia	26/10	18
				27/10	18

OFICINAS PEDAGÓGICAS COM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

Oficina 01	Título: Exercitando as múltiplas linguagens na Educação Infantil.	
	Coordenação: Profa. Me. Paula Amaral Faria.	
	Resumo: A partir de experiências como professora e de outros estudos realizados, é possível evidenciar que a comunicação das crianças e dos adultos se dá não apenas por meio de palavras, nem somente por meio da escrita. Mas, do mesmo modo, através de expressões, sensações, sentimentos, silêncios, desenhos, músicas, pinturas, sorrisos, choros, dentre outras tantas possibilidades. Nesse sentido, a oficina apresenta os seguintes objetivos: refletir a respeito das possibilidades expressivas e narrativas das crianças de 4 a 6 anos e seus professores; discutir sobre as práticas pedagógicas que antecipam processos, condizentes ao Ensino Fundamental para a Educação Infantil, sobretudo voltadas para a leitura e escrita; e por fim, tem interesse de, por meio de vivências teórico/práticas, possibilitar aos cursistas a livre expressão por meio de outras linguagens para além da fala e da escrita.	
	Público Alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica.	
	Vagas: 20	Duração: 6 horas
	Data: 26 e 27/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala 119 – Espaço Cultural

Oficina 02	Título: Práticas corporais na escola: experiências em movimento.	
	Coordenação: Prof. Ms. Daniel Santos Costa; Profa. Ma. Patrícia Chavarelli.	
	Resumo: Esta oficina é voltada aos docentes e outros profissionais da educação básica. Através da prática de dança e a exploração do corpo como lugar de experiências, a oficina desperta um espaço para o desenvolvimento de ações práticas voltadas para a percepção corporal. Nesse caminho, o público vivenciará possibilidades de explorações do corpo no espaço, seja como forma de aprimorar a consciência de si através do corpo, seja na exploração e exercícios coreográficos e expressivos. Desse modo, a proposta poderá atravessar cada participante de uma maneira singular, desdobrando e instigando cada um e seus modos de relacionamento com o corpo e as possibilidades expressivas do movimento. Para essa experiência é necessário o uso de roupas confortáveis que permitam o movimento do corpo no espaço.	
	Público alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica sem limite de idade.	
	Vagas: 20	Duração: 2 horas – das 14h as 16h
	Data: 26/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Anfiteatro

Oficina 03	Título: A arte literária infantil: experimentando possibilidades	
	Coordenação: Profa. Esp. Celine Cristina S. Borges; Profa. Me. Letícia Borges de Oliveira; Profa. Me. Núbia Sílvia G. Paiva; Profa. Me. Vanessa de Souza F. Dangelo.	
	Resumo: Esta oficina busca propiciar momentos em que seja possível compartilhar modos de contar histórias praticados na Educação Infantil da Escola de Educação Básica, considerando a leitura literária e o papel da arte literária no desenvolvimento de adultos e crianças. A experimentação de diferentes possibilidades de contato com a literatura pretende provocar nos participantes uma sensibilização acerca da arte literária e de suas frentes no trabalho na Educação Infantil, bem como provocar processos de interações e vivências com essa linguagem. Dentre as diversas possibilidades, ler a história com o livro, dramatizar, dramatizar envolvendo as crianças, usar recursos tais como sombras - objetos - sequência de imagens - caixas de história - avental de histórias são alguns dos elementos que constarão neste trabalho. Desta forma pretende-se ampliar o repertório de histórias para os participantes tendo a arte literária como mais um elemento rico de potencialidades para adultos e crianças na escola.	
	Público alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica.	
	Vagas: 20	Duração: 3 horas
	Data: 26/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala 111

Oficina 04	Título: O caminhar como prática poética	
	Coordenação: Prof. Dr. Getúlio Gois de Araújo; Profa. Dra. Paulina Maria Caon.	
	Resumo: Socializar práticas artísticas do componente curricular “Estágio Supervisionado em Interpretação/Atuação em Espaços Escolares” (Graduação em Teatro) em parceria com a Eseba, onde o espaço escolar da Eseba se configura como ponto de partida para criação teatral contemporânea (performativa, híbrida etc.), gerando várias pequenas ações em vez de se preocupar na constituição de um produto final; Investigar algumas poéticas contemporâneas: derivas a partir da experiência escolar incorporada (embodied) dos participantes. Fruir, estudar e experimentar procedimentos criativos de artistas e grupos/coletivos de criação da contemporaneidade.	
	Público alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica.	
	Vagas: 20	Duração: 3 horas
	Data: 27/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala 138

Oficina 05	Título: Práticas pedagógicas para os alunos público da Educação Especial na Educação Infantil.	
	Coordenação: Profa. Ma. Rochele K. M. Garibaldi; e Profa. Ma. Lavine R. C. Ferreira.	
	Resumo: A oficina tem como intuito promover reflexões sobre as possibilidades de práticas pedagógicas na organização do trabalho docente em prol dos alunos público da Educação Especial na Educação Infantil, enfatizando discussões sobre os seguintes tópicos: escola; professor; atuação da Educação Especial na escola; atendimento Educacional Especializado (AEE); educação Infantil; estratégias diferenciadas; dinâmicas e atividades lúdicas; propostas de adequações pedagógicas.	
	Público alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica.	
	Vagas: 20	Duração: 3 horas
	Data: 27/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala 127

Oficina 06	Título: O (fan)zine como gênero híbrido na interface com a literatura.	
	Coordenação: Profa. Dnd. Aline Carrijo de Oliveira; Profa. Dra. Cláudia Goulart Moraes; Bianca de Moraes; Jéssica Ribeiro Fernandes; Nadja Nobre.	
	Resumo: Considerando a cultura e a língua como fontes de conhecimento e aprendizagem, a inserção de novos gêneros no contexto escolar se torna urgente para que seja possível aproveitar a diversidade cultural e a diversidade de linguagens existentes na escola como insumos que podem favorecer as práticas de produção de textos. Nesse contexto, o fanzine, ou simplesmente zine, surgiu como uma produção alternativa, na qual eram divulgadas reflexões, opiniões e informações relativas a temas pouco abordados pela grande mídia, mas que agradavam aos fãs desses temas (o que deu nome ao gênero: fã de (maga)zine). Como é um gênero produzido de forma artesanal, que mistura em sua produção recortes da mídia impressa, quadrinhos, colagens, desenhos, gravuras, que podem ser grampeados manualmente, editados em computador, reproduzidos em gráfica e, ainda, produzidos com as ferramentas da Internet (fanzine virtual ou e-zine) (ANDRADE & SENNA, 2015), observamos, também, a coexistência de códigos provenientes de linguagens diferentes, como a literatura, a imagem, o sensorio e os recursos tecnológicos para o delineamento do conteúdo temático, da estrutura composicional e do estilo desse gênero. Em função desses fatores, pode-se afirmar que o fanzine é um gênero híbrido, na medida em que a forma como é produzido torna-o um gênero diferente, cujo produto verbal é inovador, próprio de um novo tempo, veiculado por um suporte criativo que atua positivamente “sobre os processos de apropriação e significação por parte dos leitores” (Rocco apud Kensky, 2003, p. 62). Tais propostas podem contemplar um conteúdo jornalístico, histórico, geográfico, econômico, social ou puramente ficcional, desde que seu enredo seja trabalhado pela escrita narrativa (BARBOSA et al., 2014). O fanzine, além de ser uma proposta pedagógica de produção e leitura textual, também é uma ferramenta de publicação mais acessível que o livro e de maior alcance do público local, ação esta que incentiva a sua produção e o interesse dos autores/alunos (CAMPOS, 2009; COSTA & ALBUQUERQUE, 2012). Com base nessas questões, esta oficina pretende: 1) desenvolver uma metodologia de trabalho com o gênero fanzine com o objetivo de incentivar os professores e o público participantes a conhecerem o gênero e utilizarem-no como ferramenta de estímulo à leitura, à produção textual e ao desenvolvimento da criticidade com criatividade. Tal metodologia pode possibilitar a junção da diversidade de contextos de vivência dos alunos com a aprendizagem da escrita, visando, assim, ao desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e do domínio de atitudes e valores, que também se aplicam à língua (e suas variedades), às linguagens e suas combinações e às práticas letradas em suas variedades (ROJO, 2012); 2) compreender o que é um fanzine, situando-o social e historicamente; 3) utilizar as estratégias de planejamento e diagramação para criar um fanzine; 4) criar um fanzine.	
	Público alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica.	
	Vagas: 20	Duração: 3 horas
	Data: 26/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala 313

Oficina 07	Título: O trabalho com projetos pedagógicos e suas possibilidades na Educação Infantil.
	Coordenação: Profa. Me. Núbia Sílvia Guimarães Paiva; Profa. Me. Vanessa de Souza Ferreira Dangelo.

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

	Resumo: Esta oficina busca compartilhar e provocar modos de trabalhar com Projetos Pedagógicos na Educação Infantil da Escola de Educação Básica, considerando que este trabalho instiga as crianças, envolvendo-as na composição curricular de forma significativa. O trabalho por meio de Projetos desencadeia todo um processo de construção de atividades e estratégias que convidam adultos e crianças a buscarem conhecimento, promovendo a iniciação científica de todos os sujeitos, tornando o cotidiano escolar de um modo em geral atraente para as crianças que se envolvem e se sentem partícipes das situações de ensino-aprendizagem. Esse modo de trabalhar na escola de Educação infantil considera a criança sujeito ativo em seu processo de construção do conhecimento. Por ser esta uma prática constante no trabalho com as crianças da Educação Infantil, consideramos relevante trazer esta temática para as discussões desencadeadas no evento.	
	Público alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica.	
	Vagas: 20	Duração: 3 horas
	Data: 27/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala104

Oficina 08	Título: Cultura africana: diálogo sobre a prática pedagógica e a construção de recursos didáticos.	
	Coordenação: Profa. Me. Beloní Cacique Braga; Profa. Dra. Eliana Aparecida Carneiro.	
	Resumo: A lei define a necessidade do ensino da cultura afro brasileira nas escolas, mas torna-la viável e no contexto escolar é um desafio para os professores. Precisamos reconhecer que há uma formação descendente da nossa cultura a partir da África e existem diversas possibilidades de abordagem na escola. Para além da informação é necessário o planejamento de um trabalho pedagógico que priorize o respeito, a vivência e uma linguagem adequada para as crianças da educação básica. A presente oficina tem como proposta a apresentação da temática da cultura africana, dos costumes e da educação no Mali/África; possibilitando a leitura de imagens fotográficas e vídeos, destacando títulos da literatura infantil brasileira com abordagem sobre a temática e a construção e elaboração de recursos pedagógicos para o ensino na educação básica.	
	Público alvo: Docentes e profissionais da Educação Básica.	
	Vagas: 20	Duração: 6 horas
	Data: 26 e 27/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala 310

Oficina 09	Título: Educação Física Escolar na Educação Básica: ensino e pesquisa.	
	Coordenação: Prof. Ms. Cleber Garcia Casagrande; Prof. Ms. Leandro Rezende; Profa. Esp. Sumaia Barbosa Franco Maia; Prof. Ms. Tiago Soares Alves; Profa. Me. Viclele Sobreira.	
	Resumo: A presente oficina pretende compartilhar as reflexões, desafios e possibilidades de trabalho, no contexto da educação básica, a partir da experiência com a orientação de alunos de graduação inseridos no ensino e na pesquisa da Educação Física escolar da Eseba/UFU. Esse trabalho atualmente desenvolvido na área de Educação Física possui cinco projetos em andamento com frentes de atuação distintas, porém que se complementam, são eles: 1) Avaliação nas aulas de Educação Física; 2) Acompanhamento das turmas com alunos com deficiência nas aulas de Educação Física e na Escola; 3) Esporte Escolar como projeto complementar às aulas regulares de Educação Física; 4) Rotas de Acesso e o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização inicial; 5) Tutoria/Monitoria como estratégia metodológica nas aulas regulares de Educação Física. Parte dos resultados dos nossos estudos, subsídios e recursos pedagógicos serão socializados e problematizados nessas oficinas.	
	Público alvo: Professores de Educação Física e profissionais da Educação Básica	
	Duração: 6 horas	Vagas: 20
	Data: 26 e 27/10/2017	Local: Cap Eseba/UFU – Sala 123

GRUPO DE TRABALHO 01

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

GT 01	Título: Educação, África e história e cultura afro-brasileira na educação básica.			
	Coordenação: Profa. Me. Beloní Cacique Braga; Profa. Dra. Eliana Aparecida Carleto; Profa. Me. Roberta Paula Gomes da Silva.			
	Resumo: A valorização da cultura africana e sua importância na constituição da identidade do povo brasileira é notória a todos, mas se torna necessário o conhecimento dessa descendência cultural e da reflexão sobre a existência das desigualdades raciais a fim de combatê-las. A discussão e socialização das práticas pedagógicas adotadas entre os professores da educação básica tende a possibilitar a construção de uma prática coerente ao que se propõe para o ensino nesta faixa etária. O desconhecimento contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos nas relações cotidianas e no imaginário da população de forma geral. Diante deste fato, este grupo de trabalho prioriza a ação compartilhada e dialogada a partir das experiências vivenciadas pelos docentes por considerar que este tema é desafiador no cotidiano das nossas escolas e consequentemente no currículo.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Diálogos com a cultura africana através das múltiplas linguagens na Educação infantil.		Johnatan Augusto da Costa Alves	26/10	222
2. Ações educativas propositoras para o ensino da cultura africana.		Beloní Cacique Braga	26/10	222
3. Contribuições da Geografia escolar para a abordagem da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental II.		Lidiane Aparecida Alves	26/10	222
4. “PROFESSORA, EU SOU NEGRA?”: Relações raciais e sua abordagem no espaço escolar.		Rosyane de Oliveira Abreu	26/10	222
5. Conteúdos Étnico-Raciais e Ensino de Arte na Rede Municipal de Uberlândia.		Camila Ribeiro do Nascimento, Mara Lúcia Leal	27/10	222
6. Relato de experiência: a pesquisa e o ensino sobre a África na sala de aula		Roberta Paula Gomes Silva	27/10	222
7. Diversidade na educação infantil: construindo a identidade e rompendo o preconceito através da ludicidade.		Fernanda Pereira da Silva Andrade, Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria	27/10	222
8. Retratos e outras histórias.		Minisa Nogueira Napolitano	27/10	222
9. Uma experiência sobre a história e cultura africana e a geometria dos mosaicos.		Wilma Pereira Santos Faria	27/10	222

CADERNO DE RESUMOS GT 01

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

Título do Trabalho: Diálogos com a cultura africana através das múltiplas linguagens na Educação infantil.	
Autor(es): Johnatan Augusto da Costa Alves	E-mail: johnatanaugusto@hotmail.com
Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência de algumas práticas e vivências pedagógicas realizadas com crianças de 4 e 5 anos de idade, na educação infantil da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU) relacionadas ao diálogo com a cultura africana, através das múltiplas linguagens. Em uma perspectiva “Vygostyana” sabe-se que o desenvolvimento do indivíduo está intimamente ligado ao ambiente sociocultural mediado pelo outro/a através do movimento dialógico da linguagem, uma vez que tal experiência possibilita a oportunidade de ambos os sujeitos envolvidos nesse processo de aprender-ensinar, significar e ressignificar a cultura, pois de acordo com Freire (1996) ambos “não se reduzem à condição de objeto um do outro”, mas dialogam entre si. A cultura africana é elemento constitutivo da brasileira em diversos aspectos, tais como: culinária, artes, música, dança, vocabulário, etc, não reconhecer sua importância é negar a nossa história como nação. Toda criança tem o direito de conhecer sobre sua identidade e raízes históricas, sendo assim, faz-se extremamente necessário oferecer a elas situações estimulantes, ricas e convidativas ao diálogo a respeito da sua constituição enquanto povo. Além disso os Referenciais Nacionais Curriculares para a Educação infantil, afirmam que através das múltiplas linguagens as crianças estabelecem relações com os diferentes objetos de conhecimento. Nesse sentido, algumas ações e propostas foram pensadas e realizadas junto às crianças da educação infantil, visando garantir direitos de aprendizagem e vivências artístico-culturais em diálogo com a cultura africana.	

Título do Trabalho: Ações educativas propositoras para o ensino da cultura africana.	
Autor(es): Beloní Cacique Braga	E-mail: caciquebeloni@ufu.com
Resumo: A proposta deste texto é compartilhar as ações educativas realizadas pela pesquisadora com discentes e docentes representantes de diferentes instituições que têm em comum o interesse pela cultura africana. Trata-se de um relato de experiência cujas ações e vivências ocorreram entre 2015-2017 impulsionadas pela realização do projeto de Formação de Professores no país do Mali/ África e que vem se expandindo também como processo formativo entre os educadores brasileiros. O projeto se justifica pela constante necessidade de discussão da temática da cultura africana e para a ampliação dos conhecimentos sobre o tema. Diante da lei 10.639/03 que abarca o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana percebemos a necessidade de estratégias e recursos para os professores realizarem o ensino e para que a população de forma geral compreenda a importância deste povo na formação da nação. Sendo assim, por ter vivenciado como professora voluntária um projeto de formação de professores em Bamako, Mali, por três edições, 2015/2017, e por organizar um acervo pessoal de fotos, tecidos, objetos e materiais sobre a cultura africana acredito ser oportuno socializar os conhecimentos construídos enquanto professora aprendiz nesse processo.	

Título do Trabalho: Contribuições da Geografia escolar para a abordagem da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental II.	
Autor(es): Lidiane Aparecida Alves	E-mail: lidianeaa@yahoo.com.br
Resumo: Para romper com visões estereotipadas sobre a África, os africanos, e os afrodescendentes, além do desconhecimento de uma grande parte da população brasileira sobre sua ancestralidade, bem como para contribuir com o rompimento da perpetuação das desigualdades e preconceitos que historicamente atingiu a população indígena e afrodescendente brasileira, os avanços legais são imprescindíveis. Neste sentido, ressalta-se a contribuição das Políticas de Ações Afirmativas para as Populações Negras, onde se insere a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’ e a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e a lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que acrescenta à História e Cultura Afro-Brasileira a Indígena. Entretanto, não bastam os instrumentos legais, é preciso que as leis peguem e, sobretudo que sejam bem aplicadas. Assim, são vários os desafios para se trabalhar a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, dentre os quais destaca-se a falta de formação e/ou orientação teórica sobre o assunto por parte de muitos professores, não somente de História, mas também de outras disciplinas,	

como a Geografia, que não é mencionada na legislação, mas que igualmente tem um grande papel para o entendimento e a mudança da sociedade. No nível da educação básica, nomeadamente no ensino fundamental II, ressalta-se a pertinência de que os conteúdos inerentes à “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” sejam trabalhados pelos diferentes áreas do conhecimento, abordando a cultura (as danças, as músicas, os ritmos, festas e as cores alegres e vibrantes com que os africanos se vestem e se pintam etc) em suas várias perspectivas, considerando suas variações, as influências e transformações que sofreram. Além disso, também devem ser abordados temas pouco explorados como as religiões africanas, assim como deve-se avançar para além dos aspectos culturais e considerar questões como a participação dos negros na pesquisa, ciência e tecnologia. Diante do exposto, e considerando a vivência em sala de aula do ensino fundamental II, o presente relato aborda as dificuldades para a implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2004, sobretudo considerando a necessidade do desenvolvimento de trabalhos, pelo menos, interdisciplinares. Ressalta-se que no âmbito da disciplina Geografia, sobretudo considerando os conteúdos trabalhados nos sétimos anos, nomeadamente no que concerne a formação da população busca-se tratar da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Neste sentido, ressalta-se a busca pelo conhecimento das origens, isto é, da ancestralidade africana, tanto nos aspectos genéticos como culturais, além disso, aborda-se a forma de desenvolvimento excludente, que explica as atuais desigualdades étnicas e socioeconômicas presente tanto na África como no Brasil.

Título do Trabalho: “PROFESSORA, EU SOU NEGRA?”: relações raciais e sua abordagem no espaço escolar.

Autor(es): Rosyane de Oliveira Abreu

E-mail: rosyaneoliveira@yahoo.com.br

Resumo: Propomos aqui uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem de História na educação básica e a possibilidade de práticas significativas a partir da apropriação do currículo escolar. Para isso partimos da análise de uma série de ações desenvolvidas com alunos de 6º e 7º anos em uma escola municipal da cidade de Uberlândia MG, onde se buscou promover ao longo de um semestre atividades que estimulasse esses jovens a discutir questões relacionadas à temática racial, negritude, mestiçagem e preconceito e também a pensar sobre a construção de noções relacionadas a identidade e diferença em seu aspecto histórico e político, em paralelo ao conteúdo curricular em estudo, no caso, colonização do Brasil. Partimos do pressuposto de que a educação histórica ao rememorar o passado deve buscar incentivar junto aos alunos a melhor compreensão do presente e, se possível, dos posicionamentos políticos do cotidiano, de modo a se perceber enquanto sujeito atuante, participante da história e, portanto, capaz de reflexionar sobre posturas, valores sociais, enfim, sobre sua vida e sobre o mundo que o cerca.

Título do Trabalho: Conteúdos étnico-raciais e ensino de arte na rede municipal de Uberlândia.

Autor(es): Camila Ribeiro do Nascimento,
Mara Lúcia Leal

E-mail: caminasribeiro@hotmail.com

Resumo: Sou professora da Educação Infantil há seis anos, atuando na rede municipal da cidade de Uberlândia (MG) e tenho como formação inicial a Pedagogia. Em meu currículo somo algumas especializações, mas não tenho nenhuma formação específica na área das Artes visuais, o que acredito ser um pesar, visto que considero a Arte uma importante disciplina para o desenvolvimento intelectual e social das crianças. Percebo que o trabalho com a Arte é fundamental nessa modalidade de ensino, e que apesar dos referenciais da educação infantil abordar o eixo de artes visuais o trabalho desenvolvido ainda não está estruturado de forma a atingir os objetivos desse eixo, pois como professores/pedagogos tivemos pouca formação de conteúdos artísticos. Dessa forma, constato diariamente que as artes visuais fazem parte do cotidiano escolar das crianças, mas infelizmente, percebo muitas vezes são vistas apenas como um suporte para as outras disciplinas, não sendo trabalhadas como linguagem e área de conhecimento. Uma questão que me incomoda dentro da escola é quando se aproxima o mês de novembro e é designado ao Professor Regente-R2 desenvolver trabalhos com o tema da consciência negra, devido à obrigatoriedade da Lei 10.639/03, mesmo sem ter nenhuma formação a respeito do tema. Outra questão relevante, é o fato dos trabalhos serem expostos em uma Feira Cultural, que acontece na escola devido à data do dia 20 de novembro, que apesar de ser um dos conteúdos obrigatórios, eram realizadas atividades

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

de forma desarticulada pela maioria dos professores. Diante das questões levantadas, estamos desenvolvendo uma pesquisa em relação às práticas didáticas pedagógicas de conteúdos étnico-raciais realizadas por professores especialistas em Arte na educação básica. Estes levantamentos estão sendo realizados através de entrevistas semi-estruturadas. Pensando na possibilidade de construção de conhecimentos que contribuirão de forma efetiva para a produção e a reflexão dos saberes e das práticas de ensino das artes visuais no contexto da educação básica, tendo como pano de fundo a Lei 10.639/03, colocamos como norte desta pesquisa o seguinte questionamento: como os professores de Artes que atuam na educação básica têm elaborado práticas pedagógicas diante dos conteúdos étnico-raciais obrigatórios no ensino das artes visuais a partir da implementação da Lei 10.639/03? Isto posto, considera-se essa a questão central desse estudo e que impulsiona também outras indagações.

Título do Trabalho: Relato de experiência: a pesquisa e o ensino sobre a África na sala de aula.

Autor(es): Roberta Paula Gomes Silva

E-mail:

Resumo: A proposta dessa comunicação é apresentar o projeto de ensino “Infâncias: África”, realizado nos anos de 2015, 2016 e 2017 (em andamento), no CAP/ESEBA/UFU, no 4º ano do ensino fundamental I. No processo de construção deste projeto, partimos do conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema infâncias e África a fim de realizar intervenções pedagógicas que valorizem a cultura africana e que eduquem os estudantes para as questões etnicorraciais. Dessa forma, durante a realização do projeto foram desenvolvidas várias ações como contação de histórias, exibição de filmes, visita a exposições sobre a África, elaboração de textos e ilustrações, produção de vídeos e portfólios. No ano de 2017, o projeto está na sua terceira edição, reformulado; a cada ano buscamos avaliar as ações, com o objetivo de valorizar aquelas que foram mais significativas para os estudantes e inovar as propostas. As sequências didáticas desenvolvidas durante este projeto buscam valorizar a construção de conhecimentos, da autonomia e da criticidade dos alunos de maneira a contribuir para a (re)construção de representações sobre a África e para a constituição de sujeitos capazes de analisar e agir no contexto em que estão emergidos.

Título do Trabalho: Diversidade na educação infantil: construindo a identidade e rompendo o preconceito através da ludicidade.

Autor(es):

Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria,
Fernanda Pereira da Silva Andrade

E-mail:

josy2209@yahoo.com.br
fpsandrade2907@hotmail.com

Resumo: Na Educação Infantil é fundamental incorporarmos ao cotidiano escolar atividades práticas que levam a diversidade cultural. É um trabalho contínuo e sistemático, que requer um olhar especial do educador no sentido de acompanhar os alunos em suas necessidades e capacidades, explorando as situações que surgem no contexto escolar de forma positiva. Trabalhar a diversidade por meio do jogo de faz-de-conta utilizando bonecos com diferentes características e a inversão de papéis sociais; (profissões, membros da família), abordando as diversidades culturais bem como suas particularidades, através do processo de conhecer, descobrir, interagir, crescer e apropriar-se de novos repertórios de forma prazerosa, rica e envolvente, com o objetivo de combater bullying, oportunizando vivências significativas, integrando as áreas do conhecimento, e realizar um trabalho sistemático de conscientização e combate ao preconceito. O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar práticas pedagógicas que envolvem a construção de uma imagem positiva de si e dos outros, através de alguns projetos desenvolvidos na EMEI Zacarias Pereira da Silva, com crianças de 0 a 3 anos de idade, tendo como metodologia: contação de histórias, pintura de telas, exploração de estampas de tecidos, jogos, brincadeiras, danças e contos de origem africana e afro-brasileira.

Título do Trabalho: Retratos e outras histórias.

Autor(es): Minisa Nogueira Napolitano

E-mail: minapolitno@hotmail.com

Resumo: Essa experiência ocorreu no ano de 2013 na Escola Estadual Zezinho Portugal na cidade de Guairá/SP com duas turmas de alunos de 8º ano na disciplina de História. Este trabalho está relacionado aos questionamentos dos (as) próprios (as) alunos (as) a respeito da ausência de história da cidade e do

protagonismo de pessoas negras na construção da história local nas disciplinas escolares. O ponto de partida, como maneira de sensibilização, foi uma visita à exposição intitulada Negro Interior, ocorrida na Casa de Cultura da cidade, retratando as histórias e contribuições da população negra do interior de SP na formação da sociedade. O trabalho consistiu na coleta de relatos orais, por parte dos (as) alunos (as), de pessoas negras nascidas e criadas na cidade de Guaíra/SP a respeito de suas concepções sobre as mudanças e permanências de locais ou aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da cidade desde a sua fundação em 1908 até os dias atuais. Os (as) alunos (as) também fotografaram os (as) depoentes e transcreveram os relatos que foram expostos juntamente com as fotos no saguão da escola. Como encerramento deste trabalho, foi convidada para uma roda de conversa na escola uma professora negra, aposentada e profunda conhecedora da história da cidade. Os objetivos dessa proposta foram promover uma sensibilização e um aprofundamento do conhecimento sobre a história da cidade na perspectiva das mudanças e permanências e reconhecer e valorizar a importância da participação das pessoas negras no processo de construção da memória da cidade e da história local. Ao final deste trabalho, os (as) estudantes apreenderam que a história também é construída oralmente, por pessoas simples, do nosso cotidiano, pelos (as) negros (as), assim como também a importância de se conhecer e reconhecer-se na história da nossa própria cidade e, sobretudo, a importância da participação da população negra como protagonista da história local.

Título do Trabalho: Uma experiência sobre a história e cultura africana e a geometria dos mosaicos.

Autor(es): Wilma Pereira Santos Faria

E-mail: wilmasantofaria@gmail.com

Resumo: Este texto relata a experiência de uma aluna do curso de Licenciatura em Matemática, matriculada na disciplina de Oficina de Práticas Pedagógicas, onde a mesma se voltou ao estudo da cultura e da história do continente africano. Pautada na Lei 10.639/03 que ampara o ensino deste tema em todas as disciplinas, incluindo assim a matemática, acreditando que é papel fundamental da escola a problematização do preconceito racial e suas consequências. É neste ambiente de aprendizagem e conhecimento, que mais se deve estimular a “superação deste vício”. A instituição escolar, pautada em pressupostos teóricos e nas leis que regem a educação, devem promover ações que gerem reflexão por parte dos alunos à respeito da diversidade cultural de nosso país, e do que levou-nos a sermos um povo tão racista. Após estudo teórico foi proposta a apresentação de uma aula de matemática que abordasse de fato a cultura africana, ultrapassando conceitos como datas e nomes difíceis. A proposta se deu em duas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, com o acompanhamento da professora da turma. Houve ainda a participação crucial de um professor formado em Moçambique, nas aulas presenciais da disciplina, que trouxe para estas discussões ricas observações que contribuíram para que tal proposta fosse levada a diante e obtivesse êxito. As aulas foram propostas a partir das estampas africanas direcionando para a geometria por trás de tais estampas, nesta ocasião optou-se por dar ênfase aos mosaicos e suas construções. Muito se constatou sobre a importância do estreitamento entre as relações da matemática com a cultura do continente africano.

GRUPO DE TRABALHO 02

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

GT 02	Título: Educação Inclusiva e diversidade: experiências, desafios e avanços no processo de escolarização.			
	Coordenação: Prof.ª Me. Lavine Rocha Cardoso Ferreira; Prof.ª Dra. Priscila Moreira Corrêa Telles; Prof.ª Me. Liliane dos Guimarães N. Araújo; Prof.ª Dra. Lucianna Ribeiro de Lima; Prof.ª Dra. Cláudia Silva Souza; Prof.ª Me. Juliene Madureira Ferreira; Prof.ª Klênio Antônio Sousa; Prof.ª Esp. Carolina N. Dias Nascimento.			
	Resumo: O grupo de trabalho “Educação Inclusiva e diversidade: experiências, desafios e avanços no processo de escolarização”, tem como objetivo dialogar sobre experiências e pesquisas acerca dos temas: Práticas Pedagógicas Inclusivas; Intervenções Psicoeducacionais, Oficinas Psicoeducacionais, Adequação curricular: Avaliação na Perspectiva Inclusiva: Formação de Professores numa perspectiva inclusiva.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. A formação de professores e a educação especial – experiências com alunos da educação infantil de 2015 à 2017.		Gabriela de Araújo Oliveira	26/10	223
2. O atendimento educacional especializado (AEE) no município de Uberlândia: o que dizem os documentos oficiais?		Camila Rezende Oliveira	26/10	223
3. A construção da noção de gênero na formação da identidade de adolescentes.		Carolina Nascimento Dias, Cláudia Silva de Souza	26/10	223
4. A inclusão e suas práticas pedagógicas na educação infantil: um relato de experiência com a Síndrome de Down.		Amanda Cristina Mendes, Priscila Gervásio Teixeira	26/10	223
5. Formação ‘In loco’: diversidade na educação infantil de 0 a 3 anos.		Fernanda Pereira da Silva Andrade, Jozaene Maximiliano Figueira Alves Faria	26/10	223

CADERNO DE RESUMOS GT 02

Título do Trabalho: A formação de professores e a educação especial – experiências com alunos da educação infantil de 2015 à 2017.	
Autor(es): Gabriela de Araujo Oliveira	E-mail: gabriela.araujo@ufu.br
Resumo: Este trabalho tem como objetivo, apresentar experiências vividas durante estágio extracurricular de 2015 a 2017 na Educação Especial. Dentro da universidade, na sala de aula, temos um cronograma a ser cumprido pelo curso de licenciatura, como exemplo, realizar estágios curriculares no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Mas, por mais que haja algumas leituras sobre educação especial nos períodos acima, não há uma vivência direta, o que é de suma importância para formação de qualquer professor. Nesse viés, é necessário uma outra forma, fora dos estágios obrigatórios, para se ter uma experiência. Nos anos de 2015 a 2017, especialmente na Educação Infantil, tive o privilégio de conhecer e ser monitora de várias crianças que me fizeram entender o real motivo de um professor ter uma formação inclusiva. Dessa forma, este trabalho visa apresentar relatos de	

experiência na Educação Especial voltados para formação de professores, independente da área que cada licenciando está se formando.	
Título do Trabalho: O atendimento educacional especializado (AEE) no município de Uberlândia: o que dizem os documentos oficiais?	
Autor(es): Camila Rezende Oliveira	E-mail: milarezendeoliveira@gmail.com
Resumo: O presente artigo apresenta algumas reflexões acerca das atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no Ensino Fundamental do município de Uberlândia e como este vem sendo retrato nos documentos atuais e na legislação vigente. Nesse sentido, a metodologia empregada tem como base uma pesquisa bibliográfica na área e posteriormente a ligação desta com alguns aspectos referentes ao Ensino Fundamental. Diante desse quadro, deve-se ter clareza de que o trabalho do AEE deve ser norteado por práticas pedagógicas que favorecem de maneira clara a aprendizagem dos estudantes com deficiência, sobretudo no Ensino Fundamental pois estes estão inseridos na Educação Básica onde necessita-se de um cuidado ainda mais redobrado tanto da família quanto da escola.	

Título do Trabalho: A construção da noção de gênero na formação da identidade de adolescentes.	
Autor(es): Carolina Nascimento Dias Cláudia Silva de Souza	E-mail: carolina.ndias@gmail.com claudia.souza@ufu.br
Resumo: Faz parte de uma perspectiva inclusiva de educação e sociedade, o reconhecimento da diversidade humana, em suas múltiplas formas de ser e estar no mundo, como condição do processo ensino-aprendizagem-desenvolvimento. Neste sentido, a noção de gênero é apresentada neste trabalho como uma construção social, cognitiva e emocional, presente e ativa na formação da identidade dos sujeitos. A partir de um enfoque histórico-cultural, compreende-se a importância de se problematizar o conceito de gênero como contribuição para a formação integral do estudante adolescente, identificando e reconhecendo que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano que demanda um trabalho intensivo no que diz respeito à formação da concepção de mundo, o que requer o conhecimento sobre uma pluralidade de fatores que constituem o gênero humano. Deste modo, algumas das estratégias e práticas pedagógicas desenvolvidas pela área de Psicologia Escolar visam contribuir com a (re) construção do conceito de gênero e a desconstrução de estereótipos, articulados ao enfrentamento do preconceito, da discriminação e da violência a eles associados.	

Título do Trabalho: A inclusão e suas práticas pedagógicas na educação infantil: um relato de experiência com a Síndrome de Down.	
Autor(es): Priscila Gervásio Teixeira Amanda Cristina Mendes	E-mail: priscila.teixeira@ufu.br amanda.crismendes@gmail.com
Resumo: A inclusão escolar de alunos deficientes tem sido a proposta norteadora e dominante na Educação Especial nos últimos anos. O crescente número de movimentos para se incluir as crianças nas escolas e a perspectiva de uma escola para todos, onde o direito a educação é resguardado por leis e decretos que garantem a educação a toda e qualquer pessoa independente de gênero, etnia, idade ou classe social, vem trazendo novas esperanças a alunos com necessidades especiais. A inclusão escolar constitui, portanto, em uma ideia que representa valores simbólicos importantes, que vai de acordo com a igualdade de direitos e de oportunidades educacionais para todos, em um ambiente escolar favorável, baseado em uma inserção de todos, onde não há distinção de condições linguísticas, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais, étnicas, socioeconômicas e outras em um sistema que conta com a inserção de diversidade dos alunos. É neste contexto que busca-se entender a importância da criança com deficiência ter uma vivência participativa na escola. Tendo tal fato como premissa, tem-se como objetivo apresentar um relato de experiência do desenvolvimento e dos desafios de uma criança com Síndrome de Down (SD) e a reflexão sobre o trabalho de inclusão em sala de aula na Educação Infantil na ESEBA, pois a inclusão requer muita reflexão e organização do contexto escolar. A prática inclusiva no contexto educacional é	

desafiadora e exige mudanças em vários aspectos a fim de superar as barreiras tanto para o desenvolvimento da criança quanto para uma educação inclusiva.

Título do Trabalho: Formação 'In loco': diversidade na educação infantil de 0 a 3 anos.

Autor(es):

Fernanda Pereira da Silva Andrade
Jozaene Maximiliano Figueira Alves Faria

E-mail:

Fpsandrade2907@hotmail.com
Josy2209@yahoo.com.br

Resumo: Ampliar a reflexão sobre as possibilidades da formação continuada dos profissionais da educação infantil, levando em conta as exigências da legislação, das novas concepções da infância e da relação dialógica com a realidade, assegurando um espaço de interlocução para a análise e reflexão da própria prática e dos processos de ensino aprendizagem na perspectiva da Inclusão. O presente relato de experiência tem o objetivo de apresentar práticas de formação "in loco" de profissionais que atuam na EMEI Zacarias Pereira da Silva, que atende crianças de 0 a 3 anos. Oportunizando espaços de avaliação e discussão entre as demais atividades desenvolvidas nas instituições, para que a formação aconteça como um processo contínuo e integrado ao cotidiano, configurada não somente como necessidade, mas como direito e premissa para a oferta de uma Educação Infantil de qualidade.

GRUPO DE TRABALHO 03

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 03	Título: O trabalho com a variação linguística por meio de aplicativos educacionais.			
	Coordenação: Profa. Dra. Claudia Goulart; Profa. Dra. Lucivânia Marques Pacheco.			
	<p>Resumo: Partindo do pressuposto de que a variação linguística deve ser entendida não só como uma diversidade linguística, mas como uma multiplicidade de práticas de uso da língua, nosso objetivo neste GT é discutir como tem sido trabalhada a variação linguística no Ensino Fundamental e se o modo como as atividades são planejadas contribui para o desenvolvimento da oralidade e do letramento, bem como para a formação da consciência linguística e da competência discursiva dos alunos (PCNLP, 1997, p. 82). Sabe-se que as questões que envolvem a variação linguística interferem sobremaneira nas relações em sala de aula e, de modo especial, no ensino de Língua Materna. Na maioria das vezes, o pouco conhecimento dos professores a respeito da questão da variação linguística provoca um discurso autoritário com o tom de “certo” e “errado”. As variedades que se distanciam daquela considerada padrão são estigmatizadas, predominando o que Bagno (2008) denomina de preconceito linguístico, inclusive, entre falantes de uma mesma variedade. Por isso torna-se imperativo discutir as questões da variação no âmbito do ensino. Uma alternativa é aliar o ensino de variação linguística às novas tecnologias em educação (NTIC). Na contemporaneidade, crianças e adolescentes de todas as classes sociais têm, direta ou indiretamente, contato com dispositivos móveis e estes possuem uma variedade imensa de jogos que atraem a atenção delas. De fato, o uso da tecnologia como ferramenta de ensino pode facilitar a ampliação da compreensão dos fenômenos da linguagem. Além disso, os elementos verbo-visuais, sonoros e multimodais presentes nos textos eletrônicos podem ser coadjuvantes nesse processo de aprendizagem da língua, ao possibilitar um ensino mais lúdico e prazeroso. Para isso, os aplicativos ou recursos didáticos utilizados no ensino e aprendizagem da língua portuguesa podem se constituir como motivadores do processo de formação da consciência linguística do aluno. É válido ressaltar que não se trata, evidentemente, de subverter ou de recusar o que se apresenta como “norma”, mas de conceber a língua como produto das práticas interacionais, por meio das quais os recursos tecnológicos possam servir como insumos para que os alunos aprendam a negociar sentidos, usar registros linguísticos adequados às esferas de utilização da língua e garantir a interação, mediados pela cultura e pela língua.</p>			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. A gamificação e o processo de ensino aprendizagem: trabalhando com a variação linguística.		Juliana De Sousa Faria, Maria Tereza Aquino Fiúza	27/10	234
2. A palatização e o ensino da variação linguística.		Evelyn Aparecida Alves, Ricardo Paiva Amorim	27/10	234
3. Aprendendo variação linguística por meio do lúdico.		Andressa Alves Borges, Yago Lopes Lázaro	27/10	234
4. Brincando com as palavras por meio das novas tecnologias.		Josiele Moreira Cândido, Marcos Paulo de Melo	27/10	234
5. Desenvolvendo a consciência fonológica (o rotacismo) por meio de aplicativos educacionais.		Danila Rodrigues de S. Moraes, Gabrielly Nascimento Santos	27/10	234

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

6. Falando e escrevendo – a variação nossa de cada dia.	Joice Jaqueline Oliveira Reis, Nathan Cavichioni Nabas	27/10	234
7. O uso das Novas Tecnologias no ensino de Língua Portuguesa.	Leandra Mendes do Vale, Lucivania Marques Pacheco	27/10	234
8. História em quadrinhos e variação linguística: uma proposta de análise e intervenção.	Viviane Silvina de Moraes	27/10	234
9. O ensino da variação diatópica por meio da gamificação.	Laisla Cricia Ribeiro Durães, Nayara Fernades	27/10	234
10. Trabalhando a variação diatópica por meio de aplicativos educacionais.	Alexandra Ferreira Gonçalves, Ana Laura Machado de Sousa	27/10	234
11. Trabalhando com os diferentes registros linguísticos: a variação diafásica.	Jéssica Pinheiro de Souza, Natália Medeiros de Almeida	27/10	234
12. Zigue zague linguístico: o uso de aplicativos no processo de aprendizagem da língua.	Marco Antônio Resende Naves, Myllena Sthéfany Dias Santos	27/10	234
13. A língua em uso: uma proposta de multiletramentos voltada para o ensino de ortografia.	Thais Nunes Xavier dos Santos	27/10	234

CADERNO DE RESUMOS GT 03

Título do Trabalho: A gamificação e o processo de ensino aprendizagem: trabalhando com a variação linguística.	
Autor(es): Juliana De Sousa Faria, Maria Tereza Aquino Fiúza	E-mail: mterezafiuza@gmail.com
<p>Resumo: A língua além de bela é dinâmica e vai se transformando de acordo com os usos que a sociedade faz dela e de acordo com o tempo. Se compararmos a linguagem usada pelos nossos avós e a linguagem usada por nós, hoje, vamos perceber uma grande mudança. Essa mudança pode ser notada, por exemplo, na redução de palavras. Essa redução não ocorre somente na fala, mas também na escrita, como se pode ver na escrita dos textos da internet. Essas reduções não podem ser consideradas como erro, mas variações da língua. Precisamos entender que existem dois tipos de linguagem: a coloquial ou informal e a formal ou padrão. A linguagem formal é aquela utilizada para escrita, já a linguagem informal é aquela que usamos no nosso dia a dia, durante um diálogo com amigos, com familiares, e até mesmo nos bate-papos da internet. Nosso objetivo foi desenvolver um aplicativo mobile para aprendizagem da variação linguística aplicado a crianças das séries iniciais. Para maior eficácia dessa proposta pedagógica, na qual se trabalha a influência da oralidade na escrita, a proposta do jogo pedagógico será corrigir as frases inadequadas, distinguindo a correspondência sonora entre as palavras e reconhecendo as palavras construídas de forma adequada. Trata-se de um estudo exploratório qualitativo, desenvolvido por meio de linguagem Java Script, na plataforma Construct 2, para ambientes mobile, com foco em gamificação. O desenvolvimento ocorreu entre os meses de fevereiro a abril de 2017 em uma Instituição de Ensino Superior de Araguari (MG). A variação linguística em foco foram as abreviações de palavras, ou seja, as palavras que são reduzidas na linguagem oral. O aplicativo desenvolvido conta com frases para o aluno identificar a palavra adequada. O processo de gamificação ocorre nas etapas de sequência lógica de evolução, em que o jogador/aluno deve escolher as respostas de acordo com as perguntas que são apresentadas. Ao final, é apresentado o resultado de forma lúdica e pedagógica, a fim de que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma autônoma. Portanto, pensamos que o desenvolvimento do aplicativo de gamificação traz uma nova forma de evolução do processo de ensino e aprendizagem, em que, por meio do jogo mobile, o aluno tem a capacidade de aprender jogando.</p>	

Título do Trabalho: A palatização e o ensino da variação linguística.
--

Autor(es): Evelyn Aparecida Alves, Ricardo Paiva Amorim	E-mail: mariaevelyn000@gmail.com
Resumo: A língua é uma construção social, que sempre está em constante evolução, transformando os indivíduos, que falam de acordo com sua cultura, condições socioeconômicas e políticas, dentre outros fatores. A língua é um fator social e, de acordo com Bagno (2008), é como um rio que muda constantemente, enriquecendo os falares de cada região ou grupo. Por conta desta constante evolução, surgiram as gírias, os dialetos e todos os demais tipos de variação. Assim, algumas formas linguísticas não devem ser consideradas como erros, mas como formas de evolução de uma língua. Faz-se necessário, portanto, que exista o respeito entre os diversos falares e falantes. A troca do 'Lh' pelo 'i' como em trabaíá-trabalhar/muié-mulher, constitui um exemplo de variação linguística que não pode ser considerado como erro, pois ao se pensar assim, está-se criando um preconceito linguístico. Por isso, essa troca palatal deve ser considerada como um fenômeno de evolução natural da língua. O objetivo principal do trabalho foi criar e desenvolver um aplicativo mobile para aprendizagem da variação linguística aplicada especialmente ao primeiro e segundo ano do ensino fundamental, como forma de fazer o aluno reconhecer as variantes da língua falada. Assim, este trabalho é um estudo exploratório, qualitativo, desenvolvido por meio de linguagem de programação orientada ao objeto através do software Construct2 para ambientes mobile, com foco em gamificação. O desenvolvimento ocorreu entre os meses de fevereiro a abril de 2017 em uma Instituição de Ensino Superior de Araguari (MG). O fenômeno de variação linguística trabalhado foi o uso de palavras com /lh/. O aplicativo desenvolvido conta com frases para o aluno identificar a palavra adequada, contendo uma breve explicação do por que usar o lh. O processo de gamificação ocorre em etapas em sequência lógica de evolução, em que o jogador/aluno deve escolher as respostas de acordo com as perguntas que são apresentadas. Ao final, é apresentando o resultado de forma lúdica e pedagógica, de forma que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma autônoma. O desenvolvimento do aplicativo de gamificação traz uma nova forma de evolução ao processo de ensino e aprendizagem, em que por meio do jogo mobile, o aluno tem a capacidade de aprender jogando e divertindo-se.	

Título do Trabalho: Aprendendo variação linguística por meio do lúdico.	
Autor(es): Andressa Alves Borges, Yago Lopes Lázaro	E-mail: andalvesborges2@gmail.com
Resumo: A variação linguística é um fenômeno que acontece com as línguas, e os diferentes falares devem ser considerados como variação, não como erros, pois enriquecem o patrimônio cultural que é a língua portuguesa. É necessário saber adequar a linguagem ao contexto de comunicação, sendo a variação linguística muito utilizada pelos falantes do português. Essa variação é adequada em algumas práticas orais menos formais, mas pode não ser adequada em outras práticas escritas mais formais. Assim, nosso objetivo nesse estudo foi desenvolver um aplicativo mobile para a aprendizagem da variação linguística direcionado ao aprendizado de crianças do Ensino Fundamental. Tal aplicativo pode auxiliar alunos do ensino fundamental a compreender os fenômenos de variações linguística de forma divertida e eficaz, promovendo o conhecimento dos estudantes no que diz respeito à variação. Ao possibilitar o emprego da variação linguística existente em cada região brasileira, por meio do uso das novas tecnologias, este trabalho objetiva, também, fazer com que os alunos compreendam e respeitem as variedades da língua a fim de não gerar nenhum tipo de preconceito. Para isso, realizamos um estudo exploratório, qualitativo, desenvolvido por meio de linguagem C# para ambientes mobile, com foco em gamificação. O desenvolvimento do aplicativo ocorreu entre os meses de fevereiro a abril de 2017 em uma Instituição de Ensino Superior de Araguari (MG). Os fenômenos linguísticos trabalhados foram o uso de gírias, termos coloquiais e variações de registro. O aplicativo desenvolvido conta com páginas de login de acesso, cadastro no sistema, fluxo de entrada, entre outros. O processo de gamificação ocorre em etapas com sequência lógica de evolução, em que o jogador/aluno deve escolher as respostas de acordo com as perguntas que são apresentadas. Ao final, é apresentado o resultado de forma lúdica e pedagógica,	

possibilitando que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma autônoma. Este é um game que tem os níveis fácil, médio e difícil. O desenvolvimento do aplicativo de gamificação traz uma nova forma de evolução ao processo de ensino aprendizagem, na medida em que o aluno do ensino fundamental tem a capacidade de aprender jogando. Esse jogo desenvolve a capacidade de aprender jogando de forma divertida e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento linguístico do aluno e fazendo com que ele se interesse mais pela atividade oferecida no app.

Título do Trabalho: Brincando com as palavras por meio das novas tecnologias.

Autor(es):

Josiele Moreira Cândido,
Marcos Paulo de Melo

E-mail:

josiacia@hotmail.com
marcos_paulo_mello@hotmail.com

Resumo: A língua é como um rio que está sempre se transformando e devemos acompanhar essas transformações. Em função disso, a língua possui uma série de variedades linguísticas dentre elas o registro culto. É importante respeitar as variedades linguísticas e os falantes dessas variedades e sempre lembrar que há modos diferentes de se falar uma mesma coisa. As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação e é aceitável que os falantes façam adaptações de acordo com a sua necessidade comunicativa. As diferentes falas devem ser consideradas como variações e não devem ser julgadas como erros. Quando tratamos a variação linguística como erros, mostramos nossos preconceitos linguísticos. Assim, o aplicativo “brincando com as palavras” foi pensado para que o aluno aprenda brincando e para que os professores possam fazer cada vez mais uso de metodologias diferentes para desenvolver o repertório linguístico dos alunos. Em função dessas questões, propusemos desenvolver um aplicativo mobile para identificação da variação linguística por crianças do Ensino Fundamental. A proposta deste trabalho (em andamento) é ajudar as crianças, por meio das novas tecnologias, a desenvolver e aprimorar o letramento e o conhecimento sobre as diferentes variantes da Língua Portuguesa. Este estudo é exploratório, qualitativo, desenvolvido por meio de linguagem em Java, na plataforma Android Studio para ambientes mobile, com foco em gamificação. O desenvolvimento do aplicativo ocorreu entre os meses de fevereiro a abril de 2017 em uma Instituição de Ensino Superior de Araguari (MG). Os fenômenos variáveis em foco foram as trocas de /l/ por /r/ na fala. O aplicativo desenvolvido conta com páginas de login de acesso, cadastro no sistema, fluxo de entrada, entre outros. O processo de gamificação ocorre em etapas com sequência lógica de evolução, em que o jogador/aluno deve escolher as respostas de acordo com as perguntas que são apresentadas. Ao final, é apresentado o resultado de forma lúdica e pedagógica, a fim de que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma autônoma. Com isso, o desenvolvimento do aplicativo de gamificação traz uma nova forma de evolução ao processo de ensino aprendizagem, em que por meio de sistemas informatizados, o aluno de Ensino Fundamental tem a capacidade de aprender jogando.

Título do Trabalho: Desenvolvendo a consciência fonológica (o rotacismo) por meio de aplicativos educacionais.

Autor(es):

Danila Rodrigues de Sousa Moraes,
Gabrielly Nascimento Santos

E-mail:

danilamoraistj3@gmail.com

Resumo: A troca do som /L/ pelo som /R/ constitui um exemplo de variação linguística denominada de rotacismo. E o rotacismo não é um erro. É uma tendência natural na evolução das chamadas línguas românicas, aquelas vindas do latim. Havia um “l” no latim que se converteu em “r” no português como em sclavu > escravo, plaga > praia. Essa tendência, presente na língua há muitos séculos, ainda é mantida por muitas pessoas que falam “pobrema” em vez de “problema”. O rotacismo não pode ser considerado como erro, mas como um fenômeno que originou mudança linguística que muitas vezes se verificam na oralidade. Assim, o objetivo deste trabalho (em andamento) é ajudar na alfabetização e no letramento de crianças a partir de 05 anos. O uso da tecnologia como ferramenta de ensino pode facilitar a ampliação da compreensão dos fenômenos da linguagem. Além disso, os elementos verbo-visuais, sonoros e multimodais presentes nos textos eletrônicos podem ser coadjuvantes nesse processo de aprendizagem

da língua, ao possibilitar um ensino mais lúdico e prazeroso. Para isso, desenvolvemos um aplicativo mobile para aprendizagem dos fenômenos da variação linguística aplicado a crianças do Ensino Fundamental. Trata-se este de um estudo exploratório, qualitativo, desenvolvido por meio da plataforma de desenvolvimento de games Construct 2 para ambientes mobile, com foco em gamificação. O desenvolvimento do aplicativo ocorreu entre os meses de fevereiro a abril de 2017 em uma Instituição de Ensino Superior de Araguari (MG). Os fenômenos linguísticos utilizadas foram palavras que sofrem, na pronúncia, a troca do som /L/ pelo som /R/. O aplicativo desenvolvido conta com páginas de login de acesso, cadastro no sistema, fluxo de entrada, entre outros. O processo de gamificação ocorre em etapas com sequência lógica de evolução, em que o jogador/aluno deve escolher as respostas de acordo com as alternativas que são apresentadas. Ao final, é dado ao aluno o resultado de forma lúdica e pedagógica, a fim de que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma autônoma. Portanto, o desenvolvimento do aplicativo de gamificação traz uma nova forma de evolução do processo de ensino aprendizagem, em que, por meio de sistemas informatizados, o aluno de ensino fundamental tem a capacidade de aprender de forma mais lúdica e prazerosa.

Título do Trabalho: Falando e escrevendo – a variação nossa de cada dia.

Autor(es):

Joice Jaqueline Oliveira Reis,
Nathan Cavichioni Nabas

E-mail:

lucivania@imeepac.edu.br

Resumo: Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas variáveis. Essas formas são denominadas de variantes linguísticas. As variantes são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Devemos reconhecer e valorizar as variantes linguísticas do português brasileiro, pois elas não constituem erro e devemos saber adequar a linguagem ao contexto de comunicação. Um exemplo de variação linguística muito usada pelos falantes do português é o apagamento do /d/ no final dos verbos. Essa variação é adequada para a fala, mas não parece estar adequada para a escrita. Assim, pensamos em desenvolver um aplicativo mobile que pudesse facilitar a aprendizagem de certos fenômenos variáveis no Ensino Fundamental. Trata-se este de um estudo exploratório, qualitativo, com foco em gamificação. O desenvolvimento do aplicativo ocorreu entre os meses de fevereiro a abril de 2017 em uma Instituição de Ensino Superior de Araguari (MG). O fenômeno linguístico em uso no aplicativo foi a redução da labiodental /d/ na articulação de verbos. O aplicativo desenvolvido conta com fluxo de entrada e o processo de gamificação ocorre em etapas, com sequência lógica de evolução, em que o jogador/aluno deve escolher as respostas de acordo com as perguntas que são apresentadas. Ao final, é apresentado o resultado de forma lúdica e pedagógica, a fim de que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma autônoma. Ao final, verificamos que o desenvolvimento do aplicativo de gamificação pode contribuir para uma nova forma de evolução do processo de ensino aprendizagem da variação linguística, em que por meio de sistemas informatizados, o aluno de ensino fundamental tem a capacidade de aprender jogando.

Título do Trabalho: O uso das Novas Tecnologias no ensino de Língua Portuguesa.

Autor(es):

Leandra Mendes do Vale,
Lucivania Marques Pacheco

E-mail:

leandra.vale@imepac.edu.br
lucivania@imepac.edu.br

Resumo: As questões que envolvem a Variação Linguística comprovadamente interferem nas relações em sala de aula, sobretudo no ensino de Língua Materna. Quando não se realiza um trabalho, ainda que assistemático, que privilegie o conhecimento das variedades linguísticas prevalece na escola um discurso autoritário com o tom de “certo” e “errado”. As variedades que se distanciam daquela considerada padrão são estigmatizadas, predominando o tão falado preconceito linguístico, inclusive, entre falantes de uma mesma variedade. Por isso, é importante trabalhar a variação linguística desde as séries iniciais e no ensino fundamental. Mas como chamar a atenção do aluno para as questões da variação linguística? Uma proposta é aliar o ensino de variação linguística às novas tecnologias em educação (NTIC). Para tanto, este Projeto desenvolveu, com os acadêmicos dos Cursos de Pedagogia e de Análise e Desenvolvimento de

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

Sistemas, dez protótipos de aplicativos (App) direcionados ao ensino da Variação Linguística para alunos das séries iniciais e do Ensino Fundamental. Acreditamos que estes Apps serão de fundamental importância na formação dos alunos dos dois cursos, além de poder auxiliar professores das redes pública e particular no ensino de Língua Materna.

Título do Trabalho: História em quadrinhos e variação linguística: uma proposta de análise e intervenção.

Autor(es): Viviane Silvina de Moraes

E-mail: vivisilvina@hotmail.com

Resumo: Histórias em quadrinhos e variação linguística: uma proposta de análise e intervenção é o título de uma pesquisa em andamento no curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia orientada pela Professora Doutora Adriana Cristina Cristianini. Tal pesquisa tem como tema a variação linguística de aspecto semântico-lexical e o ensino de língua portuguesa. Partimos da hipótese de que textos em quadrinhos podem ajudar o professor a trabalhar a questão da variação linguística como algo natural, inerente à dinamicidade da língua e que, portanto, não há variante linguística melhor do que outra, mas há a necessidade de adaptação da língua à situação de comunicação. O objetivo principal da pesquisa é elaborar uma história em quadrinhos em formato e-book – em parceria com os participantes da pesquisa - que oportunize o uso de diferentes variantes linguísticas e oferecê-la a outros professores de língua portuguesa como ferramenta de auxílio no ensino de variação linguística, haja vista esse ser um tema ainda pouco explorado em sala de aula.

Título do Trabalho: O ensino da variação diatópica por meio da gamificação.

Autor(es):

Laisla Cricia Ribeiro Durães,
Nayara Fernandes

E-mail:

laisla.cricia.3@gmail.com

Resumo: A língua é o maior instrumento de comunicação e de interação entre os indivíduos. Ela está sempre mudando de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas dos falantes, dando origem aos fenômenos da Variação Linguística, dentre eles os dialetos, que é a variedade de uma língua própria de uma região ou território. O dialeto caipira, por exemplo, é um dialeto falado pela população do interior do estado de São Paulo, em partes do Paraná, de Minas Gerais, do Mato Grosso, de Goiás e do Nordeste brasileiro. “Kaaí” “pira” na língua indígena significa o que vive afastado – a fala caipira surgiu a partir de elementos da língua tupi misturados com outras línguas, como a africana e a castelhana, e elementos do português do século XV e XVI. O dialeto representa uma variedade da língua e não deve ser desrespeitado, pois representa as manifestações culturais, sociais e históricas de um povo. Sabemos que existem várias maneiras de falar e devemos saber escolher o momento certo de usar cada tipo de registro (formal ou informal). Quanto à escrita sabemos que existem determinadas situações em que a variedade padrão, ou norma culta, é a melhor opção, aquela que estabelece maior sintonia entre os interlocutores. Assim, os fenômenos linguísticos selecionados para o ensino, neste estudo, foram as formas do dialeto “caipira”, gírias e termos coloquiais, a fim de conscientizar os alunos sobre os preconceitos em relação à maneira de falar de cada pessoa ou grupo de pessoas. O processo de gamificação do aplicativo foi feito por meio de linguagem Java Mobile para ambientes mobile, com foco na gamificação, cuja elaboração ocorre em etapas com sequências evolutivas, em que o aluno deve escolher a alternativa de acordo com a imagem representada. Ao final, é dado ao aluno o resultado de forma lúdica e pedagógica, de forma que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma autônoma. O desenvolvimento do aplicativo de gamificação traz evolução ao processo de ensino e aprendizagem da variação linguística, em que, por meio de sistemas informatizados, o aluno do ensino fundamental tem a capacidade de aprender jogando. Este estudo exploratório qualitativo ocorreu entre os meses de fevereiro a abril de 2017 em uma Instituição de Ensino Superior de Araguari (MG).

Título do Trabalho: Trabalhando a variação diatópica por meio de aplicativos educacionais.

Autor(es):

Alexandra Ferreira Gonçalves,
Ana Laura Machado de Sousa

E-mail:

analaoramachado62@gmail.com

Resumo: A Língua Portuguesa sofreu influência de várias línguas que deixaram marcas e acentuam a riqueza do vocabulário e da pronúncia do português. Entre essas línguas que influenciaram o português, podemos destacar a língua indígena e a africana, além da européia, como o francês e o italiano. A influência dessas línguas em cada região do país, aliada ao desenvolvimento histórico de cada lugar, fez com que surgissem regionalismos, expressões típicas de determinada região. Dessa forma, podemos ver que, no Brasil, um mesmo objeto pode ser nomeado por palavras diversas, de acordo com a região. Por exemplo, semáforo pode ser designado por farol em São Paulo e sinal ou sinaleiro no Rio de Janeiro. Assim, fazer o aluno descobrir os principais regionalismos presentes nos diversos estados do Brasil é o objetivo deste aplicativo, desenvolvido em linguagem HTML (Hyper Text Markup Language) com o objetivo de levar os alunos do ensino fundamental a conhecerem, de forma didática, por meio audiovisual, os diversos tipos de variação linguística. Trata-se de um estudo exploratório qualitativo, desenvolvido por meio de linguagem de programação HTML para ambientes computacionais, com foco em montagem de sites. O desenvolvimento ocorreu entre os meses de fevereiro a abril do corrente ano, em uma Instituição de Ensino Superior no município de Araguari (MG). Os fenômenos de variação linguística utilizados foram o uso de falas regionais tendo em vista a amplitude vocabular da língua portuguesa, o uso de termos coloquiais e a variação de registro. O site desenvolvido conta com páginas contendo informações relativas à variação linguística. O processo da informação ocorre em etapas, em sequência lógica de evolução. O site é lúdico e trabalha de forma que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma autônoma. O desenvolvimento do site traz evolução ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, por meio de sistemas informatizados, os alunos de ensino fundamental têm a capacidade de conhecer os termos e expressões regionais sem sair da sua cidade. Entendemos que uma das formas metodológicas que mais atraem os alunos é aquela que alia o conteúdo às novas tecnologias com jogos atrativos, os quais facilitam o aprendizado e o entendimento dos conteúdos. Nosso objetivo é mostrar de fato que a variação linguística não é algo que seja adequado ou inadequado, e sim estimular o respeito aos variados sotaques e às diversas formas de falar, mostrando que há diversidade linguística.

Título do Trabalho: Trabalhando com os diferentes registros linguísticos: a variação diafásica.

Autor(es):

Jéssica Pinheiro de Souza,
Natália Medeiros de Almeida

E-mail:

jessicapinheiro763@gmail.com

Resumo: A linguagem possui seus registros formal e informal, que são utilizados em contextos ou situações distintas de comunicação. O registro formal está pautado no uso das normas gramaticais e o registro informal ou coloquial representa a linguagem cotidiana, ou seja, espontânea, regionalista e despreocupada com as normas gramaticais. É importante saber diferenciar essas duas variantes e o momento correto de usá-las. É mais importante, ainda, respeitar os que não têm conhecimento do registro formal. Nesse contexto, surgiu a idéia de desenvolver um aplicativo capaz de ajudar os docentes a responder ao seguinte questionamento: como fazer para ensinar o jovem a usar os diferentes registros (formal e informal) de acordo com as diferentes práticas orais e escritas em que está inserido? Objetivo: Desenvolver um aplicativo mobile para aprendizagem de certos fenômenos linguísticos variáveis direcionado a alunos do Ensino Fundamental. Metodologia: Trata-se de um estudo exploratório qualitativo, desenvolvido por meio de linguagem Java script para ambientes mobile, com foco em gamificação. As variações linguísticas utilizadas foram uso dos registros formal e informal da língua. Resultados: O processo de gamificação do aplicativo em questão ocorre em etapas com sequência lógica de evolução, em que o jogador/aluno deve escolher as respostas de acordo com as perguntas que são apresentadas. Ao final, é apresentado o resultado com a pontuação do jogador. Conclusão: O desenvolvimento do aplicativo de gamificação traz uma nova forma de evolução do processo de ensino aprendizagem, em que por meio de sistemas informatizados, o aluno de ensino fundamental tem a capacidade de aprender jogando.

Título do Trabalho: Zigue zague linguístico: o uso de aplicativos no processo de aprendizagem da língua.

Autor(es):

E-mail:

Marco Antônio Resende Naves, Myllena Sthéfany Dias Santos	myllena.icasu@gmail.com
<p>Resumo: O objetivo deste trabalho (em andamento) é o de avaliar o fenômeno da variação linguística regional por meio do uso das novas tecnologias e, assim, ampliar o conhecimento de alunos do Ensino Fundamental, acerca desse tipo de fenômeno linguístico. O protótipo do aplicativo para se trabalhar com essa questão foi desenvolvido em uma instituição de Ensino Superior de Araguari (MG), entre os meses de fevereiro e abril de 2017, tanto para computadores por meio do Microsoft Visual Basic 2010 Express, tanto para o ambiente mobile, usando o APP Inventor. O aplicativo consiste em propor ao aluno questões de múltipla escolha sobre a variação linguística regional. As perguntas se baseiam na variação linguística conforme a região do Brasil selecionada pelo jogador. As questões contam com imagens de referência e quatro alternativas (A, B, C, D) em que uma resposta é adequada e as demais são inadequadas. O jogador acumula pontos na medida em que responde corretamente às questões de cada região. Os fenômenos utilizados para elaborar esta atividade estão relacionados às variações regionais e de registros. O aplicativo conta com um pequeno menu de introdução e o processo de gamificação ocorre de forma simples: o jogador deve escolher as respostas de acordo com as perguntas que são apresentadas. Ao final, um resultado por meio de pontuação é exibido, promovendo, assim, um processo de ensino aprendizagem de forma autônoma e lúdica. O desenvolvimento do aplicativo gamificado representa uma evolução no processo de ensino aprendizagem, em que por meio da tecnologia o aluno pode ter a oportunidade de aprender jogando.</p>	

<p>Título do Trabalho: A língua em uso: uma proposta de multiletramentos voltada para o ensino de ortografia.</p>	
Autor(es): Thais Nunes Xavier dos Santos	E-mail: tatanx18@hotmail.com
<p>Resumo: Este trabalho versa sobre o ensino de ortografia nas aulas de língua portuguesa, ancorado em uma proposta de multiletramentos. Uma vez observada a crescente dificuldade dos alunos em escrever de acordo com os padrões ortográficos da língua, tornou-se necessária a elaboração de uma proposta de ensino, baseada nos multiletramentos, que abordasse de forma clara, objetiva e prazerosa, o trabalho com a ortografia. Nossa proposta baseia-se em fundamentos teóricos sustentados pelos autores Rojo e Moura (2012), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Morais (2010), acerca de estudos sobre letramento, multiletramentos, letramentos digitais e ensino de ortografia. É recorrente nas produções textuais dos alunos, independente do gênero em foco, muitos problemas oriundos de dificuldades ortográficas. As aulas de língua portuguesa, em sua maioria, apresentam aos alunos o sistema ortográfico e de escrita da língua, norteados por regras e normas da gramática normativa, baseadas em situações comunicativas artificiais e descontextualizadas, nas quais os alunos são inseridos de forma equivocada. A exemplo disso, os livros didáticos apresentam a seção referente aos aspectos fonéticos e fonológicos da língua relacionados à ortografia muito reduzida. O ato de escrever, produzir um texto só é possível porque o ser humano consegue se comunicar através da linguagem numa relação dialógica. Desta forma, a produção de texto do aluno tem uma intenção principal de que o outro leia o seu texto. Ou seja, o objetivo de quem escreve um texto é atingir um leitor, para que o outro o leia. Assim, é importante que o aluno desenvolva a consciência de que, ao escrever, o outro terá contato com o que escreveu, com seu texto, suas ideias e seu conhecimento sobre os recursos linguísticos necessários para que o texto faça sentido, numa relação coerente e coesiva. Uma vez que o texto expressa as mais variadas facetas do autor, é necessário que o indivíduo escreva de maneira que o seu leitor o compreenda. Dessa forma, o ensino da convenção ortográfica é relevante para que o aluno possa expressar-se dentro dos padrões formais da escrita, mediante situações comunicativas as quais lhe exigem um comportamento linguístico mais formal. Por este viés, uma proposta de multiletramentos pode ser uma opção eficaz para se ensinar a ortografia, atendo-se a outros aspectos linguísticos e culturais, além de regras ortográficas. Destinada a alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, os quais podem apresentar em seu histórico escolar uma crescente dificuldade ortográfica, quando analisadas as suas produções textuais.</p>	

GRUPO DE TRABALHO 04

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

GT 04	Título: O percurso formativo dos alunos do PROEJA na perspectiva da interdisciplinaridade e da formação integrada.			
	Coordenação: Profa. Dra. Fátima Aparecida da Silveira Greco; Profa. Ma. Giuliana Ribeiro Carvalho; Profa. Dra. Leila Floresta; Profa. Dra. Maria Auxiliadora Cunha Grossi; Profa. Dra. Raquel Fernandes Gonçalves Machado; Profa. Dra. Zaida Barros Dias.			
	Resumo: A prática pedagógica, os estudos e as pesquisas realizadas pelo PROEJA objetivam a construção de um fazer pedagógico que perpassa as fronteiras disciplinares e possibilite a articulação entre elas. Buscam assim contribuir de forma significativa para a concretização do currículo integrado para dar visibilidade aos sujeitos de EJA e PROEJA, desvelando seus desafios e suas potencialidades. O resultado favorável desses estudos e práticas educativas requer uma efetiva articulação entre a formação geral e a formação profissional dos estudantes frente às necessidades e demandas do mundo do trabalho. Este GT pretende tecer e mapear abordagens realizadas acerca desse trabalho pedagógico e interdisciplinar, que se apresenta como um desafio na proposta curricular para os alunos, assim como apresenta lacunas que necessitam ser preenchidas e reordenadas. Serão considerados os resultados e os dados colhidos na realização dos projetos (inter)disciplinares, assim como em experiências com pesquisas de campo, realizadas pelo PROEJA e por outras pesquisas referentes ao Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1.	Vivências na educação de jovens e adultos na modalidade técnica em meio ambiente (PROEJA): conquistas e desafios em aprendizagens significativas.	Gustavo Maximiano Ferreira, João Carlos de Oliveira, Núbia Aparecida Martins Soares	27/10	237
2.	Educação de Jovens e Adultos: a experiência da formação profissional aliada à interdisciplinaridade no PROEJA/FIC.	Leila Floresta	27/10	237
3.	A evasão escolar na EJA.	Ilza Paula Soares Santos	27/10	237
4.	Ensino de ciências e práticas no PROEJA: interdisciplinaridade e multidisciplinaridade em foco.	Zaida Barros Dias	27/10	237
5.	Ensaio e práticas no PROEJA na perspectiva interdisciplinar e multidisciplinar	Zaida Barros Dias	27/10	237
6.	A confecção de ecobags contribuindo com a preservação do meio ambiente.	Flaviane Lusía Ferreira, Jane Leonardo Ferreira de Melo, Mendes de Souza Assunção	27/10	237
7.	Marcenaria sustentável.	Maria Aparecida Abadia de Deus Oliveira, Rosana Costa Araújo Silva	27/10	237
8.	A participação de alunos do ensino fundamental – PROEJA em projetos de pesquisa – desafios e possibilidades.	Raquel Fernandes Gonçalves Machado	27/10	237

CADERNO DE RESUMOS GT 04

Título do Trabalho: Vivências na educação de jovens e adultos na modalidade técnica em meio ambiente (PROEJA): conquistas e desafios em aprendizagens significativas.	
Autor(es): João Carlos de Oliveira, Gustavo Maximiano Ferreira, Núbia Aparecida Martins Soares	E-mail: oliveirajotaestes@ufu.br gustavoferreira.quimica@gmail.com nubiaamartins@yahoo.com.br
<p>Resumo: Este trabalho representa conquistas e desafios de práticas educativas significativas com estudantes do Curso Técnico em Meio Ambiente (ESTES/UFU) que estudam na Escola Estadual de Uberlândia (MUSEU), na modalidade Educação Profissional com a Educação Básica - Educação de Jovens e Adultos - Ensino Médio (PROEJA – Meio Ambiente). Este Curso foi constituído por meio de parcerias entre a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a Secretaria Estadual de Educação, a Escola Técnica de Saúde – ESTES e a Escola Estadual de Uberlândia (MUSEU). O PROEJA tem algumas fundamentações legais, em especial a Lei 9.394/96 de 20/12/1996, a Portaria Nº: 030/11 – UFU, que autorizou a criação do curso, baseado no Decreto Nº 5.840, de 13 de julho de 2006, do Ministério da Educação, no Art. 1º, que fica instituído, no âmbito dos Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrotécnicas Federais e Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, conforme as diretrizes estabelecidas neste Decreto, que o PROEJA abrangerá os seguintes cursos e programas: I - formação inicial e continuada de trabalhadores; e II - educação profissional técnica de nível médio. O Curso tem uma duração de 3 anos, está credenciado junto ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Minas Gerais. As aulas ocorrem de segunda à sexta-feira, no período noturno. A distribuição das aulas ao longo da semana foi e está pensada numa forma em que na maioria dos dias da semana os Componentes Curriculares – Ensino Médio os Técnicos, estejam misturados, como forma de “não priorizar” este ou aquele Componente. Mas, ainda percebemos hiatos (normal) sobre a real e efetiva aplicação dos conteúdos no Curso, uma maior aproximação como o cotidiano do trabalhador/estudante. Reconhecemos que o curso não representa saídas mágicas para as questões de profissionalização, bem como nas questões ambientais, mas de certa forma o mesmo aponta novos rumos, por isso comungamos com ideia de construção pedagógica dialógica e libertadora com (e não para) os sujeitos, que de certa forma são rupturas para não interferir, mas sim em atos de intervenção na construção dos saberes e fazeres, a partir do que já está constituído em cada estudante. Por isso, nossos objetivos são de socializar algumas experiências desenvolvidas, dentro e fora da sala de aula, que foram propositivas, proativas e significativas, enquanto ensino-aprendizagem na individualidade, integralidade e complexidade dos pensamentos, de tal forma que sempre perguntamos sobre o que, porque e como se ensina, o que deveria e o que precisa ser ensinado sobre questões ambientais. Não podemos ignorar o caráter ideológico dos conteúdos, o grau de dificuldades de aprendizagens, que pode ser ressignificado por meio do Modelo Andragógico.</p>	

Título do Trabalho: Educação de Jovens e Adultos: a experiência da formação profissional aliada à interdisciplinaridade no PROEJA/FIC.	
Autor(es): Leila Floresta	E-mail: leila.floresta@ufu.br
<p>Resumo: O PROEJA/ FIC, ofertado pela Eseba/UFU em parceria com IFTM, com qualificação em Auxiliar Administrativo, assenta-se em um projeto de ensino que, assumindo como princípio o caráter político do processo educativo, concebe o estudante como sujeito social, que vislumbra o mundo do trabalho, e, como ser humano, que tem como práxis o trabalho. A proposta pedagógica pretende-se fundada em uma concepção de educação escolar que promova um vínculo entre os processos pedagógicos e a formação de sujeitos conscientes e capazes de intervir na realidade social. Ou seja: propomos uma educação escolar que não seja vista de forma unilateral, voltada apenas para a satisfação das necessidades espontâneas dos indivíduos, mas também voltada para um processo que produza aspirações mais elevadas e enriquecedoras, de emancipação do gênero humano. Trata-se de uma proposta que, antes de tudo, seja constituída como uma política inclusiva e, portanto que tenha como matriz básica a centralidade nos sujeitos-educandos e perceba-os como portadores de identidades e valores múltiplos, ou seja, que não</p>	

reproduza práticas e ações excludentes. Nesse sentido, para atender a educação escolar integrada ao mundo do trabalho, propõe-se um currículo que deve buscar na ciência a contribuição para promover um processo de ensino aprendizagem articulado às dimensões humanas de criar, fazer, pensar, argumentar, sentir, promovendo a formação de um cidadão capaz de refletir, analisar e, assim, ser crítico e atuante. Deve integrar esses saberes e o mundo do trabalho, promovendo um desenvolvimento intelectual capaz de aliar conhecimento, pesquisa e intervenção na realidade, pois não existe prática desvinculada de um saber. Dessa integração e articulação, os conhecimentos adquirem potencial para se transformar em ferramentas que, apropriadas, são capazes de atender a formação de cidadãos comprometidos com o mundo ao seu entorno bem como com os problemas sociais.

Título do Trabalho: A evasão escolar na EJA.

Autor(es): Ilza Paula Soares Santos

E-mail: ilzasantos24@yahoo.com.br

Resumo: No Brasil a Educação de Jovens e Adultos (EJA) torna-se cada vez mais importante e transforma seu espaço de ocupação no cenário educacional oportunizando educação aos que não puderam concluir seus estudos no período regular. Esta pesquisa propõe investigar a evasão escolar bem como os indicadores que contribuem para a sua persistência na modalidade de ensino da EJA. A pesquisa deu ênfase a uma abordagem qualitativa, portanto foi possível perceber que o processo de escolarização da EJA não se restringe a apenas uma compensação da educação básica, mas à promoção da inclusão social, a inserção e qualificação deste aluno no mercado de trabalho, viabilizando demonstrar o princípio educativo e a ampliação de práticas de cidadania que contemplam o compromisso do conhecimento social e a inclusão de aprendizados que qualifiquem todos os alunos para a sociedade, garantindo-lhes oportunidades igualitárias de emprego e cidadania. Neste sentido ressaltamos que o aluno que frequenta a EJA adquire novos conhecimentos, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades para tornarem-se sujeitos pensantes e críticos, com uma formação qualificada.

Título do Trabalho: Ensino de ciências e práticas no PROEJA: interdisciplinaridade e multidisciplinaridade em foco.

Autor(es): Zaida Barros Dias

E-mail: zaidabarrosdias@gmail.com

Resumo: Este estudo é um recorte do trabalho pedagógico desenvolvido no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica – Proeja, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA na Educação Básica, representada pela Eseba – Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Eseba/ UFU em parceria com o Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM. O referido Programa objetiva a integração e entre a EJA e a Educação Profissional EP, promovendo a articulação entre escolarização e profissionalização técnica (auxiliar administrativo). Neste texto, relataremos a experiência vivenciada na disciplina de Ciências especificamente no 8º ano do Proeja no primeiro semestre de 2017 numa perspectiva inter e multidisciplinar a partir do olhar da professora ministrante do referido conteúdo.

Título do Trabalho: Ensaios e práticas no PROEJA na perspectiva interdisciplinar e multidisciplinar

Autor(es): Zaida Barros Dias

E-mail: zaidabarrosdias@gmail.com

Resumo: O presente estudo apresenta o trabalho pedagógico desenvolvido no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica – Proeja, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA na Educação Básica, representada pela Eseba – Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Eseba/ UFU em parceria com o Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM. O referido Programa tem como intuito oferecer uma escolarização articulada à profissionalização técnica (auxiliar administrativo). Neste texto, relata-se ensaios bem como experiências práticas vivenciadas no primeiro semestre de 2017, na disciplina de Ciências especificamente no 9º ano do Proeja numa perspectiva inter e multidisciplinar a partir do olhar da professora ministrante do referido conteúdo.

Título do Trabalho: A confecção de ecobags contribuindo com a preservação do meio ambiente.

Autor(es): Flaviane Lusia Ferreira, Jane Mendes de Souza Assunção, Leonardo Ferreira de Melo	E-mail:
<p>Resumo: Observamos em nossa cidade a quantidade significativa de materiais descartados de forma indevida, tanto lixo (utensílios domésticos: sofá, cama, colchão, cadeiras, televisores, panelas; dentre outros) quanto de materiais provenientes de reformas ou construções de imóveis. Percebemos que tais descartes propiciam o aumento de insetos e aves de rapina. Outro agravante do acúmulo do lixo é a incineração como possibilidade para a redução do lixo, uma vez que a fumaça, proveniente da queima destes materiais, causa problemas de saúde à população. Entendemos nossa responsabilidade social e a importância em contribuirmos para que futuras gerações possam dispor de recursos naturais e ter assegurado o direito à qualidade de vida; por isso consideramos importante realizarmos ações que contribuam para diminuir alguns destes danos, em especial aqueles causados pelo descarte incorreto de embalagens (sacos) de cimento. Estas evidências mobilizam nossa intenção pela realização desta pesquisa, em que temos intuito em aproveitar estas embalagens. A pergunta que pretendemos responder é: “Como aproveitar as embalagens de saco de cimento, confeccionando ecobags, sem que os resíduos do processo causem degradação ao meio ambiente?”. Para responder a esta pergunta pretendemos implementar uma pesquisa bibliográfica de referenciais relativos às normas de descarte e aproveitamento de resíduos na construção civil, em especial das embalagens de saco de cimento. Supomos que, com o aproveitamento de embalagens para a confecção de ecobags, conseguiremos minimizar significativamente os danos causados pelo descarte deste material no meio ambiente; pretendemos reduzir também o uso de acessórios na modelagem das mesmas, poderemos reduzir os custos de produção e ainda evitar a formação de outro subproduto que possa ser poluente, e contribuir para a degradação ao meio ambiente. Pretendemos recolher as embalagens vazias em canteiros de obras, estabelecendo parcerias com responsáveis pela administração das mesmas, desenvolver o melhor processo que possibilite eliminar os resíduos desse produto, sem causar danos o meio ambiente. Entendemos que nossa proposta contribuirá de forma importante para a redução do descarte inadequado deste material, além disso, pretendemos oferecer à comunidade uma parceria na produção da ecobags, podendo ampliar a renda familiar.</p>	

Título do Trabalho: Marcenaria sustentável.	
Autor(es): Maria Aparecida Abadia de Deus Oliveira, Rosana Costa Araújo Silva	E-mail:
<p>Resumo: Este trabalho é uma pesquisa relacionada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Inovações Tecnológicas (GEPIT), na Escola de Educação Básica (ESEBA) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pergunta que norteia esta pesquisa é: “Como aproveitar os pneus, pallets e garrafas pets que são descartados pela sociedade para a fabricação de móveis?”. Esta proposta se justifica considerando o intuito de diminuir a quantidade de recicláveis que vão para o lixo sem aproveitamento, ou que são descartados de forma incorreta. A pesquisa tem como objetivo avaliar esses materiais jogados fora, de modo a fabricar novos utensílios. A metodologia deste trabalho está amparada na revisão bibliográfica, testes e análises dos testes. Nossa trajetória de pesquisa inicia-se com a investigação de novas ideias de utilização de materiais que seriam descartados, seleção de materiais, testes físicos e químicos, elaboração do projeto dos móveis e brinquedos que serão produzidos, fabricação e apresentação das ideias produzidas a comunidade e, por fim, análise do impacto financeiro. Na apresentação e demonstração dos itens criados, pretendemos investigar a reação dos sujeitos envolvidos. Espera-se como resultado desta pesquisa minimizar os efeitos colaterais do descarte dos materiais, os quais serão aproveitados na fabricação dos móveis e brinquedos.</p>	

Título do Trabalho: A participação de alunos do ensino fundamental – PROEJA em projetos de pesquisa – desafios e possibilidades.	
Autor(es): Raquel Fernandes Gonçalves Machado	E-mail:
Resumo:	

GRUPO DE TRABALHO 05

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 05	Título: Interfaces Ciências e Língua Portuguesa: a interdisciplinaridade como prática pedagógica.			
	Coordenação: Profa. Ma. Giuliana Ribeiro Carvalho; Profa. Me. Vanessa Fonseca Gonçalves.			
	Resumo: Tem-se configurado como um desafio e uma proposta educacionais a formação de estudantes propositivos, agentes de seu aprendizado, críticos, reflexivos, que saibam se utilizar da linguagem e dos recursos de comunicação para se expressarem e posicionarem-se ideologicamente frente aos desafios sociais a que são expostos. Nesse contexto, a interdisciplinaridade e a leitura constituem-se como ferramentas relevantes para o fazer docente. A interdisciplinaridade viabiliza a integração de componentes curriculares a partir da compreensão de múltiplas causas que intervêm sobre a realidade, assim como possibilita o trabalho com linguagens diversas, necessárias à elaboração de conhecimentos, à interação e negociação de significados. A leitura propicia a articulação dos saberes e pode ser utilizada como atividade integradora, em luta contra a fragmentação, devido às possibilidades que oferece ao leitor para relacionar o assunto em tela a seus conhecimentos prévios. Nessa perspectiva, este GT visa reunir trabalhos que apresentem resultados de pesquisas e ou práticas pedagógicas interdisciplinares, que contemplem a interface Ciências e Língua Portuguesa no desenvolvimento de capacidades de linguagem. Serão aceitos trabalhos realizados sob o viés de perspectivas metodológicas variadas, de caráter intervencionista ou não. Objetiva-se, com essa discussão, contribuir com o docente para a problematização dos desafios contemporâneos do processo ensino-aprendizagem.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Projeto Nau dos Mestres: tecendo possibilidades.		Luciana Nascimento Custódio	27/10	214

CADERNO DE RESUMOS GT 05

Título do Trabalho: Projeto Nau dos Mestres: tecendo possibilidades.	
Autor(es): Luciana Nascimento Custódio	E-mail: lucianancustodio@gmail.com
Resumo: O projeto Nau dos Mestres é um material didático desenvolvido pelo Instituto Evoluir em parceria com o grupo Ciência em Show e patrocínio da Monsanto (Lei Rouanet – Ministério da Cultura). Ele foi oferecido a sete escolas municipais de Uberlândia, por intermédio da prefeitura municipal. Dentre elas, está a escola Municipal Odilon Custódio Pereira, que atende alunos de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental I e II. Nessa escola, o recurso foi usado em turmas de 6º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental durante as aulas de laboratório de Ciências. Essas aulas acontecem semanalmente, sendo que as turmas são divididas em duas, resultando em turmas com média de 12 alunos durante as aulas. A Coleção Nau dos Mestres é uma forma criativa e divertida de aprender sobre ciências, língua portuguesa e artes. Os livros da coleção acompanham um laboratório de ciências composto por materiais divididos em quatro caixas segundo os mestres: Merlim, Leonardo da Vinci, Apolo e Gaia. Cada um desenvolve temas diferentes: química, movimentos físicos, componentes da luz e ecologia, respectivamente. Dentro de cada caixa, encontram-se materiais necessários para superar desafios e completar missões mirabolantes junto aos cientistas personagens das histórias: Gerson, Daniel e Wilson. A partir da leitura e interpretação de histórias criativas	

e instigantes, os alunos são convidados a participar da solução das missões das mesmas, propondo soluções a partir dos materiais disponibilizado por cada uma delas dentro da Nau dos Mestres. A resposta aos desafios propostos aos alunos, de todos os anos de ensino, foi muito positiva. Eles demonstram interesse pelos bonitos livros e histórias, e entusiasmam-se com a parte experimental em que precisam em grupo decidir como ajudar os personagens da história a extrair pigmentos de uma flor, virar um copo com água sem que ela caia, ou como fazer uma bolinha flutuar no ar, por exemplo. Após uma avaliação proposta aos alunos, constatamos o quanto eles gostaram e aprenderam com as atividades. Semanas depois da aula foram convidados a lembrar e avaliar cada etapa da aula, e os detalhes que descrevem mostram o quanto aquele momento foi significativo para eles. Isso é possível principalmente por conta da história envolvente em que são convidados a usar a imaginação e também ao potencial experimental de cada missão proposta. Nesse grupo de discussão gostaríamos de compartilhar essas e outras experiências desenvolvidas a partir do uso do projeto Nau dos Mestres nas turmas de uma escola municipal de Uberlândia.

GRUPO DE TRABALHO 06

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 06	Título: Alfabetização, infância e cotidiano escolar.			
	Coordenação: Profa. Me. Clarice Carolina Ortiz Camargo; Profa. Me. Letícia Borges de Oliveira; Profa. Me. Mariane Éllen da Silva.			
	Resumo: Abordará temas relacionados às Infâncias, crianças, discursos, autoria, leitura, escrita e o brincar no cotidiano escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A temática da alfabetização e do brincar vem sendo amplamente discutida por professores pesquisadores da educação básica e também do ensino superior, tendo em vista a preocupação de alfabetizar as crianças e ao mesmo tempo respeitar seu tempo do brincar e da infância. O processo de alfabetização apresenta-se como assunto prioritário, no contexto atual e educacional. Trata-se de uma das prioridades do governo em âmbito nacional, por meio do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa) alfabetizar todas as crianças até os 8 anos de idade e também, recentemente, pela reconfiguração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que altera a alfabetização das crianças para o final do 2º ano do ensino fundamental. Nesse sentido, interrogamos em que medida nossas escolas articulam o processo de alfabetização com o brincar, respeitando o tempo da infância? Como atividades características da infância, são compreendidas e pensados para o espaço-tempo de aprender nas séries iniciais? Os professores são respeitados em sua autoria e liberdade de ensinar/alfabetizar? Consideramos que esse grupo de trabalho poderá trazer importantes contribuições para fomentar o debate e subsidiar profícuas reflexões, em futuros estudos, sobre o processo de alfabetização das crianças e sua interface com o tempo da infância. Acreditamos que a qualidade da educação depende da valorização das ações e da complexidade de cada escola, como um contexto único de saberes e práticas, reconhecendo o caráter heterogêneo e plural das ações, vivências e experiências realizadas pelos docentes, a partir das necessidades da escola.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Como as crianças aprendem?		Cecilia Rezende Silva	27/10	217
2. Crianças no cotidiano escolar da Alfabetização Inicial: reflexões sobre políticas públicas, infâncias e aprendizagens.		Mariane Éllen da Silva, Myrtes Dias da Cunha	27/10	217
3. O brincar e a educação: o espaço e o tempo da infância no 1º ano do ensino fundamental.		Daniella Salviana Faria	27/10	217

CADERNO DE RESUMOS GT 06

Título do Trabalho: Como as crianças aprendem?	
Autor(es): Cecilia Rezende Silva	E-mail: ceciliarezende@ufu.br
Resumo: Há muito a alfabetização tem sido alvo de debates, estudos e investimentos. A lei 12.796/13, em seu artigo 4º, determina que a idade obrigatória de início da educação básica é aos 4 anos de idade; antes era aos 6. Um dos objetivos dessa mudança é atender a meta de alfabetizar todas as crianças até o final do 2º ano do ensino fundamental. Dessa forma, os docentes tem priorizado as atividades de registro com planejamentos exaustivos em detrimento do lúdico. A cobrança por resultados pressiona os professores;	

concomitante é o sofrimento dos alunos que necessitam do espaço livre para brincar, não só por diversão, mas para o desenvolvimento de inúmeras funções motoras e psíquicas. O aluno Gabriel dos Santos Oliveira, de 5 anos, é aluno da Escola Municipal de Educação Infantil, 1º período. Diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é acompanhado no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e pelo Centro Especializado em Reabilitação (CER). Na escola a criança não se comunica verbalmente, participa de algumas atividades (sua vontade é respeitada) e permanece parte do tempo fora da sala de aula. “Apesar” de não realizar todas as tarefas e não se atentar às explicações das professoras, Gabriel é o único aluno da escola que escreve o seu nome completo, o nome de alguns colegas e outras palavras que significativas. Em conversa com a mãe soubemos que ele fala algumas palavras e lê textos conforme seu interesse. A mesma relatou que aos 2 anos ele já sabia todo o alfabeto sem que qualquer pessoa lhe ensinasse. Em nenhuma das instituições frequentadas pelo menino há preocupação com a alfabetização; o objetivo primário é auxiliá-lo em suas dificuldades de socialização, comunicação e desenvolvimento da autonomia. O menino é para nós o exemplo de que não é necessário sacrificar a infância; as crianças aprendem “apesar” dos professores, como descreve Jacques Rancière (2015): “Não há homem sobre a Terra que não tenha aprendido alguma coisa por si mesmo e sem mestre explicador” (p.35). É preciso que os “mestres explicadores” tenham consciência da importância da brincadeira, que reconheçam nesta a gama de conhecimentos que são primordiais para o desenvolvimento das crianças; que valorizem as interações sociais, as leituras de mundo, enfim, as diferentes formas de aprendizagens e que, assim, não sobrecarreguem seus alunos transformando o ensino em uma atividade desgastante. Como Gabriel, acreditamos que todas as crianças trazem inata a aptidão para aprender, só precisam ser respeitadas e valorizadas em sua essência!

Título do Trabalho: Crianças no cotidiano escolar da Alfabetização Inicial: reflexões sobre políticas públicas, infâncias e aprendizagens.

Autor(es):

Mariane Éllen da Silva,
Myrtes Dias da Cunha

E-mail:

mariane.eseba@ufu.br
myrtesufu@gmail.com

Resumo: O presente estudo tece algumas reflexões sobre a pesquisa referente ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), política pública do governo federal, voltada para a formação de professores alfabetizadores (1.º ao 3.º ano), que intenta assegurar que todas as crianças brasileiras estejam alfabetizadas até os 8 anos de idade; ao final do 3.º ano do ensino fundamental. Tem por objetivo compreender como esse Programa, por meio dos cadernos em alfabetização em língua portuguesa da formação continuada de professores alfabetizadores, projeta a criança e seu aprendizado da leitura e escrita no 1º ano do Ensino Fundamental. Desse modo, abordaremos em nossas análises a organização do cotidiano escolar nas turmas de 1.º ano do ensino fundamental, buscando compreender como a organização do espaço-tempo de aprender, nessa proposta, situa a leitura, escrita e o brincar na vida das crianças e de que modo se apresenta para a prática do professor. A presente investigação consiste numa pesquisa documental caracterizada pelo procedimento da configuração textual e do paradigma indiciário. Por meio da análise dos Cadernos do Programa constatou-se que o planejamento do processo de alfabetização e ensino-aprendizagem da língua portuguesa é voltado exclusivamente para os eixos constituintes da língua (leitura; produção de textos escritos; oralidade; análise linguística: discursividade, textualidade e normatividade; e análise linguística: apropriação do sistema de escrita alfabética); todos esses elementos contemplam o que se espera que o professor ensine às crianças, ao mesmo tempo, se estabelece que as crianças têm o direito de aprender de modo geral e específico, o que é importante trabalhar em cada ano do ciclo de alfabetização, excluindo-se, assim, as características próprias das crianças de seis anos na organização do espaço-tempo escolar, as manifestações de outras linguagens e sua incorporação nas rotinas escolares, contribuindo para uma desvalorização do brincar e um distanciamento das necessidades infantis. Salientamos que o brincar, principal atividade e direito das crianças, está sendo descaracterizado devido às exigências do ensino fundamental. De acordo com a análise empreendida, constatamos a existência de um discurso predominante na orientação das práticas docentes e na regulação dos tempos de aprendizagem das crianças, sustentado no *direito de aprender* das

crianças, definindo o que, como e quando as crianças devem aprender, e por aí naturaliza e padroniza o que, como e quando o professor deve ensinar.

Título do Trabalho: O brincar e a educação: o espaço e o tempo da infância no 1º ano do ensino fundamental.

Autor(es): Daniella Salviana Faria

E-mail: daniella_gtl@hotmail.com

Resumo: A infância tem sido objeto de estudo em nosso país, especialmente nas últimas décadas, o que levou a um avanço no âmbito do conhecimento científico e ainda na garantia de direitos das crianças. Em meio a esses estudos, o brincar e a educação nas instituições escolares, têm despertado debates e reflexões sobre as políticas que regulamentam a escolarização das crianças. O objetivo deste texto é analisar e discutir questões sobre o brincar e a criança de seis anos no 1º ano do ensino fundamental, considerando os espaços e tempos da infância vivenciados no cotidiano escolar. Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado realizada no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA-UFU). Diante do contexto de ampliação do ensino fundamental para nove anos a partir da Lei n. 11.274, são vários os desafios que as escolas têm enfrentado na configuração de um currículo para o 1º ano do Ensino Fundamental que contemple as especificidades das crianças de seis anos. A pressão incisiva das famílias, das políticas públicas e até mesmo dos professores tem provocado uma aceleração do tempo de aprender, principalmente, quando a criança está em processo de alfabetização, muitas vezes, descaracterizando o brincar como atividade fundamental da infância. Nesse sentido, pesquisar a prática pedagógica desenvolvida com as crianças neste ano de ensino, permitiu a realização de um estudo acerca das atividades lúdicas desenvolvidas no cotidiano escolar, suscitando indagações sobre a possibilidade de garantir espaços-tempos de aprender com as múltiplas linguagens, diante do contexto de alfabetização, respeitando o tempo da infância e as especificidades da idade das crianças. Na tentativa de buscar respostas a esses questionamentos, apresenta-se, ao longo deste trabalho, alguns princípios teóricos que norteiam a temática, apontando possíveis contribuições de experiências que buscam a consolidação de ações que valorizem o lúdico enquanto elemento fundamental para o desenvolvimento das crianças a partir da pluralidade de vivências e experiências significativas.

GRUPO DE TRABALHO 07

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 07	Título: O ensino da leitura na escola: panorama, perspectivas.			
	Coordenação: Profa. Dra. Eliana Aparecida Carleto; Profa. Dra. Joice Ribeiro Machado da Silva; Profa. Me. Márcia Martins de Oliveira Abreu.			
	Resumo: Refletir sobre o papel da escola na formação dos leitores se faz urgente. Os últimos dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) declara, em seu último relatório, que apenas 25% dos estudantes que terminam o ensino médio saem com as capacidades leitoras plenas. Revisitar o trabalho com o ensino da leitura que tem sido desenvolvido na escola é nosso papel. Nesse contexto, é necessário propor alternativas metodológicas que priorizem o desenvolvimento das competências leitoras. As estratégias de leitura são um campo fértil no sentido de permitir que a compreensão seja o foco do ensino da leitura na escola.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Estratégias de leitura com crianças em processo de alfabetização.		Joice Ribeiro Machado da Silva	26/10	215
2. Martinésia: espaço rural paisagens urbanas? Experiência de leitura das paisagens na perspectiva dos discentes do 2º ciclo do CAp Eseba/UFU.		Luana Moreira Marques, Vagner Limiro Coelho	26/10	215

CADERNO DE RESUMOS GT 07

Título do Trabalho: Estratégias de leitura com crianças em processo de alfabetização.	
Autor(es): Joice Ribeiro Machado da Silva	E-mail: joicerms@ufu.br
<p>Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar nossa pesquisa sobre estratégia de leitura com crianças em processo de alfabetização que teve sua origem nos desafios experimentados como professora na tarefa de formar leitores literários, o que motivou a busca de soluções por meio de estudos e de investigações. O problema central consiste em encontrar metodologias que garantam a formação de leitor competente, função precípua da escola de Ensino Fundamental, mas que não tem se efetivado. O leitor competente, dentre outras características, se mostra capaz de ler nas entrelinhas, de interagir com o texto, de fazer conexões. O objetivo da pesquisa é o de verificar como um trabalho sistematizado sobre o ensino das estratégias de leitura com livros de literatura infantil poderiam contribuir para o avanço na compreensão do texto literário, superando práticas equivocadas frequentemente utilizadas no cotidiano escolar para se ensinar a ler. A opção pela literatura se deu devido a sua função formadora e pela possibilidade reflexiva presente nas obras. Dessa forma, eleitas as obras de literatura, realiza-se um trabalho sistemático sobre o ensino das estratégias de leitura de modo a mostrar para as crianças que ler vai muito além de decodificar texto. As análises indicam que estas estratégias permitem que o estudante encontre as ferramentas adequadas para lidar com o texto, compreendê-lo e ao mesmo tempo refletir sobre temas muitas vezes conflituosos presentes no cotidiano como morte, amizade, amor, superação, alegria, além do ganho ético e estético que a literatura traz. A incorporação adequada das estratégias de compreensão contribuíram para a formação do leitor literário, aqui entendido como aquele capaz de superar seus problemas de compreensão textual. Ressaltamos que a pesquisa contribuiu também com a ampliação do acervo literário das crianças, e com o desenvolvimento do gosto pela leitura de literatura infantil.</p>	

Título do Trabalho: Martinésia: espaço rural paisagens urbanas? Experiência de leitura das paisagens na perspectiva dos discentes do 2º ciclo do CAP Eseba/UFU.	
Autor(es): Luana Moreira Marques, Vagner Limiro Coelho	E-mail: luanageotur@yahoo.com.br vlimirio@gmail.com
Resumo: A leitura das paisagens numa perspectiva geográfica é essencial no processo de ensino e aprendizagem de Geografia para o ensino fundamental. A partir dela é possível construir junto aos discentes novas perspectivas e realidades acerca do espaço geográfico e refletir sobre as transformações e relações que se estabelecem num lugar específico, como é o caso do distrito de Martinésia no município de Uberlândia, MG. Nos distritos é possível perceber urbanidades em meio a paisagens essencialmente rurais. Tal característica desperta possibilidades para a leitura e compreensão da paisagem enquanto categoria de análise geográfica, permitindo dar sentido ao lugar enquanto espaço de vivência, além de evidenciar a historicidade do local, seus elementos e sujeitos. A discussão sobre os distritos de Uberlândia, que faz parte do programa da área de Geografia para o 2º ciclo do CAP Eseba/UFU, foi desenvolvida, em 2017, sobre a óptica da divisão do município entre campo e cidade. Essa discussão se aprofundou a partir da menção dos distritos como espaços que conjugam tanto o campo como a cidade. Nesse contexto, surgiram questões como: o que são distritos? Eles se constituem como espaços rurais ou urbanos? Que paisagens marcam esses espaços? Quais elementos formam essas paisagens? Como caracterizar tais espaços a partir do modo de vida de quem ali vive? Em meio a esses questionamentos surgiu a proposta de desenvolvimento de um trabalho multidisciplinar envolvendo as áreas de conhecimento da CAP Eseba/UFU e os estudantes do 2º ciclo dessa instituição. O trabalho culminou na realização de uma incursão a campo no distrito de Martinésia e teve como objetivo discussões e práticas envolvendo a infância, as questões ambientais, o modo de vida e a análise do espaço por meio das paisagens, num comparativo entre o distrito visitado e a cidade de Uberlândia (espaço de vivência dos discentes). Em geografia, os estudantes conseguiram identificar a paisagem por meio de produções fotográficas, entrevistas, experiências e sensações apreendidas em campo, assim como imaginar e materializar possíveis transformações dessas paisagens a partir das memórias e do modo de vida de seus moradores. Além disso, refletiram sobre as características indentitárias do distrito e organizaram registros evidenciando a compreensão do contexto urbano que se insere no espaço rural dos mesmos. Por fim, foi possível questionar as funções e finalidades dos distritos para os sujeitos que ali vivem, além de seu papel no município.	

GRUPO DE TRABALHO 08

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

GT 08	Título: Educação Infantil: diálogos sobre e com crianças de 04 a 06 anos.			
	Coordenação: Prof. ^a Me. Pâmela Faria Oliveira; Prof. ^a Me. Paula Amaral Faria; Prof. ^a Me. Flávia Pimenta de Souza Carcanholo; Prof. ^a Me. Vanessa de Souza Ferreira Dangelo; Prof. ^a Esp. Priscila Gervásio Teixeira; Prof. ^a Esp. Celine Cristina Silva Borges; Prof. ^a Me. Rochele Karine M. Garibaldi; Prof. ^a Me. Núbia Silva Guimarães Paiva; Prof. ^a Me. Kellen Cristina C. A. Bernardelli; Prof. ^a Dr. Juliene Madureira Ferreira; Prof. ^a Esp. Johnatan Augusto da Costa Alves.			
	Resumo: O grupo de trabalho “Educação Infantil: diálogos sobre e com crianças de 04 a 06 anos”, tem como objetivo dialogar sobre experiências e pesquisas acerca dos temas: práticas pedagógicas e propostas curriculares que envolvam as crianças e as infâncias; as diferentes linguagens das crianças; políticas educacionais e gestão na Educação Infantil; inclusão dos alunos público da educação especial em sala de aula regular em Educação Infantil; formação de professores para/na Educação Infantil.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. A construção da identidade na educação infantil: uma experiência com o autorretrato e a valorização das diferenças.		Bruna Lorena Barbosa Moraes, Pricilla Cruvinel Pena	26/10	217
2. Iniciação científica na educação infantil: possibilidades da prática pedagógica.		Mariane Gomes Pereira, Thaíza Vieira Pacheco	26/10	217
3. Projetos pedagógicos na educação infantil: relatos de vivências.		Flávia Pimenta de Souza Carcanholo	26/10	217
4. Apresentando uma proposta curricular para a educação infantil.		Julienne Madureira Ferreira, Pâmela Faria Oliveira	26/10	217

CADERNO DE RESUMOS GT 08

Título do Trabalho: A construção da identidade na educação infantil: uma experiência com o autorretrato e a valorização das diferenças.	
Autor(es): Bruna Lorena Barbosa Moraes, Pricilla Cruvinel Pena	E-mail: brunam.pedagogia@gmail.com pricruvinel@hotmail.com
Resumo: A educação infantil, primeira etapa obrigatória da educação básica, vem ganhando espaço e valorização da sociedade como um todo. Atuar nessa etapa requer de nós profissionais, um olhar atento e cuidadoso para as múltiplas possibilidades que esse espaço proporciona. É nessa etapa que as crianças estão se constituindo enquanto um sujeito pensante, em desenvolvimento por isso mesmo, a complexidade dessa fase. A infância é (ou ao menos deveria ser) marcada pelo o lúdico, pela as inúmeras possibilidades que as crianças apresentam, quando afirmamos isso, implica dizer que concordamos que a educação infantil, tal como as crianças, são constituídas de múltiplas linguagens, ou seja, que possuem diferentes maneiras de pensar sobre um determinado assunto. Ao dizer isso, estamos falando da nossa prática, que se embasa nesses pressupostos, em respeito à infância, em que as crianças são ouvidas, e que seus desejos sejam respeitados. Acreditamos nisso, pois, essa etapa do ensino sendo a primeira da	

educação básica, nós profissionais temos uma responsabilidade grande com a base do desenvolvimento da criança, isso implica em olhar para o desenvolvimento global dessas. Pensando nessa complexidade, esse artigo pretende abordar sobre a nossa experiência enquanto professoras da educação infantil em uma escola da rede particular do município de Uberlândia, sobre a construção da identidade na educação infantil, considerando o nosso olhar e entendimento sobre a infância. Para isso ancoramos o nosso trabalho em pressupostos legais, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, além da proposta anual da escola em que atuamos no que se refere à temática da construção da identidade. Para isso, o trabalho está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento discorreremos sucintamente de qual infância falamos: as nossas concepções da educação infantil tal como a infância; em seguida fazemos abordagem sobre a temática da construção da identidade na educação infantil: qual a sua importância porque se trabalhar nessa perspectiva o uso autorretrato como recurso, e como usar desse recurso, para dialogar com as crianças sobre as diferenças; e por fim, compartilhamos as nossas experiências.

Título do Trabalho: Iniciação científica na educação infantil: possibilidades da prática pedagógica.

Autor(es):

Mariane Gomes Pereira,
Thaíza Vieira Pacheco

E-mail:

marianegpereira21@gmail.com
thaizavpacheco@gmail.com

Resumo: Esse trabalho consiste em um relato de experiência de duas professoras de uma instituição privada de Educação Infantil. A instituição em questão, seguindo os preceitos da teoria histórico-cultural e da pedagogia de projetos, se propôs a elaborar um projeto de iniciação científica a ser desenvolvido junto às crianças. Tal projeto, intitulado “Jornada do Pequeno Cientista” tem como objetivo sensibilizar as crianças quanto aos elementos da natureza (terra, fogo, água, ar) assim como também os animais. A justificativa para este se dá a partir da presença desses elementos no quintal da escola, nos colocando como parte integrante do ecossistema e das relações estabelecidas com o meio ambiente. Durante o processo, buscamos desenvolver uma postura investigativa além de atitudes de respeito, cuidado e preservação da natureza. Foram realizados experimentos científicos e sensoriais, assim como visitas exploratórias, contando com a parceria de toda a comunidade escolar. A avaliação do projeto tem se dado de maneira processual, sistematizada através do registro no portfólio, levando em conta a fala e as expectativas das crianças sobre o que foi realizado. Tal experiência tem composto nossa formação em serviço e contribuído para um olhar sensível para com a criança.

Título do Trabalho: Projetos pedagógicos na educação infantil: relatos de vivências.

Autor(es): Flávia Pimenta de Souza Carcanholo

E-mail: flaviapimentasouza@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compartilhar experiências sobre projetos desenvolvidos na Educação Infantil como forma de propiciar situações de ensino e aprendizagem. Os projetos envolvem a participação ativa dos alunos como protagonistas deste processo. Por meio do olhar atento do professor aos interesses da turma um tema pode ser definido como eixo para uma pesquisa. Neste relato, são abordados diversos temas trabalhados, um em cada ano letivo. É possível verificar as variadas linguagens sendo exploradas no contexto dos projetos de pesquisas com temáticas escolhidas no próprio universo infantil. Em todos os projetos trabalhados houve a preocupação com o levantamento de ideias nas quais as crianças eram instigadas a todo o momento para a criação de hipóteses, inquietações, busca pela pesquisa e descoberta de novas informações que desencadeavam para a problemática dos projetos. O envolvimento da turma era visível e corroborava para uma aprendizagem e uma vivência prazerosa no cotidiano escolar. O planejamento era feito concomitantemente com as ações e as atividades iam sendo construídas “durante o caminho”. Inicialmente era levantado com a turma o que já sabiam sobre o tema, o que gostariam de saber mais e de que forma conseguiriam descobrir. Por meio dos projetos, foi possível abranger as habilidades e competências das áreas curriculares imersas no Programa Curricular da Educação Infantil, como Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Desenvolvimento Afetivo e Emocional, Movimento e Arte. Os temas trabalhados, um em cada ano de ensino foram: golfinho, meteoro, natureza, cigarra, macaco, cachorro, macarrão, dinossauro e foguete. Ao longo do trabalho eram

elaborados registros por meio de fotos, desenhos, imagens, livretos, construções de sucatas que compõem os elementos trabalhados no projeto e que culminam em uma exposição e apresentação à comunidade escolar do trabalho desenvolvido pela turma. A avaliação quanto à participação e aprendizagem dos alunos acontece de maneira processual, durante todo o desenvolvimento do projeto. Sendo assim, os projetos propiciam uma maneira de olhar para a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem, sendo ela curiosa, criativa, alguém que se interessa e é estimulada a procurar soluções e compreender o mundo a sua volta.

Título do Trabalho: Apresentando uma proposta curricular para a educação infantil.

Autor(es):

Julienne Madureira Ferreira,
Pâmela Faria Oliveira

E-mail:

julienemf@yahoo.com.br
pamela8oliveira@hotmail.com

Resumo: O presente texto apresenta o percurso de sistematização das discussões sobre a reformulação curricular da Educação Infantil no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, publicamente conhecida como Eseba – Escola de Educação Básica da Universidade de Uberlândia. O texto inicia com a apresentação das categorias de análise utilizada pelo grupo de docentes do referido departamento para a reflexão sobre práticas e teorias até então adotadas. Em seguida, explicita-se o processo de construção dos novos parâmetros curriculares locais, enfatizando-se na construção coletiva, contínua fundamentada em dados empíricos para o repensar do currículo. Conclui-se o texto expondo alguns dos pontos identificados como relevantes para a aplicação dos novos referenciais na prática, nesta ocasião detalhes sobre a metodologia dessa implementação são enfatizados.

GRUPO DE TRABALHO 09

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 09	Título: Educação Estética, Cultural e Política.			
	Coordenação: Prof. Me. Daniel Santos Costa; Prof. Dr. Getúlio Gois de Araújo; Prof. Ma. Mara Rúbia de Almeida Colli; Profa. Ma. Mariza Barbosa de Oliveira.			
	Resumo: Este Grupo de Trabalho: “Educação Estética, Cultural e Política” busca refletir sobre processos, práticas e contextos da educação através da complexidade sociocultural contemporânea. Pensar a educação para além de pragmatismos abrindo espaços para a produção de conhecimento através da ação e da experiência. Através do deslocamento o olhar para modos de fazer e estratégias de resistências pautadas no conhecimento sensível, pleiteamos a atenção nos entre lugares multi/inter/transdisciplinares e reverberadas numa perspectiva de educação estética, cultural e política. Pautamos uma necessária reflexão sobre o tempo/espaço da escola destinado às práticas de atividades que valorizam a expressividade e sensibilidade. Desse modo, ampliaremos as possibilidades de discussão de práticas escolares e educacionais que extrapolem os espaços da sala de aula, valorizando os contextos cotidianos, espaços institucionais ou não que contribuam com os processos formativos, a relação entre educação, arte e vida. Abrindo espaço para novas formas de apresentação e exposição de trabalho, o GT aceitará, além da comunicação oral, possibilidades diversas de comunicação: demonstrações artísticas e performáticas nas diversas linguagem da Arte, desmontagens de trabalhos, vídeos, fotografias, instalações e exposição de trabalhos visuais.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Pibid: Um ato de resistência e transformação durante a formação docente.		Gabriel Marques Fernandes	26/10	241
2. Wudao e a ampliação do horizonte antropológico da educação.		Guilherme Amaral Luz	26/10	241
3. Colégio Allan Kardec e o estabelecimento do espiritismo no Triângulo Mineiro.		Jaqueline Peixoto Vieira da Silva	26/10	241
4. Ensino da Arte e Ruralidade: reflexões e apontamentos interculturais.		Sérgio Naghettini	26/10	241
5. Ações e experimentações do fazer criativo interativo no ambiente escolar.		Mara Rúbia Almeida Colli	26/10	241
6. Músicas indígenas brasileiras e ensino: princípios e métodos.		Getúlio Ribeiro	27/10	241
7. Está caindo flor: trânsito poéticos nos trajetos artísticos e docentes.		Mariza Barbosa de Oliveira	27/10	241
8. Trabalho de parceria entre supervisor pedagógico e professores: potencialização do processo de ensino.		Sulamita de Moura Lemes, Tatiane Daby de Fátima Faria Borges	27/10	241
9. Ensino e aprendizagem musicais na escola produzindo subjetividades.		Lucielle Farias Arantes	27/10	241
10. Com-partir experiências de estágios supervisionado em dança e teatro na Eseba/UFU.		Daniel Santos Costa, Getúlio Góis de Araújo	27/10	241

CADERNO DE RESUMOS GT 09

Título do Trabalho: Pibid: Um ato de resistência e transformação durante a formação docente.	
Autor(es): Gabriel Marques Fernandes	E-mail: gabrielmf027@gmail.com
<p>Resumo: Esta proposta de comunicação, originada da experiência de formação em ensino e pesquisa construídas por 24 meses no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Subprojeto História Santa Mônica e do debate teórico entre a bibliografia e fontes - Lei das diretrizes e bases da educação nacional (LDB) de 1996, regimento interno PIBID/UFU; pelos autores Moacir Gadotti (2008), Paulo Freire (1996), Adalberto Marson (1984), Telma Faltz Valério (2006), Bernardette Gatti (2014), Marcos A. Da Silva (2003) e Jurjo Torres Santomé (1998) -, tem como intuito questionar, no âmbito prático, a relação entre bolsistas do Pibid – pibidianos -, e professores da rede estadual básica pública de ensino - especificamente do nono ano do ensino fundamental -; analisando de forma crítica as adversidades deste universo, compreendendo o potencial de diálogo no espaço do Pibid como “um ato de resistência e transformação no processo de construção do conhecimento, caminhando em direção à educação libertadora” (FERNANDES, 2017, p. 163). O trabalho está organizado em dois momentos: o primeiro, tem como intuito refletir as adversidades do ofício docente experienciado em um contexto educacional brasileira perpassado por ecos de uma educação ritmada pela cultura industrial (THOMPSON, 1998, p. 292); característica expressa fortemente através da reorganização educacional apontada pela lei 5692/71 (VALÉRIO, 2006, p. 5633), um fantasma formador latente das concepções e sentidos dos devires educacionais e docente dentre os sujeitos, tendo como centralidade, uma educação unilateralmente técnica, formativa para os diversos nichos de mercado de trabalho; contribuindo para precarização e sucateamento em diferentes níveis do meio de trabalho docente. No segundo momento, explanarei o sentido e função do pibidiano na comunidade escolar através dos relatos de minha experiência no Pibid, observando o potencial de resistência contra precariedade e ensino exclusivo técnico através das atividades do programa; e transformação, ao desenvolver atividades que estimulem a criatividade - usando diferentes linguagens através de práticas disciplinares, interdisciplinares, disciplinares cruzadas -, promovendo um diálogo entre pibidiano, professor e comunidade escolar, prezando pelo respeito da pluralidade, permissividade, autonomia e crítica no processo de construção do conhecimento emancipador e múltiplo dos sujeitos (FREIRE, 1996, p.34).</p>	

Título do Trabalho: Wudao e a ampliação do horizonte antropológico da educação.	
Autor(es): Guilherme Amaral Luz	E-mail: guilhermealuz@ufu.br
<p>Resumo: A proposta desta comunicação é apresentar e refletir a respeito de experiências de extensão do INHIS/UFU envolvendo prática de artes marciais chinesas e estudos livres de temas sobre a Ásia junto a “públicos escolares”. Atualmente, estes projetos são realizados aos sábados na Escola Estadual Sebastião Dias Ferraz, em Tupaciguara-MG, e às sextas-feiras no CulturArte, dentro comunitário de moradores de Cruzeiro dos Peixotos, no distrito de Martinésia, Uberlândia-MG. O primeiro atinge, sobretudo, professores e estudantes do Ensino Médio, enquanto o segundo focaliza faixa etária do Ensino Fundamental I (mais especificamente, crianças de 6 a 10 anos). No primeiro, buscamos desenvolver aulas de “kung fu” e, ao mesmo tempo, promover rodas de conversa sobre assuntos variados relativos à história, à geografia, à geopolítica, às correntes do pensamento filosófico e religioso, às línguas, às etnias, aos costumes e à estética, à economia e à cultura material da China. No segundo, juntamente com o kung fu, promovemos experimentos e vivências lúdicas por meio de outras linguagens, como, por exemplo, a dramatização, o desenho, a literatura e a mitologia. Em todos os casos, os objetivos mais gerais estão ligados à exploração de princípios do Wudao ou do Budo (em sua nomenclatura japonesa) para a formação humana de modo abrangente e integral. Busca-se um caminho que permita ao sujeito explorar-se e conhecer-se na medida em que amplia os seus referenciais de mundo e toma contato com o outro. Intenta-se promover momentos de sociabilidade que sejam ao mesmo tempo agradáveis e ricos como experiência subjetiva e intersubjetiva, fomentando diálogos e aprendizados significativos, tendo em vista as</p>	

particularidades de cada ser em construção. Como prática de investigação e estudo, almeja-se conhecer melhor as potencialidades das artes marciais para o incremento da educação escolar e, ao mesmo tempo, a qualificação teórica do ensino-aprendizagem destas artes conforme paradigmas de uma educação humanizadora, urgente para o mundo atual.

Título do Trabalho: Colégio Allan Kardec e o estabelecimento do espiritismo no Triângulo Mineiro.

Autor(es): Jaqueline Peixoto Vieira da Silva

E-mail: vida.jaquelinepeixoto@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é resultado de pesquisa realizada durante o mestrado em História, que buscou investigar o colégio Allan Kardec, fundado em 1907, em Sacramento-MG. Trata-se de um colégio regular de educação básica, com ensino confessional espírita; o primeiro colégio espírita de base teórica kardequiana, plantado no Triângulo Mineiro. A doutrinação religiosa com a consequente propagação do espiritismo na região central do país foi traço marcante do colégio, que ensinava sobre a existência e natureza do espírito, confrontando diretamente com outras crenças e religiões. Além do ensino do espiritismo, também se ensinava os conteúdos regulares: matemática, português, francês, ciências, física, química, biologia, geografia, história. O colégio oferecia o ensino a partir da alfabetização até a finalização da educação básica. Alguns estudantes terminaram os estudos no colégio Allan Kardec e seguiram para a faculdade em outras cidades. O colégio funcionava a partir de doações espontâneas. Empresários, vereadores, comerciantes doavam recursos financeiros para a manutenção da instituição que atendia crianças de variado espectro social: crianças pobres e crianças de família em melhor condição social. Para várias crianças negras o colégio Allan Kardec era a única opção de ensino gratuito na cidade de Sacramento. A maioria populacional no Brasil era analfabeta. Sendo assim, havia pessoas que se ligavam ao colégio em busca da oportunidade de ensino e terminavam por se converter ao espiritismo. Através da instituição de ensino a religião se expandiu e rompeu gradativamente o preconceito estabelecido, cujas vozes afirmavam que o espiritismo era obra do demônio ou de mentes atordoadas. No colégio Allan Kardec, ensinar o espiritismo nunca foi um objetivo oculto, ao contrário, o colégio foi criado para cumprir esse propósito e também realizar uma educação capaz de transformar pensamentos e sentimentos. Um colégio confessional espírita durante as primeiras reflexões de caráter nacional para a implantação do ensino laico (que nunca se concretizou efetivamente). Para compreender esse movimento histórico foi necessário uma incursão na história da educação o que possibilitou refletir sobre os caminhos a que chegou a educação básica. Foi através das fontes de memória que consegui investigar o colégio Allan Kardec. Ex-estudantes deixaram relatos sobre a instituição e sobre as atividades de ensino. Esse movimento de lembrar como o colégio funcionava se mostra também como uma escolha ideológica e política, afinal o que se consagra é a instituição espírita. A estética e o posicionamento espírita ficaram evidentes nesse estudo que apresenta as estratégias de consolidação de um grupo religioso.

Título do Trabalho: Ensino da Arte e Ruralidade: reflexões e apontamentos interculturais.

Autor(es): Sérgio Naghettini

E-mail: sergionaghettini@yahoo.com.br

Resumo: Esse trabalho de pesquisa constitui um estudo de caso desenvolvido com base no estudo profundo do objeto de pesquisa referente à prática do professor no ensino da Arte como construção reflexiva e teórica em relação à proposição do fazer artístico vinculado à arte e cultura local. Uma prática que visa abordar e reconhecer a cultura local, sensibilizando os olhares dos discentes para situações diferenciadas das culturas locais em transformação e transição que ocorrem entre a cultura rural e urbana. Foi desenvolvida como projeto de pesquisa no Curso de Mestrado Profissional em Artes com o tema “Ensino da Arte e Ruralidade: reflexões e apontamentos interculturais”. Espera-se que contribua para enriquecer as discussões para novas concepções práticas de ensino da Arte, numa proposta pedagógica de integração da arte, cultura e ruralidade. A pesquisa foi desenvolvida com base no estudo do objeto de pesquisa referente à prática do professor no ensino da Arte e tem como objetivo apreender e ressignificar reflexivamente o planejamento e o ensino de arte para discentes da zona rural mediante o propósito de subsidiar um ensino e aprendizagem cujo eixo central assenta-se na interculturalidade. Essa proposta de prática educativa para a escola rural procura relacionar o processo de educação com seu público alvo, discentes do 6º ao 9º anos, integrando as relações interculturais dos discentes nas aulas de Arte. Este

estudo da prática docente em Arte constituiu um estudo de caso fundado na pesquisa etnográfica de orientação qualitativo-fenomenológica. Os procedimentos de coleta e análise de dados seguem a perspectiva da observação, do registro e da reflexão por meio de narrativas. Como forma de apresentar resultados, optei pela triangulação de procedimentos uma abordagem qualitativa, uma metodologia etnográfica e método fenomenológico, resultante da observação típica de quem participam de sua prática. O processo investigativo da própria prática de ensino, na perspectiva etnográfica, envolve relação dinâmica de reflexão sobre si e com outro no processo de apreender a sua cultura, seus significados na concepção e desenvolvimento de práticas de ensino de Arte. A diversidade cultural e as interações culturais dentro do âmbito da sala de aula são complexas e diversas, possibilitando que o professor de Arte acolha em seus processos “toda a bagagem cultural e subjetividade” que os discentes trazem em suas expressões artísticas.

Título do Trabalho: Ações e experimentações do fazer criativo interativo no ambiente escolar.

Autor(es): Mara Rúbia Almeida Colli

E-mail: mara_colli@ufu.br

Resumo: A Artes Visuais é uma linguagem artística presente em várias culturas e épocas. Por meio dela, os seres humanos se expressam; se interagem; despertam sentimentos e emoções; são motivados a agirem de uma ou outra maneira; desenvolvem habilidades e competências; constroem conhecimentos, desvelando, respeitando, valorizando e apropriando-se de elementos presentes nas sociedades e culturas. Desde então, a arte, como expressão humana, está em constante desenvolvimento e vem sendo transformada aos longos dos anos, acompanhando a história da humanidade, suas conquistas e ações, de modo que a arte e a vida são indissociáveis. Neste sentido, o ensino de Arte voltado para pré-adolescentes, parte do pressuposto de que esse campo do conhecimento trata de uma significativa linguagem – forma de expressão e comunicação – por meio da qual os discentes têm a possibilidade de conhecer, explorar e interpretar o universo que os rodeiam, além de traduzir suas sensações e sentimentos em gestos visuais, o que permite o alcance gradativo da autonomia criativa. Ser professor/artista/pesquisador ou artista/pesquisador/professor, parte do pressuposto que as práticas artísticas docentes são de extrema importância para que haja uma conexão às práticas discentes. Deste modo, cabe ao professor construir a trajetória a ser percorrida, empregando uma mediação aproximada, questionadora e reflexiva. Assim, os processos do fazer são tratados em trânsito, num constante ir e vir entre teorias, conceitos, vida e obra de artistas nacionais e internacionais e experimentações de materiais e técnicas expressivas. A construção destes caminhos é processual e realizada durante as distintas reflexões sobre a arte e a vida, instigadas e alavancadas em sala de aula, buscando a observação do entorno, do cotidiano e das escolhas pessoais. A liberdade, os desejos pessoais e coletivos, são respeitados, pois as sensações e intenções na construção de objetos e instalações artísticas interativas, complementam o processo de criação da produção plástica dos estudantes. Deste modo, a partir das práticas docentes e discentes, percebo e acredito ser possível o desenvolvimento de ações e experimentações do fazer criativo interativo no ambiente escolar. Nesse percurso do fazer criativo, as descobertas são distintas, carregadas de múltiplas transformações, sensações e sensibilizações, até que os resultados imagéticos tomem forma. Portanto, criar é um processo existencial, pois segundo Fayga Ostrower (2002) não abrange apenas técnicas e conceitos, mas principalmente pensamentos e emoções que, num jogo de movimento constante, demonstra a estabilidade e instabilidade no processo do fazer.

Título do Trabalho: Músicas indígenas brasileiras e ensino: princípios e métodos.

Autor(es): Getúlio Ribeiro

E-mail: getulioeseba@gmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda o ensino sobre as músicas indígenas brasileiras, a partir da investigação das muitas formas de escuta, percepção e interpretação destas músicas construídas ao longo dos séculos de contato entre as culturas indígenas e não-indígenas no Brasil. Com base neste estudo, busca-se estabelecer princípios e práticas para uma abordagem aprimorada sobre as músicas indígenas nos contextos educacionais, dentre os quais destacam-se: a problematização dos métodos de leitura e transcrição musical ocidentais no diálogo com as manifestações musicais indígenas; o caráter indispensavelmente interdisciplinar do ensino sobre as músicas indígenas; a música interligada às demais

formas de expressão inseridas no seu contexto de realização (dança, grafismo, pintura, entre outros); a utilização de registros fonográficos disponíveis no mercado, porém pouco difundidos nos meios midiáticos e ambientes escolares; a ética e a politicidade inerentes ao trabalho com acervos indígenas, incluindo os sonoro-musicais; a observação da diversidade musical indígena, incluindo suas interfaces com as culturas musicais não-indígenas; a utilização de instrumentos musicais indígenas e a fabricação artesanal de instrumentos; o intercâmbio com músicos, grupos e produtores musicais provenientes das comunidades indígenas nos processos educacionais.

Título do Trabalho: *Está caindo flor*: trânsito poéticos nos trajetos artísticos e docentes.

Autor(es): Mariza Barbosa de Oliveira

E-mail: mariza.oliveira@ufu.br

Resumo: A proposta de comunicação tem por objetivo abordar a produção artística e a relação com o trabalho docente em Arte. Neste sentido a formação docente é pensada juntamente com a formação artística, agregando experiências de histórias vividas em sua constituição, verificando aproximações e contribuições entre as práticas artísticas e pedagógicas. A apresentação terá como ponto de partida o próprio trabalho artístico *Está caindo flor* (2016-2017), para pensar os possíveis desdobramentos na prática docente enquanto professora de Artes Visuais. O trabalho toma a cidade como lugar sensível, sendo uma ação desenvolvida no projeto “Trânsitos poéticos: perspectivas de ações artísticas nos trajetos da cidade”. A ação consiste em ficar debaixo de uma árvore florida na cidade, desfrutando por horas da sensação contemplativa de vivenciar o cair das flores. De forma poética e sutil, a ação reivindica o uso dos espaços públicos para contemplação e experimentação, uma noção de tempo que contraria a lógica capitalista: o tempo do ócio, o tempo do cair das flores, buscando sentido na beleza do florescer do cerrado mineiro. Parece natural que possamos usufruir destes espaços sensíveis da cidade, mas nem sempre o olhar apressado, o compromisso urgente, o tempo do relógio nos permitem isso. Fazer uso do nosso direito à cidade nem sempre é tão simples como parece. A comunicação pretende discutir como as questões que emergem na pesquisa poética podem ser abordadas no Ensino de Arte para tratar dos processos artísticos contemporâneos. Podemos destacar alguns aspectos importantes como o potencial político da Arte, o investimento do corpo nos trabalhos artísticos, a transitoriedade e efemeridade, a Arte Contextual e a importância dos registros como documentos do processo, suas características que permitem o desdobramento do trabalho e a possibilidade de tornar acessível a experiência deslocada do contexto. Por fim pretende-se discutir a importância da produção artística para a docência em Arte, a vivência das etapas do processo criativo dá subsídios para que professores possam ter mais condições de orientarem seus alunos a trilharem os percursos criativos em Arte.

Título do Trabalho: Trabalho de parceria entre supervisor pedagógico e professores: potencialização do processo de ensino.

Autor(es):

Sulamita de Moura Lemes,
Tatiane Daby de Fátima Faria Borges

E-mail:

sulamitagomes14@gmail.com
tatianedaby@gmail.com

Resumo: A escola atual necessita-se da interação entre o supervisor pedagógico e o professor, como forma de alcançar uma aprendizagem qualitativa, através da superação das dificuldades relacionadas à prática pedagógica por meio do trabalho de parceria entre ambos. O presente artigo realizado por meio de uma revisão da literatura teve como objetivo discutir a importância do trabalho de parceria entre o supervisor pedagógico e os professores para a efetivação do ensino. O estudo mostrou que muitos professores ainda consideram o supervisor pedagógico como um mero fiscalizador da prática docente, devido à origem da ideia de supervisão que surgiu no meio industrial e a característica de inspeção que esteve ligada a supervisão ao longo da história. Atualmente a atuação do supervisor está relacionada ao planejamento, reformulação do currículo, elaboração e execução do Projeto Político Pedagógico, ao acompanhamento do processo educativo, através da avaliação e as devidas recuperações, além da formação continuada dos docentes em serviço. Nesse contexto é fundamental a relação de parceria, realizada através do diálogo, reflexão e troca de experiências entre o supervisor pedagógico e os professores, que contribui para

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

qualidade do processo ensino-aprendizagem, proporcionando um ensino eficaz, significativo e transformador.

Título do Trabalho: Ensino e aprendizagem musicais na escola produzindo subjetividades.

Autor(es): Lucielle Farias Arantes

E-mail: luciellearantes@ufu.br

Resumo: Este texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento que visa o desenvolvimento de uma didática desenvolvimental da subjetividade para o ensino de música na escola. Aqui serão apresentadas duas teorizações do campo psicológico na perspectiva Cultural-Histórica voltadas ao tema da subjetividade, quais sejam, a Teoria da Subjetividade e o conceito aprendizagem criativa, cunhados pelos autores cubanos González Rey e Mitjáns Martínez, respectivamente. As prerrogativas defendidas pelos autores consistem em importantes fundamentos para se pensar os processos formativos na educação básica, suscitando questões vinculadas aos processos didáticos no ensino de Música nas escolas ao considerarem os estudantes em seu caráter ativo e gerador e a aprendizagem como produção subjetiva integrada aos processos simbólico-emocionais. A atenção aos fenômenos tangentes às configurações subjetivas individuais e à subjetividade dos espaços sociais que constituem cenário de ensino e aprendizagem musicais qualificam tais processos fomentando a motivação e o desenvolvimento integral dos sujeitos, bem como o desenvolvimento dos espaços onde perfazem sua experiência.

Título do Trabalho: Com-partir experiências de estágios supervisionado em dança e teatro na Eseba/UFU.

Autor(es):

Daniel Santos Costa,
Getúlio Góis de Araújo

E-mail:

grdcosta@ufu.br
getulio.araujo@ufu.br

Resumo: Propomos nesta comunicação a partilha de experiências friccionada nos estágios supervisionados em dança e teatro, cujo local de acontecimentos é a Escola de Educação Básica (Eseba), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Acreditamos que espaço legitimado em nossas práticas e a aproximação efetiva com os referidos cursos de graduação tem evocado dinâmicas desafiadoras e inovadoras no campo de ensino da Arte, especialmente nestas linguagens em que nos inserimos. Falamos do lugar da experiência, do acontecimento da experiência, dos atravessamentos no corpo e as partilhas sensíveis evocadas num difícil lugar de trânsito entre a Educação Superior e a Educação Básica, ou seja, entre a Universidade e a Escola, entre a teoria e a prática. Temos recebidos, semestralmente, alunos dos cursos de graduação em dança e teatro para realização de estágios curriculares e também participação em projetos de ensino. Os olhares e os diálogos provocados num encontro tenso e colaborativo têm permitido uma aproximação singular com os cursos de graduação, nos quais abrimos passagens e tentamos romper fronteiras para exacerbar o conhecimento, mediando uma possibilidade de apreender sempre. Assim, os docentes orientadores de estágios tem buscado uma aproximação efetiva com as aulas de dança e teatro que, nesta escola, vem sendo desenvolvidas. Como supervisores trazemos a dimensão de uma intrínseca escuta, onde temos a oportunidade de, efetivamente, atuar na formação dos estagiários que por essas aulas pousam. Desse modo, compartimos experiências sobre o uma perspectiva *sui generis* que tais ações evocam num contexto de formação de professores, onde a Eseba tem sido lócus de potentes experiências no campo da educação através da Arte.

GRUPO DE TRABALHO 10

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 10	Título: Experiências com Filosofia para/com crianças.			
	Coordenação: Profa. Ma. Luciana Xavier de Castro; Prof. Me. Rones Aureliano de Sousa; Prof. Me. Mauro Sérgio Santos da Silva.			
	Resumo: Tendo como objeto de investigação “O Pensamento”, busca-se de modo organizado, sistemático e rigoroso problematizar as temáticas propostas relativas à vida do homem, do mundo e da sociedade, considerando tanto a linguagem mitológica quanto a linguagem racional, meios indispensáveis à expressão e comunicação da práxis, tendo em vista a construção do conhecimento e do saber contextualizada almejando a autonomia do sujeito, no processo de elaboração da própria realidade. O evento que comemora os quarenta anos da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, Eseba, visa reunir professores de Filosofia da cidade de Uberlândia e região, em níveis básico e médio, para apresentar suas práticas pedagógicas exitosas, divulgar suas pesquisas, troca de experiências e aperfeiçoamento em suas áreas afins.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. A questão da abordagem do ensino de filosofia na educação básica.		Mauro Sérgio Santos da Silva, Rones Aureliano de Souza	26/10	217

CADERNO DE RESUMOS GT 10

Título do Trabalho: A questão da abordagem do ensino de filosofia na educação básica.	
Autor(es): Mauro Sérgio Santos da Silva, Rones Aureliano de Souza	E-mail: mauro.filos@hotmail.com
<p>Resumo: Na <i>Crítica da Razão Pura</i>, Kant distingue o “ensino de filosofia” e o “filosofar”. Afirmar ser possível ensinar a filosofar, mas não ensinar filosofia. O trecho kantiano, em sua totalidade estabelece, por primeiro, a possibilidade do ensino do filosofar. Por conseguinte, diz poder-se ensinar filosofia, desde que a partir de uma perspectiva histórica. Neste sentido, a distinção kantiana pode ser concebida como um profícuo ponto de partida para a reflexão proposta por este trabalho. O ensino de filosofia refere-se aos processos de ensino e de aprendizagem de conteúdos filosóficos referentes à tradição e à história da filosofia. Em princípio, trata do ensino de filosofia <i>para</i> crianças. O ensinar a filosofar, por seu turno, diz respeito à filosofia como experiência filosófica. Porquanto, associa-se a uma prática que pode ser realizada <i>com</i> as crianças. Assim, de um lado, está o “ensinar filosofia” (conteúdos filosóficos) para crianças. De outro, o filosofar (filosofia como experiência) <i>com</i> crianças. Contudo, no cotidiano da sala de aula, tal distinção nem sempre se apresenta de forma tão clara e precisa. Destarte, o presente trabalho discute a problemática da abordagem mais apropriada ao ensino de filosofia na educação básica. Discorre acerca das três perspectivas apresentadas pela literatura filosófica disponível relativa a esta questão, quais sejam, a temática, a histórica e a problematizante. Propõe que tal análise deve ser empreendida, em princípio, como uma questão precipuamente filosófica. Apresenta os limites e possibilidades das três espécies de abordagem. Ressalta a importância dos conteúdos e da tradição (história da filosofia). Salienta o potencial criativo do problema filosófico tanto para o processo de construção-reconstrução de conceitos quanto para o ensino e a aprendizagem de conteúdos significativos no âmbito conceitual, atitudinal e</p>	

procedimental. Trata o problema filosófico como ensejo da educação filosófica. Propõe que a trajetória seja fornecida pela história da filosofia e pelos conteúdos filosóficos. E aponta para a produção do conceito como corolário dos processos de ensino e aprendizagem de filosofia na educação básica. Considera, assim, que há um processo de ensino e de aprendizagem de conteúdos filosóficos (conceitos, história da filosofia) para as crianças e adolescentes. Com efeito, na educação filosófica como experiência, as crianças e os adolescentes podem concomitantemente apropriar-se crítica, reflexiva e criativamente dos conteúdos filosóficos, construindo, nesta feita, uma reflexão autônoma, partindo da resolução de problemas com vistas à construção de conceitos.

GRUPO DE TRABALHO 11

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

GT 11	Título: Será que estou apenas classificando? A Avaliação Formativa como proposta viável de qualificação do desenvolvimento do ensino e das aprendizagens.			
	Coordenação: Profa. Ma. Clarice Carolina Ortiz de Camargo; Prof. Dr. Christian Alves Martins.			
	Resumo: Fundamentado em uma bibliografia consistente, o GT em questão propõe refletir acerca de outros caminhos para a Avaliação nos Sistemas Escolares. Como o título indica, os trabalhos ligados a esta temática precisam versar primeiramente sobre a necessidade de reconhecer a própria prática docente, e, depois sobre a viabilidade de novas propostas formativas para avaliar o ensino e as aprendizagens. Ao contrário da concepção de que a avaliação seria uma mera atribuição de notas para efeito de classificação, o escopo do GT busca refletir sobre a concepção de uma avaliação simples, processual, protagonista, criteriosa, ética, inclusiva e principalmente inovadora, atendendo a diversidade real de uma sala de aula e construída a partir de um feedback contínuo. Destarte, as discussões buscam pensar sobre o saber onde estamos em relação aos procedimentos avaliativos, e, principalmente para onde queremos ir.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. O Colégio Imaculada Conceição: vestígios de uma formação educacional para a emancipação e independência da mulher -1961-1977-Tupaciguara-Minas Gerais-Brasil.		Izabel Rozetti	26/10	214
2. A produção da qualidade a partir da política de avaliação sistêmica mineira nas Redes Municipais de Uberlândia e Ituiutaba.		Leonice Matilde Richter, Olenir Maria Mendes	26/10	214
3. Proposta de Trabalho Avaliativo: quando o ensino, a aprendizagem e avaliação acontecem durante o processo.		Janine Cecília Gonçalves Peixoto, Natália Justino Batista, Olenir Maria Mendes	26/10	214
4. A produção científica acerca da relação entre ensino, aprendizagem e avaliação.		Natália Justino Batista, Olenir Maria Mendes	26/10	214
5. A contribuição dos registros colaborativos e compartilhados para o desenvolvimento de práticas avaliativas formativas.		Clarice Carolina Ortiz de Camargo	27/10	214
6. Avaliação da aprendizagem em educação física escolar: em busca de aproximações com uma avaliação formativa.		Larissa Ramos Duarte	27/10	214
7. A importância do <i>feedback</i> na concepção de uma avaliação formativa.		Christian Alves Martins	27/10	214

CADERNO DE RESUMOS GT 11

Título do Trabalho: O Colégio Imaculada Conceição: vestígios de uma formação educacional para a emancipação e independência da mulher -1961-1977-Tupaciguara-Minas Gerais-Brasil.

Autor(es): Izabel Rozetti	E-mail: izabelrozetti@gmail.com
Resumo: O presente estudo visa apresentar a história do curso normal oferecido para mulheres em regime regular, semi-internato e internato, pelo Colégio Imaculada Conceição, uma instituição de ensino confessional católica e privada, situada no município de Tupaciguara- MG- Brasil, no período de 1961 a 1977, ocasião a abranger desde a gênese das atividades do curso normal até o ano em que a referida instituição passou a admitir a matrícula de alunos do sexo masculino nessa modalidade de ensino. A mantenedora da referida instituição educacional é a Congregação Filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário, uma ordem religiosa católica de origem italiana. O estudo fundamenta-se nos pressupostos da História Cultural e nas formulações sobre a cultura escolar, em particular daquela de Dominique Juliá. A pesquisa problematizou aspectos pedagógicos desenvolvidos pelo colégio, com o intuito de compreender como a composição curricular influenciou na emancipação profissional das alunas e como os princípios do catolicismo colaboraram para com a formação educacional e moral das estudantes. A metodologia contemplou a pesquisa qualitativa com o uso de fontes como o livro de registro de pagamento das mensalidades, livro de registro de visita e inspeção escolar. A imprensa escrita também foi uma fonte utilizada neste estudo. Foi feita uma incursão no jornal O Tupacyguarense, editado na cidade de Tupaciguara; nos jornais Correio e Repórter, ambos da cidade de Uberlândia-MG, e no jornal O Correio Católico de Uberaba-MG. Também foi realizado um estudo bibliográfico relacionado à temática educacional por meio da análise da leitura de livros afins, periódicos e diferentes textos científicos envolvendo a História da Educação e das Instituições Escolares. Os resultados evidenciaram que o trabalho pedagógico desenvolvido pelo curso normal do Colégio Imaculada Conceição estava associado aos ideais de cristianização preconizados pela Igreja Católica que era formar moças educadas e polidas, aptas a atuar no magistério e, ainda, continuar sendo boas mães e donas de casa exemplares, porém, além de responder aos anseios da sociedade da época, o curso normal colaborou com a emancipação profissional das alunas, uma vez que uma parcela significativa das alunas foram para o mercado de trabalho passando a colaborar com as despesas da casa, tornando-se mulheres independentes financeiramente.	

Título do Trabalho: A produção da qualidade a partir da política de avaliação sistêmica mineira nas Redes Municipais de Uberlândia e Ituiutaba.	
Autor(es): Leonice Matilde Richter, Olenir Maria Mendes	E-mail: leonice@ufu.br olenirmendes@gmail.com
Resumo: Compreender como a avaliação sistêmica tem contribuído para construir a qualidade educacional tornou-se foco do Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação Educacional (Gepae) do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da UFU, com financiamento da Fapemig. Almejando identificar as transformações provocadas pelas políticas de avaliação mineira a pesquisa procurou compreender a concepção de qualidade expressa na proposta do Simave e sua relação com as escolas públicas. Para tanto, verificou-se como as escolas pesquisadas se organizam para realizar a avaliação sistêmica visando o patamar satisfatório nos índices do IDEB. Tendo como fontes: pesquisa qualitativa, análise de documentos das Secretarias Municipais de Educação de Uberlândia e Ituiutaba e entrevistas com os estudantes, familiares, pessoal do administrativo (secretários/as, auxiliares de serviços gerais), professores/as, coordenadores/as e gestores/as organizou-se os dados em quatro categorias. Foram eles: preparação para a avaliação externa; o clima de tensão criado pela avaliação externa; impactos da avaliação externa nas escolas; repercussões da avaliação externa nas escolas. Evidenciou-se que em quatro das seis escolas pesquisadas, houve utilização de métodos avaliativos (provas e testes semelhantes ao formato das avaliações externas) sempre buscando a cada ano, melhores resultados nas AEs. A pesquisa poderá contribuir para a compreensão dos processos de avaliação, como fenômeno essencial para a apreensão da realidade escolar, possibilitando a interpretação e o estabelecimento de ações que influenciem os resultados contribuindo para a construção de uma escola pública de qualidade socialmente referenciada.	

Título do Trabalho: Proposta de Trabalho Avaliativo: quando o ensino, a aprendizagem e avaliação acontecem durante o processo.	
Autor(es): Janine Cecília Gonçalves Peixoto, Larissa Ramos Duarte Natália Justino Batista, Olenir Maria Mendes	E-mail: janinecgp@gmail.com larii.ef@gmail.com nataliajustinob@gmail.com olenirmendes@gmail.com
Resumo: Esse trabalho pretende compartilhar as experiências coletivas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação – Gepae acerca da construção do conceito “Proposta de Trabalho Avaliativo” como forma de buscar uma referência que consiga ser fiel à compreensão ampla das ações avaliativas que ocorrem na sala de aula a partir de uma concepção de avaliação formativa, de caráter incluyente e de acompanhamento das aprendizagens. Os estudos realizados pelo grupo de pesquisa possibilitaram uma compreensão mais ampla sobre a importância conceitual do fazer avaliativo, no sentido de contribuir com os processos formativos de professoras e professores no campo da avaliação educacional. A pretensão é contribuir para que os termos mais comuns como “instrumento”, “métodos” ou mesmo prática avaliativa sejam entendidos numa perspectiva mais ampla e incluyente. Pensando nestes aspectos as “propostas de trabalho avaliativo” é um convite ao aprender, ao pensar, que será desenvolvido por um grupo de pessoas, sem necessidade de uma hierarquia pré-definida, porém com um objetivo a ser alcançado. A “proposta de trabalho” seja ela qual for, está ligada a uma ação em processo, necessita de uma estrutura para que o seu desenvolvimento seja compreensível e exequível. Para esse termo ser amplamente reconhecido, acreditamos que o planejamento dessas propostas é importante para dar sentido e valorização à aprendizagem a ser desenvolvida. A “proposta de trabalho” vem aliada à uma teoria/conceito, sempre ligado a uma ideia, um pensamento propositivo, para a aprendizagem e para avaliação. Desse modo, o objetivo desse trabalho é apresentar as discussões recentes que o Gepae tem realizado em seus encontros de estudos sobre a temática ligadas aos procedimentos avaliativos, por nós denominado de “Propostas de Trabalho Avaliativo”.	

Título do Trabalho: A produção científica acerca da relação entre ensino, aprendizagem e avaliação.	
Autor(es): Natália Justino Batista, Olenir Maria Mendes	E-mail: nataliajustinob@gmail.com olenirmendes@gmail.com
Resumo: Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica que compõe uma investigação de mestrado acadêmico desenvolvida no âmbito do PPGED/UFU, cujo foco é a avaliação das/ para as aprendizagens. Para realizá-la, buscamos produções a partir dos descritores “relação ensino, aprendizagem, avaliação” e “ensino, aprendizagem e avaliação” nas seguintes bases de dados online: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Repositório da Produção Científica e Intelectual da UNICAMP, Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses, Repositório Institucional da UFU e Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Diante da necessidade de estabelecer um recorte temporal, optamos por estudar pesquisas realizadas entre 2000 e 2016. Foram selecionadas doze produções: Rades (2016), Lima (2015), Mani (2015), Camargo (2014), Soares (2011), Bermudes (2010), Berni (2010), Melo (2009), Farias (2008), Luís (2007), Weber (2007) e Santos (2000). À exceção de Melo (2009), que realizou uma pesquisa bibliográfica, as demais produções foram elaboradas a partir de dados construídos em pesquisas de campo. Ainda que os resultados das pesquisas apontem dificuldades e tensões na busca por práticas avaliativas inovadoras e dissonâncias entre discursos e práticas avaliativas, identificamos que há, na maior parte das escolas investigadas, um importante movimento no sentido de atribuir à avaliação funções que vão além do cumprimento das tarefas burocráticas, explícita ou implicitamente voltadas a medir, quantificar e classificar. Os estudos selecionados tiveram como pano de fundo princípios e pressupostos de concepções progressistas de avaliação e nelas a avaliação das/para as aprendizagens é discutida ora relacionada ao ensino, ora à aprendizagem, ora a ambos os termos, no entanto não focalizam a relação entre ensino, aprendizagem e avaliação tendo a sala de aula como unidade de análise, intuito de nossa pesquisa. Acerca da produção de conhecimento sobre avaliação, Fernandes nos diz que “[...] temos forçosamente que desbravar e	

aprofundar a ideia de avaliar para aprender se quisermos enfrentar as questões mais prementes e urgentes da educação contemporânea. E isto passa necessariamente pela investigação empírica e pela construção teórica” (FERNANDES, 2006, p.43) e que “a produção de conhecimento no domínio da avaliação pedagógica tem que ser, cada vez mais, resultado de pesquisas realizadas com os professores, nos contextos reais das salas de aula.” (Informação verbal obtida de palestra proferida pelo professor Domingos Fernandes em Uberlândia-MG, em novembro de 2016).

Título do Trabalho: A contribuição dos registros colaborativos e compartilhados para o desenvolvimento de práticas avaliativas formativas.

Autor(es): Clarice Carolina Ortiz de Camargo

E-mail: claricecarolinacamargo@gmail.com

Resumo: O presente resumo visa apresentar o recorte de uma das etapas do projeto em andamento intitulado “O desenvolvimento de práticas de avaliação formativa com crianças em processo de alfabetização”, desenvolvido por meio do Programa Bolsas de Graduação UFU/PROGRAD, Subprograma Educação Básica e Profissional. O Projeto conta com sua terceira edição e tem como objetivo fundamentar as práticas avaliativas na Alfabetização Inicial na perspectiva da avaliação formativa bem como, contribuir com a formação acadêmica dos estudantes de Graduação (estagiários e bolsistas). Com isso, destaca-se neste resumo os processos de desenvolvimento, construção e análise de práticas de registros semanais acerca do trabalho pedagógico e dos processos de ensino-aprendizagem realizado por todos(as) os(as) envolvidos(as) no cotidiano escolar. Os resultados parciais indicam que as práticas de registros desenvolvidas de modo colaborativo e compartilhado têm contribuído para a produção teórico-prática de propostas de trabalho avaliativas formativas como *feedback*, (re)planejamento, e trabalho coletivo. Ressalta-se ainda o desenvolvimento de práticas avaliativas dialógicas, co-responsáveis e compartilhadas por meio da participação, da autonomia, da autoria, da construção e da colaboração de todos(as) os(as) participantes.

Título do Trabalho: Avaliação da aprendizagem em educação física escolar: em busca de aproximações com uma avaliação formativa.

Autor(es): Larissa Ramos Duarte

E-mail: larii.ef@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma pesquisa de mestrado em andamento do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo do estudo é identificar, descrever e analisar as práticas de avaliação da aprendizagem na ação de professoras de educação física que se identificam com um trabalho coletivo, tendo como referência de análise os fundamentos da avaliação formativa. A pesquisa apresentou três fases, bibliográfica, de campo, e documental. Na fase bibliográfica coletamos dados relacionados ao nosso objeto de estudo: avaliação na educação física escolar. A análise documental consistiu-se da análise de documentos de planejamento das professoras denominado Estratégias de Ensino. A fase de campo contou com observações e entrevistas. Entrevistamos quatro professoras da rede pública municipal de ensino de Uberlândia, atuantes no primeiro ciclo do ensino fundamental, que participam/participaram de um grupo de formação continuada -Laboratório de Estudos sobre Escola, Currículo e Educação Física (Lecef)-, que se identificam com um trabalho coletivo e que utilizam o mesmo modelo de planejamento. A observação foi realizada com as quatro participantes no período de fevereiro a junho de 2017 e ocorreram com uma turma de cada professora, sendo uma de 1º ano e as outras três de 2º ano. As entrevistas compuseram-se de três partes: o perfil da professora; o grupo de formação continuada e as Estratégias de Ensino; e a temática de pesquisa (Avaliação da Aprendizagem). A pesquisa encontra-se em processo de análise de dados, assim evidenciamos alguns resultados iniciais. Constatamos que o tratamento da temática avaliação na graduação e pós-graduação das investigadas não trouxeram contribuições significativas para suas práticas, bem como as discussões sobre o tema no Lecef também foram escassas, evidenciando a fragilidade dos processos de formação. Notamos ainda, que apenas uma das professoras possui um conhecimento mais aprofundado acerca da avaliação formativa em decorrência da sua pesquisa de mestrado. Ao analisar o planejamento das docentes, bem como na observação das aulas, notamos a presença de uma avaliação diagnóstica, que ocorre no início de um tema de ensino, e em uma avaliação que ocorre ao final do tratamento deste tema.

Embora esta avaliação ocorra ao final, não possui um caráter classificatório ou punitivo, nem com objetivo de aprovação/reprovação. Verificamos na observação uma prática em comum realizada frequentemente por três das docentes, que é iniciar a aula perguntando aos/as estudantes sobre a aula anterior, tal atividade é utilizada por elas como forma de avaliar. Evidenciamos que faltam registros mais sistemáticos, individuais ou coletivos dos/das estudantes sobre as propostas de trabalho avaliativo na prática das docentes.

Título do Trabalho: A importância do *feedback* na concepção de uma avaliação formativa.

Autor(es): Christian Alves Martins

E-mail: christian.martins@uol.com.br

Resumo: Esta apresentação possui como principal objetivo a reflexão e a intervenção sobre a prática avaliativa dentro da metodologia de trabalho de professores do sistema educacional brasileiro. Esta proposta nasceu da longa e empírica observação da experiência profissional de docentes, sejam do ensino privado ou público, zona urbana ou rural, ensino fundamental ou médio, que reproduzem procedimentos avaliativos, vivenciados pelos mesmos em sua própria vida escolar, na falta de um outro parâmetro teórico-metodológico. Por isso, a necessidade de questionamentos permanentes como: “Será que estou apenas classificando?” com o objetivo de realizar um autodiagnóstico em relação às orientações avaliativas adotadas por cada profissional. Não por acaso, apresento como principal referência de discussão o documento organizado pelo Ministério da Educação juntamente com a Secretaria de Educação Básica, intitulado “**Indagações** sobre currículo” (Grifo nosso), mais especificamente o capítulo “Currículo e Avaliação” escritos por Claudia de Oliveira Fernandes e Luiz Carlos de Freitas. Após a diagnose, baseado em uma bibliografia consistente acerca da Avaliação Formativa, proponho pensar sobre as possibilidades válidas de se romper com a reprodução de formatos avaliativos focados no simples ranqueamento de estudantes no âmbito escolar, favorecendo a exclusão dos mesmos, ao contrário de uma prática processual, protagonista, democrática e voltada para o ensino e para as aprendizagens. A experiência demonstra que esta transposição é lenta e gradual visto que o professor é o herdeiro de uma longa tradição voltada para diretrizes cujo fito é a classificação. Todavia, neste evento, apresento uma reflexão sobre propostas de trabalho que atendam uma característica fundamental da Avaliação Formativa: o *feedback*, cujo sentido geral, adequa-se perfeitamente ao propósito deste trabalho, pois trata-se de um dado manifestado pelo receptor a partir de uma mensagem enviada pelo emissor, proporcionando a avaliação do processo. Acredito que a simples incorporação desta orientação na concepção de propostas avaliativas, já viabilizaria mudanças significativas na experiência escolar de todos os agentes envolvidos. Portanto, além das autoavaliações, dos portfólios, dos memoriais, as provas convencionais com a utilização, de fato, do *feedback* poderiam ser consideradas formativas, na medida que o objetivo daquela avaliação favorecesse uma melhoria do ensino e das aprendizagens dos discentes de uma determinada disciplina. Destarte, acredita-se que este trabalho possa ensejar pelo menos um “desassossego” em todos os profissionais (não apenas professores) ligados à educação, acerca das responsabilidades na formação de qualidade de crianças e jovens estudantes brasileiros.

GRUPO DE TRABALHO 12

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 12	Título: A leitura e a escrita à luz das políticas educacionais para o ensino de Língua Portuguesa.			
	Coordenação: Profa. Dra. Claudia Goulart Moraes; Profa. Dra. Vilma Aparecida Gomes.			
	Resumo: Este GT tem como objetivo constituir-se em um espaço para discussões de pesquisas que mantêm uma interlocução com as mais diversas perspectivas teóricas voltadas às práticas de ensino de leitura e de escrita em Língua Portuguesa na educação básica, considerando as implicações das políticas públicas educacionais implementadas nos últimos anos. As práticas de ensino carecem sempre de discussão que possibilitem reflexões sobre o modo como elas se realizam em sala de aula. Além disso, há uma preocupação em (re)pensar o ensino de Português à luz das várias iniciativas governamentais voltadas para a melhoria da educação básica. Essas políticas públicas propõem (re)pensar a prática de sala de aula com base nos estudos linguísticos desenvolvidos nos últimos 30 anos. Dentre essas iniciativas, as que consideramos mais impactantes e que são voltadas para a melhoria do ensino de Língua Portuguesa são: a distribuição de livros didáticos do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD), a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP); a criação do Portal do Professor, do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica Pública (PARFOR), do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) entre outras. Entretanto, há aproximadamente trinta anos de uma compreensão social e histórica da linguagem, e quase vinte anos de lançamento dos PCNLP e do aprimoramento do PNLD, o impacto dos estudos linguísticos, sobretudo na escola, e das políticas educacionais direcionadas à melhoria das práticas de ensino é, ainda, um território de muitas problematizações. Considerando as implicações dessas políticas públicas educacionais, como orientar o professor frente à avalanche de experiências introduzidas com a implementação das políticas educacionais vigentes e frente às oportunidades que lhe são oferecidas?			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. A falta da pontuação: a subjetividade em jogo na escrita.		Vilma Aparecida Gomes	26/10	218

CADERNO DE RESUMOS GT 12

Título do Trabalho: A falta da pontuação: a subjetividade em jogo na escrita.	
Autor(es): Vilma Aparecida Gomes	E-mail: vaparecidagomes@gmail.com
Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar a análise de um texto produzido por uma aluna do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública federal. Na análise evidenciei a forma singular como a aluna realizou a pontuação em seu texto. Procurei deslocar o foco de como a pontuação é observada na escrita da criança, perseguindo a prescrição normativa. É importante salientar que não se trata de negar as prescrições normativas para o uso da pontuação, mas de desfocar a naturalidade das convenções do saber normativo nos eventos de escrita inicial. Nesse sentido, debater questões que envolvem a escrita, a escritura e seu ensino, levando em consideração a escrita mediada pela subjetividade - implica apostar na singularidade do “sujeito”. Apostar na singularidade do “sujeito” significa entender	

que a relação do “sujeito” com a escrita não acontece apenas no plano da cognição, embora seja essa a posição teórica que predomina em meio às propostas de ensino da escrita. Nesse sentido, o foco deste estudo centra-se nas relações entre sujeito, língua e sentido. Embora o trabalho com o ensino de escrita do texto analisado neste estudo, tenha tomando como base os princípios teóricos e metodológicos propostos pelos PCNS, mas o olhar que lanço para a escrita é diferente, porque a perspectiva teórica na qual me inscrevo direciona - me para uma reflexão de que a relação da criança com a escrita não pode ser apenas de ordem “cognitiva”. Para isso, essa pesquisa embasa-se nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, dando relevância à terceira fase da teorização de Pêcheux, o discurso como estrutura e como acontecimento, teoria da Enunciação de Benveniste e faz uma articulação com a Psicanálise freudo-lacaniana no que concerne a noção de sujeito efeito de linguagem.

GRUPO DE TRABALHO 13

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAP da Escola de Educação Básica da UFU

GT 13	Título: O ensino de língua estrangeira na educação básica brasileira: desafios e possibilidades.			
	Coordenação: Profa. Dra. Ana Claudia Cunha Salum; Profa. Me. Kássia Gonçalves Arantes.			
	Resumo: O GT aqui proposto visa a estimular a discussão dos desafios enfrentados por professores de língua estrangeira (LE) no contexto da educação básica brasileira, no sentido de reconhecer que o ensino de uma língua representa um processo que demanda não apenas o conhecimento da língua e a utilização de uma metodologia de ensino, como também o reconhecimento do desafio de superar as limitações que são inerentes ao exercício profissional (MICCOLI, 2007). Num mundo que se intitula pós-moderno, questões educacionais mais amplas inerentes ao ensino e aprendizagem de LE, tais como construção de identidade, políticas linguísticas, novas tecnologias de informação e comunicação, autonomia, letramento crítico, multiletramentos, material didático, interação em sala de aula, avaliação, inclusão, dentre tantas outras, assumem um papel prioritário às questões metodológicas, as quais durante muito tempo estiveram no centro das discussões. Esse GT surge, portanto, em resposta à necessidade de reflexões acadêmicas sobre os desafios enfrentados pelos docentes envolvidos com o ensino de língua estrangeira na educação básica brasileira, de forma a ampliar os espaços de debate e discussão. Dessa forma, os trabalhos a serem aqui apresentados e discutidos objetivam de forma geral promover questionamentos no sentido de (re)definir o que significa ensinar uma língua estrangeira na educação básica de nosso país, diante de um intenso processo de globalização, de tecnologização e de liquefação (BAUMAN, 2005) vivido atualmente pela sociedade.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Análise de Material didático de língua inglesa: possibilidades para a construção de um conhecimento mais autônomo e autoral.		Alessandra Leles Rocha, Júlia Pinheiro Côrtes	26/10	242
2. Crenças de uma professora e alunos de 9º ano sobre o processo de ensinar e aprender inglês na escola pública: convergências/divergências e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem.		Jéssica Teixeira de Mendonça	26/10	242
3. A produção de materiais didáticos de língua inglesa: em busca de um conhecimento mais autônomo e autoral.		Ana Claudia Cunha Salum	26/10	242
4. A realidade da língua espanhola no ensino regular: metodologia desafiadora.		Mariama de Lourdes Alves	26/10	242
5. A importância do lúdico na aula de língua estrangeira.		Ana Flávia Naves Resende Siquierolli, Pedro Henrique Silveira	26/10	242
6. O espaço da afetividade na sala de aula de língua estrangeira.		Alcione Pereira Santos Rodrigues Ferreira, Juliane Cristina do Nascimento	26/10	242
7. A plataforma Youtube na aula de Inglês.		Kássia Gonçalves Arantes, Leonardo Gomes Rezende	26/10	242

8. Teatro, Língua Estrangeira, Música, Dança: a educação básica sobe aos palcos no <i>Drama Club</i> .	Daniele Azambuja Borja Cunha, Vivan Ignes Albertoni da Silva	26/10	242
--	---	-------	-----

CADERNO DE RESUMOS GT 13

Título do Trabalho: Análise de Material didático de língua inglesa: possibilidades para a construção de um conhecimento mais autônomo e autoral.

Autor(es):

Alessandra Leles Rocha,
Júlia Pinheiro Côrtes

E-mail:

alessandralelesrocha@hotmail.com
juliapc17@yahoo.com.br

Resumo: A aprendizagem de uma língua estrangeira é um aspecto de um processo abrangente. Por meio do seu estudo, ampliam-se também as possibilidades de inserção no mundo digital, utilizando os recursos tecnológicos para aprimorar o conhecimento linguístico dos alunos, ajudando-os no desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como no entendimento das estruturas linguísticas e discursivas, valorizando, sempre, o conhecimento prévio dos alunos, a partir dos quais poderão construir concepções mais significativas. Dessa forma, a avaliação de material didático pelo professor de línguas é uma área que carece de maior reflexão no processo de formação docente inicial ou em serviço, especialmente ao se considerar que a sugestão dos proponentes do PCN-LE (1998) sobre o ensino implicar em um conhecimento sobre o que ensinar e o como fazê-lo por parte do docente que não esteja fundamentado em uma tradição conteudística e de receitas para ensinar. Diante disso, essa comunicação tem como objetivo geral apresentar a análise sobre o modo pelo qual o conhecimento foi organizado no LD utilizado pelo colégio de aplicação da UFU, como as atividades foram nele propostas para a abordagem e apresentação dos conteúdos selecionados e o que isso pode revelar no âmbito de uma formação humana e cidadã autônoma e autoral. Para esse estudo foi analisado tanto o manual do professor quanto o livro didático do aluno. A análise do manual demonstrou que é possível perceber que há dois caminhos de observação quanto ao aspecto da autonomia: uma ligada ao trabalho do professor e outro ao processo de ensino/aprendizagem do aluno; sendo que, ambas são de grande interesse na construção de um modelo educacional preocupado com a criticidade e a cidadania. Quanto à análise específica de cada um dos volumes para definir a presença ou não dos indicadores de uma proposta autônoma e autoral, levou-se em consideração todo o trabalho reflexivo e proativo do aluno diante dos enunciados das questões. Portanto, a maneira a qual o docente desenvolve o seu trabalho em sala de aula acaba por tornar-se mais significativa na construção da autonomia e autoralidade dos seus alunos, do que o próprio material didático. O aprendiz precisa perceber a coesão e a coerência ao longo do processo de ensino-aprendizagem, para sentir-se motivado em transformar os seus pensamentos e comportamentos.

Título do Trabalho: Crenças de uma professora e alunos de 9º ano sobre o processo de ensinar e aprender inglês na escola pública: convergências/divergências e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem.

Autor(es): Jéssica Teixeira de Mendonça

E-mail: jessicaufu@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é tecer considerações e reflexões a respeito das crenças de uma professora e dez alunos sobre o ensino e aprendizagem de inglês na escola pública. Para isso, primeiro discorro sobre o Paradigma da Complexidade, identificando a sala de aula como um sistema adaptativo complexo. Em seguida, discuto brevemente alguns conceitos sobre crenças a partir de alguns estudiosos da área. Para a discussão dos dados utilizei como instrumento de coleta questionários fechados. Concluo com as minhas considerações sobre como as crenças dos alunos facilitam ou inibem o processo de aprender e quais crenças se mostraram em comum tanto nos alunos quanto na professora.

Título do Trabalho: A produção de materiais didáticos de língua inglesa: em busca de um conhecimento mais autônomo e autoral.

I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino – Pesquisa – Políticas Públicas

Autor(es): Ana Claudia Cunha Salum	E-mail: anacl70@yahoo.com.br
Resumo: A aprendizagem de uma língua estrangeira é um aspecto de um processo abrangente. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, seu aprendizado, tal como o da língua materna, é um direito de todo cidadão, devendo a escola oferecê-la no currículo, como disciplina obrigatória, no ensino fundamental a partir do 6º ano. A aprendizagem de Língua Inglesa é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social, além de valorização pessoal. Nesse cenário, o livro didático aparece como um importante recurso para o aprendizado de uma língua estrangeira, ocupando uma posição central na sala de aula, tornando-se, muitas vezes, a única fonte de conhecimento à qual os sujeitos implicados no ensino-aprendizagem da língua estão expostos. O Novo século, que há algum tempo anuncia suas tendências, indica mudanças com os aprendizes, que advogam mais agência e maior autonomia. Observam-se novas interações em seus processos de aprendizagem, novas necessidades, interesses por novos conhecimentos, dentre outras demandas. Isso sugere a necessidade de revisão no ensino, principalmente em suas propostas, no currículo, nas metodologias, nos recursos didático-pedagógicos, na forma de construir conhecimento e na relação professor-aluno-metodologia. Esse trabalho tem como objetivo principal relatar o desenvolvimento da segunda versão do Projeto intitulado “A produção de materiais didáticos de língua inglesa: em busca de um conhecimento mais autônomo e autoral”, o qual se concentrará na elaboração de materiais e atividades didáticas para as aulas de língua inglesa, voltadas para a possibilidade de uma maior agência do aluno dos anos finais do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da UFU. O Projeto incluirá a preparação dos professores em formação para a elaboração de materiais que contemplem uma abordagem autônoma e um processo de autoria na/de aprendizagem, o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, de uma mentalidade aberta e flexível para enfrentar os desafios dos novos tempos, relevantes no panorama educacional.	

Título do Trabalho: A realidade da língua espanhola no ensino regular: metodologia desafiadora.	
Autor(es): Mariama de Lourdes Alves	E-mail: alvesmariama91@gmail.com
Resumo: Este trabalho refere-se a um relato de experiência docente desenvolvido pela professora Mariama com o ensino de língua espanhola na educação infantil e no ensino fundamental 1 e 2. Baseados na concepção de que existe uma relação intrínseca da língua e da cultura, e constatando que não se pode separar uma da outra sem a perda do significado de uma delas, BROWN (1994, p. 165), percebe-se que o caminho da contextualização é a melhor maneira de aproximar os alunos ao ensino. Contextualizados na educação básica brasileira, entendemos o quão desafiadora é a realidade da língua estrangeira no Brasil, especificamente o espanhol. O desenvolvimento de aprendizagem se dá através da relação do aluno com o meio e, desta forma, há que se considerar que o aluno é um sujeito que carrega em si conhecimentos, transformando o ambiente de ensino-aprendizagem em uma troca de experiências. Portanto, entender o aluno como sujeito ativo na construção de conhecimento e assumir que o professor possui um papel de colaborador, facilitador e conselheiro no processo de educação são caminhos para um ensino-aprendizagem com mais qualidade. Neste presente trabalho, o objetivo principal é compartilhar as experiências e ações que funcionam no ambiente da educação básica, especificamente as práticas feitas no Colégio Pirlimpimpim/ São Paschoall, ensinando a língua espanhola através dos recursos da música, do teatro e das tecnologias (celular, aplicativos, internet). Com uma proposta de trabalho dinâmica e realista, é possível seguir um caminho que auxilie na aprendizagem da língua estrangeira de todos os alunos que nos cercam.	

Título do Trabalho: A importância do lúdico na aula de língua estrangeira.	
Autor(es): Ana Flávia Naves Resende Siquierolli, Pedro Henrique Silveira	E-mail: pedro.h.silveira63@gmail.com
Resumo: O desafio de ensinar e aprender neste século leva-nos a refletir sobre o papel da escola na formação dos cidadãos e a importância dos professores para a construção de uma prática educativa que supere os padrões tradicionais. O professor precisa possuir uma postura crítico-reflexiva e ser receptivo à utilização de novas metodologias. Um dos grandes problemas enfrentados no ensino/aprendizagem de	

línguas estrangeiras é a desmotivação dos estudantes, portanto fazê-los se interessar por sua própria aprendizagem é um grande desafio. A motivação é aquilo que impulsiona alguém a fazer algo, aquilo que o põe em movimento em direção aos seus objetivos. Acreditamos que a utilização de atividades lúdicas em sala de aula contribui para o despertar do interesse e da motivação dos estudantes no aprendizado de línguas estrangeiras. O lúdico é um elemento facilitador da aprendizagem de línguas estrangeiras, sendo assim é excelente recurso pedagógico para auxiliar professores no ensino de línguas estrangeiras. O termo 'lúdico' tem a sua origem na palavra latina 'ludus' e o termo dicionarizado se refere a jogo, brinquedo, divertimento. Em uma visão mais abrangente, o lúdico é eminentemente educativo e cultural, uma vez que com essa prática pode-se adquirir conhecimento. Piaget considera os jogos como meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. Vygotsky valoriza o lúdico como ferramenta pedagógica fundamental ao desenvolvimento dos aspectos sociocognitivos dos estudantes, com o intuito de promover a motivação e aprendizagem mais significativa. Um ser que brinca e joga é, também, um ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve. Ao brincar ele desenvolve suas potencialidades, adquire conhecimento e desenvolve a sociabilidade. O lúdico possibilita um ambiente favorável à aprendizagem, estimula a criatividade e auxilia as interações. O sistema de aprender brincando é inspirado na concepção de educação para além da instrução. Embasados nos estudos teóricos de Vygotsky e Piaget sobre ludicidade e aquisição da linguagem apresentaremos exemplos de atividades lúdicas e o seu efeito no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Buscamos atividades motivadoras, como alternativa para atingir uma aprendizagem eficaz. Esperamos que esta comunicação, que tem por finalidade apresentar os benefícios da utilização de atividades lúdicas, possa contribuir para o repensar da prática pedagógica do professor de línguas estrangeiras.

Título do Trabalho: O espaço da afetividade na sala de aula de língua estrangeira.

Autor(es):

Alcione Pereira Santos Rodrigues Ferreira,
Juliane Cristina do Nascimento

E-mail:

alcionesantos@yahoo.com.br
julianenascimento980@hotmail.com

Resumo: A aquisição de uma língua estrangeira é um processo que abarca não somente aspectos cognitivos e metodológicos de um dado idioma, como também aspectos afetivos; haja vista que o aprendiz está inserido em um contexto social que não pode ser descartado dentro da sala de aula e retomado fora dela. Os aspectos afetivos, segundo Arnold (2006) são compostos pelos sentimentos, emoções, crenças e atitudes, sendo que todos esses fatores influenciam significativamente no comportamento do aprendiz. Dessa forma, é importante que o professor de idiomas aperfeiçoe seus conhecimentos para desenvolver um trabalho pedagógico no qual a afetividade seja considerada como elemento imprescindível no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, é importante refletir sobre esse tema e encontrar novas possibilidades de trabalhar em sala de aula.

Título do Trabalho: A plataforma Youtube na aula de Inglês.

Autor(es):

Kássia Gonçalves Arantes,
Leonardo Gomes Rezende

E-mail:

kassiaarantes@ufu.br
gomesrezendeleonardo@gmail.com

Resumo: O atual e crescente avanço tecnológico tem causado forte impacto no ensino e aprendizagem de língua estrangeira, uma vez que influencia diretamente os sujeitos desses processos. Professores e alunos têm sentido a repercussão dos referidos avanços em vários processos de seus respectivos cotidianos, dentro e fora da sala de aula. Por sua vez, o ensino de língua estrangeira no ensino fundamental tem enfrentado já há algum tempo desafios como carga horária reduzida, turmas numerosas e heterogêneas, recursos didáticos precários ou até mesmo ausentes. Esta comunicação consiste em um relato sobre a experiência vivenciada durante um programa de bolsa de graduação no colégio de aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, cuja proposta era oferecer ao professor em formação inicial um espaço para a análise, proposição, aplicação e avaliação de práticas pedagógicas inovadoras que incluíssem as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) nos processos de ensino e aprendizagem de inglês no citado contexto. Para tal, foi estabelecido como objetivo principal do projeto

elencar um inventário de ferramentas digitais que atendessem à proposta pedagógica da área de Língua Estrangeira (Inglês). Partimos da premissa de que tais ferramentas deveriam se tratar, preferencialmente, de ferramentas de fácil acesso, e de uso cotidiano dos alunos. Para este trabalho, selecionamos a experiência com a plataforma *Youtube*, principalmente por se tratar de uma ferramenta muito popular entre o nosso público. A proposta para a utilização da plataforma na aula de Inglês surgiu como uma alternativa para a prática do tempo verbal *Present Continuous* em um contexto familiar e mais atrativo. Os dados para este relato foram obtidos a partir de notas de campo feitas pela orientadora e de uma narrativa produzida pelo orientando após o desenvolvimento da atividade. A experiência teve um resultado surpreendente, contando com a participação da totalidade dos alunos e revelando um interesse nem sempre visto durante as aulas de língua estrangeira. A nosso ver, tal interesse se justifica na escolha da plataforma, por se tratar de algo que tem um forte apelo entre os jovens, que se deleitam com seus vídeos prediletos. Ademais, nessa fase específica do projeto, ficou evidente a importância de propiciar ao aluno a oportunidade de fazer suas próprias escolhas, de trabalhar com algo que seja significativo para ele ou ela individualmente. Visto que cada aluno trabalhou com suas próprias escolhas, na mídia de sua preferência e em seu próprio ritmo, nos foi possível desconstruir o pressuposto da igualdade (FINARDI; PREBIANCA; MOMM, 2013) e nos permitiu utilizar as tecnologias digitais como aliadas no processo de enfrentamento do desafio da heterogeneidade.

Título do Trabalho: Teatro, Língua Estrangeira, Música, Dança: a educação básica sobe aos palcos no *Drama Club*.

Autor(es):

Daniele Azambuja Borja Cunha

Vivan Ignes Albertoni da Silva

E-mail:

daniele.cunha@gmail.com

vivianignes@gmail.com

Resumo: O Drama Club é um projeto de extensão que acontece desde 2009, e que, inicialmente, realizava adaptações de textos tradicionais da Literatura de Língua Inglesa. Os membros da comunidade escolar eram convidados a participar das montagens, que eram apresentadas na própria escola. A partir de 2012 o projeto ganhou outros contornos: além do Inglês, foram realizados trabalhos nas línguas francesa e espanhola; abriu-se espaço para adaptações de peças do repertório dramático ocidental; foram feitas montagens com música ao vivo e elementos coreográficos da dança. As quatro montagens feitas nesse período foram apresentadas em instituições de ensino em várias cidades do Rio Grande do Sul, para públicos de estudantes de Educação Básica e professores de Línguas Estrangeiras. O trabalho a ser apresentado tem como foco a descrição dos procedimentos adotados nessa nova fase do projeto, que incluem tanto o formato dos ensaios (nos quais a interdisciplinaridade desempenha papel essencial), quanto o protagonismo dos estudantes envolvidos (os de educação básica, do CAP, e os monitores graduandos da UFRGS – em sua maioria, vale destacar, ex-alunos do próprio CAP e ex-participantes do Projeto). As proponentes (atuais coordenadora e coordenadora adjunta do projeto) desejam compartilhar exemplos de jogos e exercícios realizados nos ensaios, refletir sobre os ganhos corporais e linguísticos dos estudantes e trocar ideias sobre a aplicabilidade dessas atividades nas aulas de Línguas Estrangeiras na Educação Básica.

GRUPO DE TRABALHO 14

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 14	Título: Aprendizagem da leitura e da escrita, subjetividade e criatividade.			
	Coordenação: Profa. Dra. Luciana Soares Muniz e Profa. Dra. Lucianna Ribeiro de Lima.			
	Resumo: O grupo de trabalho “Aprendizagem da leitura e da escrita, subjetividade e criatividade” tem como objetivo promover a interlocução entre professores e/ou pesquisadores da Educação Básica que têm como foco em seus estudos e/ou práticas pedagógicas o processo de aprendizagem da leitura e da escrita com ênfase na emergência da subjetividade e da criatividade. Nesta direção contempla-se temáticas que envolvam: o trabalho pedagógico do professor em prol de uma aprendizagem criativa da leitura e da escrita; estratégias e características da expressão da criatividade na leitura e na escrita; elementos contextuais da aprendizagem criativa; o outro no processo de aprender criativamente; inter-relações entre a história de vida e a experiência de ler e escrever do educando; emoções e produções simbólicas na aprendizagem.			
	Pesquisa / Relato	Autores	Data	Sala
1. Trabalho pedagógico e suas inter-relações com a expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita.	Luciana Soares Muniz, Maria José de Melo Alves	26/10	215	
2. Da literatura à produção textual: travessias e discursos narrativos e argumentativos.	Marineia Lima Cenedezi	26/10	215	
3. Oficinas psicoeducacionais com crianças em processo de alfabetização: aprendizagem e expressão da subjetividade.	Andressa Dias Correia, Lucianna Ribeiro de Lima	26/10	215	
4. Produção coletiva de textos por meio do Google Groups.	Marihá Mickaela Neves Rodrigues Lopes, Marília Stylianoudakis	26/10	215	

CADERNO DE RESUMOS GT 14

Título do Trabalho: Trabalho pedagógico e suas inter-relações com a expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita.	
Autor(es): Luciana Soares Muniz, Maria José de Melo Alves	E-mail: lucianasoares.muniz@gmail.com mary-cainan@hotmail.com
Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar uma proposta de trabalho vinculada ao Programa de Bolsas de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, cuja finalidade consiste em propor ações para contribuir com o trabalho pedagógico de sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista a organização de práticas pedagógicas voltadas para a expressão da criatividade dos alunos no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Além disso, tem como propósito ampliar as possibilidades de aproximação dos graduandos com a realidade escolar da educação básica, promovendo ações que permitam experiências e percepções desses alunos no que se refere aos elementos que configuram a aprendizagem criativa da leitura e da escrita e a organização do trabalho pedagógico. Para isso, utilizamos como aporte teórico a Teoria da Subjetividade de González Rey e a	

concepção de aprendizagem criativa de Mitjáns Martínez. Como opção metodológica recorreremos aos princípios da Epistemologia Qualitativa de González Rey de outorgar ao singular, à valorização das elaborações teóricas do pesquisador e a metodologia construtivo-interpretativa como fundamentos que regem o trabalho com os alunos em sala de aula. No decorrer do trabalho, identificamos a importância da reflexão sobre o trabalho pedagógico do professor tendo em vista elementos que possam garantir a relação aprendizagem e desenvolvimento da subjetividade dos estudantes. Aprender criativamente a leitura e a escrita, constitui uma forma de relação com o conhecimento que está para além da sua reprodução, mas envolve a criança em um processo de ser autora e de utilização do aprendido em diferentes contextos experienciados pela mesma com impactos em seu modo de vida. Neste tipo de aprendizagem a criança experimenta a ação de ler e escrever como autor de suas produções e reflexões, em que há uma metamorfose do sujeito leitor.

Título do Trabalho: Da literatura à produção textual: travessias e discursos narrativos e argumentativos.

Autor(es): Marineia Lima Cenedezi

E-mail: mari.cenedezi@gmail.com

Resumo: Este estudo apresenta um recorte do projeto “Da Literatura à Produção Textual” que está sendo desenvolvido com alunos do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Ribeirão Preto. O propósito do projeto consiste em oferecer aos estudantes oficinas de produção de gêneros argumentativos materializados a partir dos sentidos surgidos e (re)significados de textos literários e das vivências dos leitores/autores. Dessa forma, além de discutir noções essenciais necessárias à produção textual, busca-se criar condições para o acontecimento do letramento literário. Objetiva-se apresentar os resultados da análise dos discursos narrativos e argumentativos movimentados em uma das oficinas do projeto supramencionado, dedicada à leitura e à releitura de contos maravilhosos contemporâneos. A análise foi subsidiada pelo enfoque dos estudos do Letramento Literário (COSSON, 2009; PAULINO, 2013), articulado à concepção de função-autor, defendida por Foucault (2004) como modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior da sociedade, e às proposições de Pacífico (2012) sobre o papel da função-leitor. Os resultados da análise revelaram que as práticas de leitura do maravilhoso no Ensino Médio evidenciaram o papel ativo dos sujeitos alunos na produção de sentidos do texto literário e a evolução de suas habilidades argumentativas.

Título do Trabalho: Oficinas psicoeducacionais com crianças em processo de alfabetização: aprendizagem e expressão da subjetividade.

Autor(es):

Andressa Dias Correia,
Lucianna Ribeiro de Lima

E-mail:

andressadiasufu@gmail.com
luciannadelima@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho refere-se ao relato de uma das ações da Área de Psicologia Escolar e Educacional da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU), denominada *Oficinas Psicoeducacionais*. Trata-se de uma proposta que envolve a participação de uma estudante do Curso de Psicologia da UFU, sob orientação e coordenação de uma docente da Área de Psicologia Escolar, cujo público-alvo são crianças de 3º ano do Ensino Fundamental (Alfabetização Inicial), durante o período de maio a outubro de 2017. As *Oficinas Psicoeducacionais* visam complementar ações realizadas pela escola junto aos educandos que apresentam queixas escolares, em encontros semanais de 1 hora e 30 minutos. O trabalho tem como objetivos promover aos educandos possibilidades de aprendizagem diferenciadas; ampliar o conhecimento de mundo; proporcionar espaços de convivência, reflexão e tomada de consciência acerca de seu modo de agir e do outro; promover atividades que favoreçam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores; criar, conjuntamente com as crianças, estratégias de aprendizagem favorecedoras da relação afeto e cognição; contribuir com professores, familiares e com os próprios participantes na identificação de possíveis entraves na escolarização, bem como nos sentidos atribuídos a esse processo. Nas *Oficinas Psicoeducacionais* são utilizados recursos e estratégias de aprendizagem que visam ao desenvolvimento da relação entre as dimensões intelectual e afetiva, tais como jogos e atividades que abordam temáticas como *convivência no espaço escolar, diversidade na vida e na escola, definição de sentimentos e outras formas de expressão da subjetividade*.

As ações realizadas ao longo desse período possibilitaram uma compreensão mais ampliada sobre possíveis fatores que interferem na aprendizagem/desenvolvimento das crianças participantes e auxiliaram na superação de dificuldades no processo de escolarização.

Título do Trabalho: Produção coletiva de textos por meio do Google Groups.

Autor(es):

Marihá Mickaela Neves Rodrigues Lopes,
Marília Stylianoudakis

E-mail:

marih.mickaela@gmail.com
marilia0403@gmail.com

Resumo: O presente trabalho consiste em uma proposta de produção textual coletiva por meio da tecnologia. Pensou-se em utilizar a internet e a plataforma Google como uma forma de aproximar da realidade dos alunos e despertar o gosto pela escrita. Vale ressaltar que a produção de textos coletivos é uma prática que contribui muito para formação do aluno enquanto cidadão tolerante e um meio de despertar o companheirismo e união no ambiente de sala de aula, além do mais, trabalhando com a produção coletiva e seccionada pode-se entender melhor o processo de construção textual, bem como trabalhar as "falhas" dos estudantes de forma pontual. Nesse contexto, o professor tem o papel de definir o tema, debater, disponibilizar materiais impressos e online e mediar o processo, porém não deverá interferir para que compreenda como os alunos trabalham juntos produzindo textos e pensar e saídas para otimizar o processo. Destaca-se que há poucas pesquisas que abordam esta questão por isso faz-se necessário explorar este campo, testando a proposta e posteriormente divulgando resultados.

GRUPO DE TRABALHO 15

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 15	Título: As Tecnologias de Informação e Comunicação e seus usos no ensino e na pesquisa na educação básica.			
	Coordenação: Prof. Dr. André Luis Bertelli Duarte; Profa. Dra. Alexia Pádua Franco.			
	Resumo: O aumento vertiginoso do poder de inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) vivenciado no mundo contemporâneo nos leva a questionar se estaríamos vivendo em uma sociedade cuja tradição escrita estaria sendo substituída por uma outra essencialmente visual, digital. As mudanças nas formas narrativas, de comunicação e atribuição de sentido são sensíveis no modo como nos comunicamos e adquirimos conhecimento das mais diversas coisas. Neste contexto, os sujeitos envolvidos na educação não podem ficar alheios aos impactos e possibilidades de ensino-aprendizagem contidos no uso destas tecnologias. O presente Grupo de Trabalho, neste sentido, visa aprofundar as discussões teóricas e práticas sobre o uso das TIC's no ensino e na pesquisa nos diversos âmbitos da educação básica.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Artefatos midiáticos para a infância e a linguagem cartográfica.		Astrogildo Fernandes da Silva Jr, Jaira Maria da Silva de Almeida	26/10	245
2. Formação de professores do Ensino Médio para o uso do Tablet Educacional.		Elivelton Henrique Gonçalves	26/10	245
3. Caminhos para o Ensino de História através da Música com o uso das TIC's.		Aluísio Brandão	26/10	245
4. O professor e as novas tecnologias: apontando contribuições e pontuando dificuldades.		Luciana Fernandes de Lima, Maria Juliana Dias	26/10	245
5. QR Codes como ferramenta interativa e facilitadora do processo de ensino e aprendizagem.		Marihá Mickarla Neves Rodrigues Lopes, Marília Stylianoudakis de Carvalho	27/10	245
6. Prática de Leitura e escrita nos anos finais do ensino fundamental por meio dos jogos de RPG: uma proposta de multiletramentos.		Rozane Mendonça Cardoso de Moraes	27/10	245
7. Os processos de subjetivação influenciados pelo consumo dos programas televisivos e seus rebatimentos no ensino de História na Educação Básica.		André Luis Bertelli Duarte	27/10	245
8. Mídias digitais e ensino de História: produzindo e compartilhando memórias.		Aléxia Pádua Franco, Núbia da Silva Lopes de Freiras	27/10	245

CADERNO DE RESUMOS GT 15

Título do Trabalho: Artefatos midiáticos para a infância e a linguagem cartográfica.	
Autor(es): Astrogildo Fernandes da Silva Júnior, Jaira Maria da Silva de Almeida	E-mail: silvajunior_af@yahoo.com.br jaira1986@gmail.com
<p>Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma dissertação desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). O objetivo geral consistiu em analisar as potencialidades das produções cartográficas presentes em revistas veiculadas para o público infantil para o processo de ensino e aprendizagem da cartografia. A metodologia recorreu a pesquisa bibliográfica e documental. Nessa apresentação o recorte é as relações que se estabelecem entre cartografia, infância e mídia. Constata-se que as crianças, na contemporaneidade se constituem em mercado consumidor, assim são inúmeros os produtos da mídia que adentram esse universo. A revista se apresenta como um desses produtos e traz produções cartográficas em que a dimensão informativa-comunicativa e expressiva estão em ação. É no embate constante da relação texto, produção e público que os significados são construídos, às crianças, não cabe apenas o papel passivo de fruidores de um mercado cultural, mas se constituem também como produtores de cultura. Os produtores da mídia recorrem às produções cartográficas para finalidades variadas; no caso das revistas seja para ilustrar ou para comunicar alguma informação. Compreender como e quais relações se estabelecem entre essas criações midiáticas e a infância conduz à formação de um olhar crítico e aponta para os limites e possibilidades de atuação de ambas as partes na construção da realidade vivenciada. Muitas são as produções cartográficas presentes nesses dispositivos, e percebemos que este, ao ser abordado no espaço escolar, não apenas contribui para o processo de ensino e aprendizagem da cartografia, como finda por promover uma educação para as mídias com a proposição do desenvolvimento de uma postura questionadora frente a esses artefatos.</p>	

Título do Trabalho: Formação de professores do Ensino Médio para o uso do Tablet Educacional.	
Autor(es): Elivelton Henrique Gonçalves	E-mail: eliveltonhg@hotmail.com
<p>Resumo: As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea e gradativamente vão avançando os muros das escolas e chegando até a sala de aula, criando a necessidade de adaptação pelos segmentos educacionais e, conseqüentemente, habilidades dos professores em manusear os novos aparatos tecnológicos digitais disponíveis. Nesse sentido, o Ministério da Educação tem promovido a inserção das tecnologias digitais nas escolas públicas, um exemplo foi a distribuição de <i>tablets</i>, conhecidos como Tablet Educacional, aos professores do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras. Contudo, entendemos que, para a efetiva utilização de ferramentas tecnológicas no ambiente escolar, não basta somente dar acesso a elas, é preciso que se pense também em maneiras de oferecer formação aos profissionais que as receberam. Desse modo, esse trabalho teve como objetivo compreender a importância da formação continuada dos professores do Ensino Médio de uma escola integrante da Rede Estadual de Ensino, localizada em uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, como forma de possibilitá-los a inserção do Tablet Educacional às suas propostas pedagógicas. Para tanto, oferecemos momentos de formação aos oito professores dessa escola que receberam os aparelhos, de modo a apresentar as suas funcionalidades técnicas, discutir suas possibilidades pedagógicas e proporcionar uma primeira experiência com uso desse equipamento na elaboração e execução de um plano de aula. O estudo, realizado por meio da pesquisa-ação e que envolveu as fases exploratória e diagnóstica e o planejamento e desenvolvimento de ações, evidenciou que o uso do Tablet Educacional, como uma ferramenta de ensino e aprendizagem, dependerá, em grande parte, das ações formativas desenvolvidas para a formação dos professores que irão utilizá-lo.</p>	

Título do Trabalho: Caminhos para o Ensino de História através da Música com o uso das TIC's.	
Autor(es): Aluísio Brandão	E-mail: aluisiobrandao@yahoo.com.br
<p>Resumo: Diante das preocupações da pesquisa acadêmica acerca do atual ensino ao lado das realidades tecnológicas dispostas ao aluno e ao professor, desde o final do século XX, temos aquela que tematiza a (re)constituição das práticas pedagógicas dos professores em meio ao cenário da pós-modernidade e</p>	

dentro do universo multitecnológico recente permeado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e pelo uso de novas ferramentas tecnológicas associadas à internet. Entre os caminhos dessa reflexão é conhecido o debate, sob diversos ângulos, acerca da utilização, apropriação e ressignificação das TIC's, na área de Educação, para a construção de novas perspectivas de ensino-aprendizagem no que se refere, por exemplo, a associação das TIC's ao cotidiano do docente e do discente. Considera-se a aplicação dessas tecnologias no ensino com vias à criação de canais facilitadores à educação dos estudantes e, ao mesmo tempo, no que se refere ao aperfeiçoamento, (re)adequação e à (re)aproximação dos professores às potencialidades dessas tecnologias reunidas para o desenvolvimento e exploração dos conteúdos e perspectivas de suas disciplinas escolares: a Matemática, o Português, a Geografia, por exemplo. Nosso trabalho trata-se de uma reflexão sobre a utilização das TIC's para o ensino de História protagonizando uma perspectiva de uso estratégico e pedagógico do "YouTube" como uma ferramenta didática e um veículo fundamental que permita ou possibilite ao docente explorar e potencializar em suas aulas a dimensão: o ensino de História por meio da Música.

Título do Trabalho: O professor e as novas tecnologias: apontando contribuições e pontuando dificuldades.

Autor(es):

Luciana Fernandes de Lima,
Maria Juliana Dias

E-mail:

luciana_koro@hotmail.com
julianadias13@hotmail.com

Resumo: As Novas Tecnologias são ferramentas contemporâneas que transformam sociedade em um ritmo acelerado, e no contexto educacional não é diferente, as tecnologias se tornam necessárias ao ensino, assim as mesmas podem contribuir de forma significativa para as práticas pedagógicas. Objetivo: Ressaltar a importância e o papel das novas tecnologias no contexto educacional, pontuando desafios e mostrando as oportunidades que as novas tecnologias da informação e comunicação podem propiciar as instituições na melhoria da prática pedagógica. Esse estudo foi realizado através da revisão da literatura. Resultados: A pesquisa apontou que o processo educativo e as tecnologias sofreram transformações significativas, no qual o trabalho do educador passou a receber uma maior atenção, por ser uma profissão de destaque e de grande importância. O estudo mostrou que as novas tecnologias da informação e comunicação, conhecidas também como TICs, passaram por um processo de evolução, estando cada vez mais presentes no cotidiano. Introduzi-las no ensino se tornou um desafio, mas sua inserção no ensino oportuniza assim uma melhoria das práticas pedagógicas, contribuindo para um ensino eficaz, de qualidade e de acordo com os novos padrões da sociedade. Sendo indispensável o papel da escola e a importância do professor como mediador, que deve superar os desafios encontrados, se concentrando nas possibilidades de inserção dessas novas tecnologias, buscando novas oportunidades, inovando em suas práticas pedagógicas de maneira significativa, trabalhando para que os objetivos da Educação básica sejam alcançados e reverberem em uma prática concreta.

Título do Trabalho: QR Codes como ferramenta interativa e facilitadora do processo de ensino e aprendizagem.

Autor(es):

Marihá Mickarla Neves Rodrigues Lopes,
Marília Stylianoudakis de Carvalho

E-mail:

marih.mickaela@gmail.com
marilia0403@gmail.com

Resumo: Este trabalho aborda a questão do uso dos celulares no ambiente escolar como instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem. Estamos vivenciando um momento de transição da implementação da tecnologia na educação, podemos perceber que não existe um caminho traçado a seguir, porém nos deparamos com o desafio dos celulares presentes em sala de aula e com o dilema proibir X explorar. Diante desse cenário buscamos formas de explorar o uso de celulares em sala de aula, mostrar para os discentes que é possível aprender utilizando o celular. A proposta desse artigo é de aplicação na área de matemática e funciona como uma caça ao tesouro por meio de QR codes (é uma espécie de código de barras que pode armazenar informações, fotos, mídias, dentre outros), seria confeccionado QR codes e em seguida os espalhariamos pela escola esses por sua vez conteriam cálculos matemáticos, por meio do

celular os alunos descodificariam esse código e teriam acesso a operação a ser resolvida. O resultado dessa operação seria a quantidade de metros que o aluno teria que percorrer até o próximo QR code, com o auxílio de uma trena ele poderá mensurar o caminho e com uma bússula a direção a seguir. O presente trabalho irá abordar temas da matemática, unidades de medida e orientação, ou seja, podemos trabalhar de forma interdisciplinar mostrando para os discentes que existe formas de aprender com o auxílio do celular e conciliar esse entrave que existe entre os novos meios de comunicação e o ambiente sala de aula.

Título do Trabalho: Prática de Leitura e escrita nos anos finais do ensino fundamental por meio dos jogos de RPG: uma proposta de multiletramentos.

Autor(es): Rozane Mendonça Cardoso de Moraes

E-mail: rozemendcar@gmail.com

Resumo: O trabalho a ser apresentado no GT visa apresentar uma proposta didática de leitura e escrita, com ênfase no gênero discursivo conto, utilizando o jogo interativo de RPG (*Rolying playing games*), para os anos finais do Ensino Fundamental. Tal proposta também contribuir para práticas de multiletramentos na escola, pois acreditamos que quando o ensino da leitura e da escrita envolve recursos tecnológicos e digitais, com abrangências interativas, como ocorre com o uso de aplicativos de jogos digitais de RPG, a aprendizagem pode ser mais significativa, pois aproxima mais esse ensino do campo de interesse dos alunos dos anos finais do ensino fundamental e os insere em práticas de multiletramentos, que poderão lhes proporcionar o desenvolvimento da aprendizagem da LP. Além disso, o ensino de LP por meio de recursos digitais e tecnológicos permite que os estudantes se apoderem dos letramentos digitais e façam uso dele nas suas demandas sociais. Para atingir tal objetivo, apoiaremos em estudos sobre letramentos, multiletramentos e pedagogia dos multiletramentos, letramentos digitais, sobre o ensino de LP, os gêneros do discurso para o ensino, sobre o uso das novas tecnologias e os jogos no ensino e sobre os gêneros digitais, entre outros. Esperamos que o estudo seja capaz de promover o desenvolvimento de competências de leitura e de escrita, a interação entre os participantes e a aquisição de letramentos digitais pelos alunos de anos finais do ensino fundamental. Esperamos, ainda, que a proposta constitua uma importante contribuição para professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

Título do Trabalho: Os processos de subjetivação influenciados pelo consumo dos programas televisivos e seus rebatimentos no ensino de História na Educação Básica.

Autor(es): André Luis Bertelli Duarte

E-mail: andrebduarte@gmail.com

Resumo: O consumo exacerbado dos produtos audiovisuais produzidos para ou exibidos na televisão (séries, telenovelas, filmes, programas de variedades etc.) tem sido cada vez mais frequentemente na vida de crianças e jovens estudantes do ensino fundamental e médio. Seguindo o caminho trilhado por Maria Rita Kehl, pensamos que o consumo das linguagens televisivas cria processos de subjetivação que constituem visões de mundo e influenciam significativamente nos modos pelos quais estes estudantes se inserem nos processos de ensino e aprendizagem. Nesta apresentação, iremos problematizar como estes processos de subjetivação contemporâneos se materializam em desafios a serem enfrentados pelos professores e professoras de História da educação básica, sobretudo, nas conflituosas relações que se estabelecem entre uma perspectiva crítica de ensino de História e o consumo espetacular de temas e abordagens do passado oferecido pela televisão.

Título do Trabalho: Mídias digitais e ensino de História: produzindo e compartilhando memórias.

Autor(es): Aléxia Pádua Franco,
Núbia da Silva Lopes de Freitas

E-mail: alexiapaduafranco@gmail.com
nlopesdefreitas@yahoo.com

Resumo: Neste trabalho apresentaremos o *Jogo QR: memórias de Uberlândia*, elaborado por professoras dos anos iniciais de uma escola municipal de Uberlândia, em 2016, em uma pesquisa-ação que problematizou as potencialidades das tecnologias digitais de informação e comunicação - TDICs, para desenvolver a sensibilização pela importância da valorização, preservação e socialização de múltiplas memórias que favorecem a escrita de histórias que considerem a diversidade de sujeitos que participaram e participam da formação e transformação de uma localidade, seus conflitos, suas relações de poder, suas divergências e aproximações. Analisaremos como o processo de criação do jogo permitiu explorar a

interatividade, hipertextualidade, multimodalidade textual, mobilidade e ubiquidade características das TDICS em prol do registro e socialização de memórias de diferentes sujeitos que participaram e participam da história de Uberlândia, abordando noções básicas da História como a relação entre o individual e o coletivo, local e global, passado e presente, memória e História, no processo de alfabetização das crianças.

GRUPO DE TRABALHO 16

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 16

Título: Propostas teórico-metodológicas para o ensino de língua portuguesa e suas literaturas na educação básica.
Coordenação: Profa. Dra. Walleska Bernardino Silva; Profa. Dra. Cláudia Goulart; Profa. Me. Aline Carrijo de Oliveira; Profa. Dra. Vilma Aparecida Gomes; Profa. Dra. Pollyanna Honorata Silva; Profa. Ma. Giuliana Ribeiro Carvalho; Prof. Ms. Diogo Gomes Novaes; Profa. Marília Simara Crozara; Profa. Dra. Maria Auxiliadora Cunha Grossi; Profa. Dra. Mariana Batista do Nascimento Silva.
Resumo: O objetivo deste grupo de trabalho é congregar reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa e de suas manifestações literárias na Educação Básica, por meio da apresentação e discussão de propostas teórico-metodológicas. Para tanto, partimos da noção de língua enquanto construção partilhada por sujeitos histórico, cultural e ideologicamente situados e concebemos o texto como evento constitutivo da interação humana, nela e por ela materializado, em que coexistem modos de significação diversos atrelados necessariamente a um co(n)texto e cujo sentido é uma (co)construção de natureza eminentemente dialógica (SILVA, W. B., 2014). Nesse sentido, acreditamos em propostas de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura que devem conferir ao aluno protagonismo e meios de multiletrar (ROJO, 2009). Dessa forma, as sequências didáticas e ou propostas pedagógicas devem abranger práticas docentes que visam formar um aluno potencialmente crítico e autônomo, refletindo uma escola plural e multifacetada quanto ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Essas propostas devem considerar a multiplicidade de práticas linguísticas, culturais e identitárias em efetiva circulação social, vistas no conjunto de textos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (desde o “popular/de massa” ao “erudito”), nos diferentes registros linguísticos (literários e não-literários). Nessa perspectiva, este grupo de trabalho também abrange propostas teórico-metodológicas e práticas docentes que contemplem o diálogo da Língua Portuguesa e da Literatura com outros componentes curriculares, promovendo a reflexão sobre o trabalho inter e multidisciplinar, embasando-se na posição de que o ensino de língua não pode se dar de forma dicotômica, mas considerando a paisagem linguística e cultural e toda sua diversidade.

Pesquisa / Relato	Autores	Data	Sala
1. O processo de escrita e reescrita na perspectiva interdisciplinar no Ensino Fundamental I.	Marília Simari Crozara, Pollyanna Honorata Silva	26/10	218
2. Desenvolvendo habilidades e competências necessárias às questões de Língua Portuguesa do ENEM – “Grupo de estudos em Língua Portuguesa”.	Isabel Freitas Cunha	26/10	218
3. O cordel: uma proposta inter e transdisciplinar de estudo sobre o Brasil.	Aline Carrijo de Oliveira, Claudia Goulart	26/10	218
4. Projeto de pesquisa: teatro e literatura.	Maria Marta Carrijo de Oliveira	26/10	218
5. O ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais para alunos do ensino fundamental - anos finais.	Walleska Bernardino Silva	26/10	218

6. A língua em uso: uma proposta de multiletramentos voltada para o ensino de ortografia.	Thais Nunes Xavier dos Santos	26/10	218
--	-------------------------------	-------	-----

CADERNO DE RESUMOS GT 16

Título do Trabalho: O processo de escrita e reescrita na perspectiva interdisciplinar no Ensino Fundamental I.	
Autor(es): Marília Simari Crozara, Pollyanna Honorata Silva	E-mail: pollyhs@uol.com.br
Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo promover a reflexão sobre o ensino da produção de texto na perspectiva processual e interdisciplinar. Nesse contexto, relatamos a experiência de várias aulas de Língua Portuguesa, ministradas em conjunto com docentes de outro componente curricular (Ciências), com o propósito de desenvolver a competência textual-discursiva dos alunos, especificamente em relação à produção de texto do tipo dissertativo. Para a correção da produção textual, foi utilizada uma legenda, produzida pelas docentes para auxiliar o trabalho em sala com as três versões do mesmo texto produzidas pelos alunos. Ao final da última versão, os alunos realizaram uma autoavaliação por escrito, que pôde ser utilizada como diagnóstico da percepção dos discentes de todo o processo de escrita e reescrita, bem como das principais dificuldades enfrentadas por eles. Esse processo também pode ser considerado representativo na elaboração dos conceitos apreendidos durante as aulas teóricas de Ciências e colocados em permanente construção no processo de (re)construção textual.	

Título do Trabalho: Desenvolvendo habilidades e competências necessárias às questões de Língua Portuguesa do ENEM – “Grupo de estudos em Língua Portuguesa”.	
Autor(es): Isabel Freitas Cunha	E-mail: isabelfreitascunha@gmail.com
Resumo: O projeto, intitulado Desenvolvendo habilidades e competências necessárias às questões de Língua Portuguesa do ENEM – “Grupo de estudos em Língua Portuguesa”, tem como objetivo desenvolver habilidade de leitura e interpretação e fomentar a discussão acerca das questões de Língua Portuguesa de provas do ENEM. Foi criado a partir dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM que revelam a falta de preparo dos estudantes em ler e interpretar as questões, além, muitas vezes, de demonstrarem o despreparo em relação aos conteúdos nelas abordados. Assim, pensando em minimizar esse problema é que apresentamos a metodologia e as conclusões preliminares de um projeto de ensino que está sendo desenvolvido com alunos do Ensino Médio Integrado do IFSP – Instituto Federal de São Paulo, campus Barretos. Com reuniões semanais, o projeto tem fomentado análises e discussões de questões, dos temas mais recorrentes de Língua Portuguesa das provas do ENEM.	

Título do Trabalho: O cordel: uma proposta inter e transdisciplinar de estudo sobre o Brasil.	
Autor(es): Aline Carrijo de Oliveira, Claudia Goulart	E-mail: carrijodeoliveira@yahoo.com.br goulart.morais@gmail.com
Resumo: Esta comunicação visa à apresentação do gênero cordel como ferramenta de trabalho inter e transdisciplinar, na vertente de forma e conteúdo literário, com o objetivo de promover o estudo reflexivo sobre o Brasil e suas diversas formas de expressão cultural e linguística. Segundo a ABLC (Associação Brasileira de Literatura de Cordel), o cordel é uma literatura tão antiga quanto os são os povos greco-romanos, fenícios, cartagineses e saxões. A Península Ibérica teve acesso a esse gênero literário, aproximadamente, no século XVI, onde foi batizada de “pliegos sueltos” e de “volantes”. No Brasil, o cordel chegou pelas mãos dos colonizadores portugueses e popularizou-se na Bahia e no Maranhão, especialmente. Numa perspectiva linear, o cordel tem sua origem no repente (gênero oral) e, por isso, a característica poética marcada nos extratos de rima e de métrica imprime musicalidade ao texto lido, ao	

mesmo tempo em que apresenta uma linguagem com traços linguísticos regionalistas do Nordeste e imbuída de um caráter popular. A característica híbrida do gênero em questão (literatura, imagem e extratos musicais) configura-o como uma possibilidade exemplar de trabalho inter e transdisciplinar dentro do próprio ensino da língua portuguesa, ao se tematizar, por exemplo, a leitura de Cordéis com o objetivo de oportunizar ao aluno conhecer, valorizar e respeitar a multiculturalidade e a diversidade linguística inerentes ao nosso país, do ensino de arte (música e artes plásticas) e do ensino de geopolítica (geografia e história) do Brasil. Neste sentido, o cordel é um exemplo de que a linguagem literária presente no cordel é comprometida com a polissemia, com o plural, porquanto não é apenas um objeto linguístico, mas sobretudo estético.

Título do Trabalho: Projeto de pesquisa: teatro e literatura.

Autor(es): Maria Marta Carrijo de Oliveira

E-mail: : mcarrijodeoliveira@yahoo.com.br

Resumo: O teatro é uma atividade que contribui com a aprendizagem de diferentes áreas do conhecimento, o desenvolvimento pessoal, social e cultural. Promove a construção de significados tendo por base uma metodologia lúdica, ampliando o imaginário, a criatividade e a concentração. Para a encenação a criança precisa ter à disposição meios de comunicação e interação, com uma linguagem variada, entonação de voz própria, material lúdico para a representação dos personagens. O ambiente a ser experienciado deve se aproximar do cotidiano da criança, pois como diz Vigotski (2003, p.110), “qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”, para que venha a contribuir na elaboração dos significados a serem aprendidos. O ensino pelo teatro proporciona o alcance de diferentes objetivos, sendo o nosso foco favorecer a (inter)relação da criança com todas as áreas do conhecimento e entre outros indivíduos. A literatura infantojuvenil proporciona grandes oportunidades e meios para oferecer aos alunos, tanto em fase inicial de alfabetização quanto aos anos seguintes, a possibilidade de crescimento da competência de leitor e sabedor dos conteúdos a serem trabalhados nas diferentes disciplinas. O ensino de literatura na escola deve ter um propósito social, com a intenção de inserir o indivíduo numa sociedade onde o conhecimento é fator importante à formação do cidadão integrado nessa sociedade (Franchetti, 2009). Para Cândido (2011, p.188) a literatura é vista e aceita como uma necessidade universal pois, forma a personalidade, desenvolve sentimentos e organiza o indivíduo na sociedade que se insere, tornando-o mais humano. E, na necessidade de formar bons leitores, a literatura na escola, obriga a manipular e ludibriar os alunos no jogo mágico das palavras, levando-os a inebriar da magia e transparecer o leitor/autor que existe em cada um. Sendo assim, o trabalho com o teatro vem incentivar e promover situações que favoreçam a leitura que venham a provocar no aluno momentos de análise crítica, fortalecendo sua personalidade, humanizando-o no sentido de influenciar na construção e desenvolvimento de uma sociedade melhor.

Título do Trabalho: O ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais para alunos do ensino fundamental - anos finais.

Autor(es): Walleska Bernardino Silva

E-mail: walleskabs@yahoo.com.br

Resumo: Esta comunicação objetiva problematizar o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais a alunos do ensino fundamental – anos finais, considerando a dificuldade dos professores em tornar esse conteúdo significativo aos discentes. Partimos da hipótese de que esse processo deva acontecer de forma reflexiva e o mais descontraída possível, focando os efeitos de sentido gerados a partir dos usos da (contra)norma. Isso porque a gramática é fundamental para o ensino de uma língua, mas restringir-se a ela não basta. Nesse sentido, apresentaremos algumas intervenções pedagógicas trabalhadas com os alunos de 8º e 9º anos, entendendo que ao professor cabe, de forma gradual, leve e reflexiva, a tarefa de mediar a aprendizagem, enquanto ao aluno cabe a mobilização para a construção do próprio saber.

Título do Trabalho: A língua em uso: uma proposta de multiletramentos voltada para o ensino de ortografia.	
Autor(es): Thais Nunes Xavier dos Santos	E-mail: tatanx18@hotmail.com
Resumo: Este trabalho versa sobre o ensino de ortografia nas aulas de língua portuguesa, ancorado em uma proposta de multiletramentos. Uma vez observada a crescente dificuldade dos alunos em escrever de acordo com os padrões ortográficos da língua, tornou-se necessária a elaboração de uma proposta de ensino, baseada nos multiletramentos, que abordasse de forma clara, objetiva e prazerosa, o trabalho com a ortografia. Nossa proposta baseia-se em fundamentos teóricos sustentados pelos autores Rojo e Moura (2012), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Morais (2010), acerca de estudos sobre letramento, multiletramentos, letramentos digitais e ensino de ortografia. É recorrente nas produções textuais dos alunos, independente do gênero em foco, muitos problemas oriundos de dificuldades ortográficas. As aulas de língua portuguesa, em sua maioria, apresentam aos alunos o sistema ortográfico e de escrita da língua, norteados por regras e normas da gramática normativa, baseadas em situações comunicativas artificiais e descontextualizadas, nas quais os alunos são inseridos de forma equivocada. A exemplo disso, os livros didáticos apresentam a seção referente aos aspectos fonéticos e fonológicos da língua relacionados à ortografia muito reduzida. O ato de escrever, produzir um texto só é possível porque o ser humano consegue se comunicar através da linguagem numa relação dialógica. Desta forma, a produção de texto do aluno tem uma intenção principal de que o outro leia o seu texto. Ou seja, o objetivo de quem escreve um texto é atingir um leitor, para que o outro o leia. Assim, é importante que o aluno desenvolva a consciência de que, ao escrever, o outro terá contato com o que escreveu, com seu texto, suas ideias e seu conhecimento sobre os recursos linguísticos necessários para que o texto faça sentido, numa relação coerente e coesiva. Uma vez que o texto expressa as mais variadas facetas do autor, é necessário que o indivíduo escreva de maneira que o seu leitor o compreenda. Dessa forma, o ensino da convenção ortográfica é relevante para que o aluno possa expressar-se dentro dos padrões formais da escrita, mediante situações comunicativas as quais lhe exigem um comportamento linguístico mais formal. Por este viés, uma proposta de multiletramentos pode ser uma opção eficaz para se ensinar a ortografia, atendo-se a outros aspectos linguísticos e culturais, além de regras ortográficas. Destinada a alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, os quais podem apresentar em seu histórico escolar uma crescente dificuldade ortográfica, quando analisadas as suas produções textuais.	

GRUPO DE TRABALHO 17

Data: 26 e 27 de Outubro de 2017 – Quinta e Sexta-feira

Horário: 14h as 18h

Local: CAp da Escola de Educação Básica da UFU

GT 17	Título: Jogos pedagógicos: estratégias para atividades interdisciplinares.			
	Coordenação: Profa. Esp. Janine Cecília Gonçalves Peixoto; Profa. Esp. Léa Aureliano de Sousa Machado; Profa. Me. Vaneide Corrêa Dornellas.			
	Resumo: Os jogos pedagógicos para a alfabetização são amplamente estudados e divulgados entre os pesquisadores na área da educação básica. Os jogos didáticos-pedagógicos são criados intencionalmente para promover o ensino e aprendizagem de algum conteúdo/disciplina, de modo mais lúdico e significativo. Sendo assim, de que maneira os jogos didáticos-pedagógicos interferem nos processos de aprendizagem e nas relações entre os participantes? Como as inter-relações entre as crianças podem se tornar menos competitivas e mais colaborativas, contribuindo para uma sociedade mais humanizada e preocupada com todos e cada um? De que maneira os professores podem utilizar jogos pedagógicos para desenvolver em sala de aula atividades interdisciplinares? O jogo pode ter características facilitadoras no que tange à interação entre as pessoas, nas relações humanas, nos conhecimentos, saberes e experiências. Esse grupo e trabalho objetiva promover a troca de experiências em relação aos jogos pedagógicos, a ludicidade e a aprendizagem em diferentes conteúdos trabalhados na alfabetização, por meio de propostas que estimulem a capacidade de leitura, interpretação e raciocínio das crianças. Com o estudo e aplicação dos jogos didáticos pedagógicos em sala de aula, podemos constituir um aprendizado mais significativo e qualitativo.			
Pesquisa / Relato		Autores	Data	Sala
1. Jogos didáticos pedagógicos em uma perspectiva interdisciplinar e inclusiva.		Janine Cecília Gonçalves Peixoto	27/10	217
2. A contribuição dos jogos nas práticas educativas de alfabetização.		Vaneide Corrêa Dornellas	27/10	217
3. Alfabetização matemática – Entendendo a matemática por meio de jogos.		Léa Aureliano de Sousa Machado	27/10	217

CADERNO DE RESUMOS GT 17

Título do Trabalho: Jogos didáticos pedagógicos em uma perspectiva interdisciplinar e inclusiva.	
Autor(es): Janine Cecília Gonçalves Peixoto	E-mail: janinecgp@ufu.br
Resumo: Os jogos pedagógicos para o Ensino Fundamental são amplamente estudados e divulgados em pesquisas de muitos educadores. Sendo assim, de que modo os jogos didáticos-pedagógicos interferem nos processos de aprendizagem e nas relações entre os participantes? Como as inter-relações entre as crianças podem se tornar menos competitivas e mais colaborativas, contribuindo para uma sociedade mais humanizada, inclusiva? Por um lado, os jogos ampliam a capacidade do raciocínio lógico no desenvolvimento infantil, por outro pode se tornar uma concorrência nas questões de relações humanas e cooperativas dentro do espaço da sala de aula. Assim, os jogos podem ter características facilitadoras no que tange à interação entre as pessoas, nas relações humanas, nos conhecimentos, saberes e experiências, características relacionadas à uma perspectiva sócio interacionista, segundo Vygotsky. Consideramos que os jogos pedagógicos e didáticos, promovem a construção do pensamento, auxilia a criança no	

desenvolvimento linguístico, na escrita e no raciocínio lógico-matemático. Jogar, em sala de aula, amplia a aprendizagem, auxilia o professor no processo educativo, favorece as relações interpessoais: professor/aluno - aluno/aluno – professor/aluno/contexto social, e promove a inclusão pois todos auxiliam todos, independentemente das necessidades de cada um. Esse projeto, já em andamento, tem a intenção de aprofundar os estudos sobre os jogos didáticos pedagógicos, as maneiras e as possibilidades de aplicações em sala de aula, utilizando estratégias interdisciplinares de ensino, que permita, de forma lúdica e interativa, aprendizagens significativas. Articular diferentes disciplinas, contextualizar os conteúdos de forma interdisciplinar e favorecer um saber ampliado dos conhecimentos linguísticos, matemáticos, históricos, geográficos e científicos, alinhados ao planejamento do ano/série, são os principais objetivos deste projeto, desenvolvido na Escola de Educação Básica/Eseba, com alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Deste modo, o projeto em andamento desenvolve ações de planejamento e organização dos jogos, aplicação e análise pedagógica, com a orientação da professora e autora do projeto e auxílio da bolsista do PROGRAD (Programa de Bolsas de Graduação). Esse projeto demonstra como a partir dos jogos obtemos informações significativas no que se refere às interações sociais, aprendizagem, trabalho interdisciplinar e registro pedagógico, contextualizam o conhecimento às crianças e permitem que o processo de inclusão aconteça.

Título do Trabalho: A contribuição dos jogos nas práticas educativas de alfabetização.

Autor(es): Vaneide Corrêa Dornellas

E-mail: vaneidedornellas@hotmail.com

Resumo: A busca de estratégias de ensino e ferramentas que promovam a construção do conhecimento pela criança deve ser fundamental para o professor alfabetizador. O aprendizado da leitura e escrita, bem como de cálculos e o desenvolvimento do raciocínio lógico não deve ser visto como atividade mecânica e repetitiva, sem a necessidade de reflexão pela criança. É importante que o aprendiz se aproprie, de modo consciente, de como funciona a língua e/ou a Matemática. Os jogos na alfabetização podem ajudar as crianças se tornarem mais autônomas na apropriação da escrita, do raciocínio e envolver ainda, conteúdos das Ciências, tanto sociais quanto da natureza. Jogando, a criança consegue, com mais facilidade comparar, criar, analisar, associar, nomear, calcular, classificar, compor, conceituar, e despertar o interesse pelos temas propostos. Os desafios, brincadeiras e prazer proporcionados pelos jogos podem levar as crianças a diferentes níveis de compreensão de forma lúdica, divertida e espontânea. Além de poder potencializar a criatividade e contribuir para o progresso intelectual das crianças, são recursos valiosos e motivadores do processo de aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades

Título do Trabalho: Alfabetização matemática – Entendendo a matemática por meio de jogos.

Autor(es): Léa Aureliano de Sousa Machado

E-mail:

Resumo: O trabalho que se segue, surgiu do desejo em pesquisar as dificuldades que uma significativa parcela de alunos apresentava na realização de atividades relacionadas a interpretação de situações matemáticas. Utilizando-se dos jogos é possível oferecer aos mesmos possibilidades de participar de um processo investigativo de descoberta de estratégias que consigam desenvolver esta área de conhecimento, bem como ampliar as habilidades relacionadas a leitura e escrita. Alguns pesquisadores colocam também o uso da comunicação como um facilitador da aprendizagem que articulado com a matemática contribui para o desenvolvimento e consolidação das habilidades que envolvem o raciocínio lógico. Desta forma seria possibilitado a criança desenvolver suas potencialidades de forma abrangente e relacional. Estas habilidades de comunicação, bem como a cooperação, raciocínio lógico, compreensão de regras entre outras podem ser potencializadas através de jogos. São recorrentes as falas de profissionais da educação no que tange às dificuldades apresentadas por alunos na resolução de situações problemas, na dificuldade em ordenar o raciocínio lógico, bem como compreensão dos enunciados. É perceptível que há uma lacuna, a dificuldade entre o que é proposto nas atividades e como o aluno percebe as mesmas e as interpreta. A escolha do tema surge desta necessidade de se dar maior ênfase às questões relacionadas a resolução de problemas expressos por situações orais, textos ou representações matemáticas e que utilize conhecimentos relacionados aos números, às medidas, aos significados das operações, selecionando um procedimento de cálculo pessoal ou convencional por meio dos jogos.